ISSN 1413-4063

psicologia revista

Revista da Faculdade de Psicologia da PUC-SP

Enfrentando o morrer

Adolescentes e inalantes

Psicologia e globalização

Neurose e histeria

Famílias recasadas

História da Psicologia no Brasil

Desenvolvimento emocional primitivo

Psicologia Sócio-Histórica

Número 8 - Maio 1999

educ FAPESP

FAÇA SUA ASSINATURA DA Psicologia Revista

A Faculdade de Psicologia da PUC-SP iniciou em 1995 a edição do periódico ***Psicologia Revista***, que tem entre seus objetivos:

Contribuir com a produção do conhecimento em Psicologia, através de divulgação de trabalhos, tanto de pesquisadores e pensadores da PUC-SP quanto dos externos a ela, que possuam relevância e qualidade reconhecidas pela comunidade acadêmica.
*Influenciar positivamente a busca de qualidade da produção de conhecimento em Psicologia e o debate a respeito de em que ela consiste, pelo estabelecimento de um procedimento de análise de qualidade para a seleção de artigos para publicação (**filtro de qualidade**) e pelo compromisso de manter em contínua rediscussão, pela comunidade acadêmica, os critérios que o constituem.*

A ***Psicologia Revista*** publica: relatos de pesquisa, artigos teóricos, revisões de literatura, resenhas críticas, entrevistas, resumos de dissertações e teses, comunicações sobre pesquisa em andamento, debates e palestras (vide Normas para apresentação e publicação).

Os artigos são avaliados por um Conselho Científico de alto nível, composto por profissionais especializados de diversas instituições de ensino brasileiras.

A assinatura anual inclui dois números que são publicados semestralmente.

Solicite sua assinatura através do formulário anexo, seguindo as instruções nele apresentadas.

Os valores para assinatura são variáveis, de acordo com sua opção. Para números avulsos, é de R$ 12,00.

Psicologia Revista

Revista da Faculdade de Psicologia da PUC-SP
Formulário para aquisição – Assinatura ou Avulsa

O valor da assinatura é variável de acordo com sua opção. Veja opções abaixo.
O valor do número avulso é de R$ 12,00.

Envie este formulário preenchido, anexando cheque nominal a **Ana Mercês Bahia Bock**, no valor da opção feita, ao endereço abaixo:

Faculdade de Psicologia da PUC-SP
Psicologia Revista
a/c - Luci Cristina S. D'Aloisio
Rua Monte Alegre, 984 - sala T.54 - Perdizes
Cep 05014-001 - São Paulo - SP

Telefone para contatos: (011) 3670-8155

Nome.....
Endereço.....
Cep..... Cidade..... Estado.....
Telefone..... Profissão.....

Data..... Assinatura.....

Indique abaixo a opção desejada	**Quantidade**	**Preço Unit.**	**Total**
Assinatura 2000 - nºs 8 e 9		R$ 20,00	
Assinatura 1999/2000 - nºs 7, 8 e 9		R$ 32,00	
Assinatura 1999 - nºs 6 e 7		R$ 20,00	
Publicadas de 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 (pacote)		R$ 80,00	
Números avulsos - 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 (cada)		R$ 12,00	
TOTAL	////////////////	////////////////	

Cheque nº..... Agência..... Banco.....

psicologia revista

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Reitor
Antonio Carlos Caruso Ronca

Vice-reitora Acadêmica
Sueli Cristina Marquesi

Faculdade de Psicologia da PUC-SP

Direção
Ana Mercês Bahia Bock

Vice-direção
Kátia El Id

Catalogação na Fonte – Biblioteca Reitora Nadir Kfouri Gouvêa – PUC-SP

Psicologia Revista / Faculdade de Psicologia da PUC-SP. – N. 8 (1999) – São Paulo: EDUC

1995 -

Semestral

ISSN 1413-4063

1. Psicologia – periódicos. I. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Faculdade de Psicologia.

CDD 150.05

Indexada no LILACS

ISSN 1413-4063

psicologia revista

Revista da Faculdade de Psicologia da PUC-SP

educ FAPESP

Psic. Rev. S. Paulo - n. 8 - p. 1-159 - maio 1999

psicologia revista

Editores
Noely Montes Moraes
Rosane Mantilla de Souza

Conselho Editorial
Chica H. Guimarães
Eliana Bertolucci
Maria Cecília Vilhena M. Silva
Marina Pereira Gomes
Rosa Macedo
Natália Alves Barbieri
(Centro Acadêmico)
Maria Elizabeth Montagna
Odette de Godoy Pinheiro

Conselho Científico

Antonio Virgílio Bittencourt Bastos
Universidade Federal da Bahia

Bernardete Angelina Gatti
Departamento de Pesquisas Educacionais Fundação Carlos Chagas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Educação - PUC-SP

Carlos Roberto Drawin
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal de Minas Gerais

Carolina Martuscelli Bori
Núcleo de Pesquisa sobre Ensino Superior - USP

César Ades
Departamento de Psicologia Experimental Instituto de Psicologia - USP

Claudia Lemos
Instituto de Estudos de Linguagem - Unicamp

Iray Carone
Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade Instituto de Psicologia - USP

Liana Fortunato Costa
Universidade de Brasília

Luis Carlos Nogueira
Departamento de Psicologia Clínica
Instituto de Psicologia - USP

Luiz Roberto Monzani
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Unicamp

Maria Clotilde Rossetti Ferreira
Departamento de Psicologia e Educação
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP

Maria Ruth Gonçalves Pereira
Departamento de Psicodinâmica
Faculdade de Psicologia - PUC-SP

Mathilde Neder
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica - PUC-SP

Mauricio Knobel
Universidade Estadual de Campinas - Unicamp
International Federation for Medical Psychotherapy
Fundação Campineira de Saúde Mental

Pedrinho Árcides Guareschi
Instituto de Psicologia - PUC-RS

Peter Kevin Spink
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social - PUC-SP Fundação Getúlio Vargas

Silvia Tatiana Maurer Lane
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social - PUC-SP

Ubiratan D'Ambrosio
Universidade Estadual de Campinas - Unicamp Conselho Diretor do Núcleo de Apoio à Cultura e Extensão - Arte, Tecnologia e Comunicação (NACEATC), da Universidade de São Paulo

Valentim Gentil Filho
Departamento de Psiquiatria
Faculdade de Medicina - USP
Instituto de Psiquiatria - Hospital das Clínicas da FMUSP

Yolanda Cintrão Forghieri
Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade Instituto de Psicologia - USP

Correspondência e assinaturas:
psicologia revista
Rua Monte Alegre, 984, Sala T-53 - 05014-0001 - São Paulo - SP
Fone (011) 3670-8155 - KS22 - Das 9:00 às 18:00

educ

Direção
Maria do Carmo Guedes
Maria Eliza Mazzilli Pereira
Coordenação Editorial e Revisão
Sonia Montone
Preparação de Originais
Sergio Vasconcelos de Luna
Revisão de Texto em Espanhol
Cesar Cotillo Barbachán
Revisão de Texto em Inglês
Carolina Siqueira Penteado

Editoração Eletrônica
Waldir Antonio Alves
Projeto Gráfico
Carla Regina de M. Castilho

Educ - Editora da PUC-SP
Rua Ministro Godói, 1213 - 05015-001 - São Paulo - SP
Telefax: (11) 3873-3359 e 262-6003
E-mail: educ@pucsp.br

Sumário

Editorial 7

Artigos

Enfrentando o morrer: a experiência de luto(a) do paciente com câncer avançado e de seus familiares
(Coping with death: the grieving experience of patients with advanced cancer and their relatives)
Ivânia Jaan 11

Você já cheirou lança-perfume? Um estudo sobre o uso de inalantes por alunos das escolas públicas dos bairros de classe média da cidade de São Paulo
(Have you ever inhaled "lança-perfume"? A study about the use of inhalants by students in middle class public schools in São Paulo)
Hilda Regina Ferreira Dalla Déa, Fernanda de Almeida, Mariana Telles Silveira e Verônica Campos Toledo 23

Psicología y globalización económica: líneas de desarrollo en el marco de un mundo en crisis
(Psicologia e globalização econômica: perspectivas de desenvolvimento em um mundo em crise; Psychology and economic globalization: development perspectives in a world in crisis)
Alma Herrera Marquez 41

Notas sobre as noções de doença, neurose e histeria na *Encyclopédie* (1751-1780) e no *Dictionnaire des Sciences Médicales* (1812-1822)
(Notes on the notion of disease, neurosis and hysteria in the Encyclopédie *(1751-1780) and in the* Dictionnaire des Sciences Médicales *(1812-1822))*
Sidnei José Cazeto 63

Famílias recasadas: uma análise da literatura psicológica
(Remarried families: an analysis of the psychological literature)
Iara C. Z. Guerriero, Adriana Leônidas Oliveira e Marilza T. S. Souza 77

Quadro de referências sobre a história da psicologia no Brasil: 1930-1962
(A reference framework about the history of psychology in Brazil: 1930-1962)
Mitsuko Aparecida Makino Antunes e Colaboradores 97

Desenvolvimento emocional primitivo. Uma metáfora para a construção da clínica winnicottiana
(Primitive emotional development: a metaphor to the construction of the winnicottian clinic)
Maria Laurinda Ribeiro de Souza 133

A metodologia de análise na proposta da Psicologia Sócio-Histórica para a produção de conhecimento
(Methodology of analysis in the social-historic psychology's proposal for knowledge production)
Elisa Zaneratto Rosa 143

Normas 157

Editorial

Finalizar um número de nossa *Psicologia Revista* e poder apresentá-lo ao público é sempre motivo de satisfação e orgulho, por podermos mais uma vez oferecer um conjunto de artigos de alta qualidade e que cobrem uma ampla gama de temáticas psicológicas.

Apesar das dificuldades que vimos enfrentando para manter a periodicidade de nossa revista, começamos agora a ampliar nossos horizontes de autores, recebendo contribuições não só de nossa Universidade e estado, mas de todo o Brasil e da América Latina, favorecendo um intercâmbio e divulgação mais ampla do trabalho de todos.

Os artigos que compõem este número são uma mostra significativa da perspectiva generalista e renovadora de nosso periódico. Apresentamos alternativas de interesse aos mais diferentes profissionais de Psicologia.

Psicologia e globalização econômica traz a contribuição de uma autora latino-americana, apresentando discussão ampla sobre a situação mundial e a Psicologia no México, atraindo-nos para uma reflexão sobre a temática no Brasil. Temas aplicados, como *Enfrentando o morrer* e *O desenvolvimento emocional primitivo,* oferecem alternativas ao psicólogo profissional e o artigo *Você já cheirou lança-perfume?*, embora seja um relato de pesquisa, também é texto que traz informações relevantes para os educadores e clínicos. Finalmente os pesquisadores e historiadores poderão se favorecer de quatro trabalhos bibliográficos bastante diversos como o *Notas sobre as noções de doença, neurose e histeria, Famílias recasadas, Quadro de referência sobre a História da Psicologia no Brasil* e a *Metodologia Sócio-Histórica.*

Nossa *Psicologia Revista* fecha seu quinto ano de existência com dificuldade, mas também com êxitos. Manter coesa uma linha editorial pluralista e de alta qualidade tem sido tarefa árdua; no entanto, temos contado com o apoio de um número significativo de amigos, colegas e consultores *ad hoc*[1]. Favorecer uma uniformidade e qualidade de texto, por outro lado, só tem sido possível através do projeto primoroso do professor doutor Sérgio Vasconcelos de Luna, que, além do trabalho propriamente dito, tem sido um grande incentivador e conselheiro.

1 Os créditos nominas aos consultores *ad hoc* são apresentados uma vez por ano, sempre na revista de número ímpar.

Ampliar nosso Conselho Científico para facilitar a divulgação e penetração de nosso periódico é agora a nova meta, e já contamos com a participação do professor doutor Antonio Virgílio Bittencourt Bastos, da Universidade Federal da Bahia, e da professora doutora Liana Fortunato Costa, da Universidade de Brasília, aos quais agradecemos antecipadamente a colaboração.

Enfrentar múltiplos desafios é, de fato, a tarefa do próximo milênio para todos no planeta, para a *Psicologia Revista*, obviamente, também.

As Editoras

artigos

Enfrentando o morrer: a experiência de luto(a) do paciente com câncer avançado e de seus familiares

Ivânia Jaan*

RESUMO. O enfrentamento de um câncer avançado revela, por excelência, o paradoxo da existência humana que contém, dialeticamente, expressões de vida e morte. Entretanto, neste final de século, legitima-se a luta contra a doença e morte em detrimento do luto pela doença e morte. Neste sentido, investigou-se o luto antecipatório vivenciado pelo paciente e seus familiares diante de um câncer avançado e em que medida esta experiência permitiu a preparação para a morte. Tratou-se de uma investigação clínica qualitativa. Os estudos de casos foram compostos por sete pacientes com câncer avançado e seus familiares cuidadores. Os resultados indicaram que três casos desenvolveram a experiência do luto antecipatório e ela parece ter sido terapêutica para a preparação para a morte; em dois casos o luto antecipatório foi escassamente desenvolvido; e em dois casos não se observou essa experiência. Concluímos que o luto antecipatório pode ser observado quando constatado o interjogo de fatores psicossociais e fisiológicos que acompanham o paciente e seus familiares no enfrentamento de um câncer avançado.

Palavras-chave: luto antecipatório, morte, doença, cuidadores.

ABSTRACT. Coping with advanced cancer reveals the paradox of human existence, for it contains, dialectically, expressions of life and death . However, in the end of this century, the fight against disease and death is legitimized to the detriment of grieving for disease and death. In this way, the present investigation focused on the anticipatory grief experienced by the patient and family facing an advanced cancer. It also focuses on how this experience allowed for the preparation for death. It was a qualitative clinical investigation. The case studies were composed of seven patients with advanced cancer and their caring-giving relatives. The results showed that three cases experienced anticipatory grief, which seemed to have had a therapeutic effect in the preparation for death. In two cases, the anticipatory grief was not totally developed and, in two other cases, it was not observed. In conclusion, the anticipatory grief can be observed when there is the interaction of psychosocial and physiological factors among patients and their relatives when coping with advanced cancer.

Key-words: anticipatory grief, death, disease, caregivers.

O enfrentamento de uma doença que assinala um diagnóstico incurável, como o câncer, parece uma tarefa difícil neste final de século, não somente para os pacientes e familiares, mas também para os profissionais de saúde. A dificuldade parece consistir no próprio contexto sociocultural que cultiva crenças e valores que reificam a vida, rejeitam a doença e negam a morte. Tenta-se fugir do paradoxo a que está submetido todo ser humano, ou seja, de que a sua existência contém dialeticamente expressões de vida e morte.

No atendimento a pacientes com doenças avançadas, a consciência deste paradoxo não pode ser negada. Ela impõe-se de forma evidente quando, apesar dos esforços para salvar a vida do paciente, observamos o seu sofrimento

* Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP e professora do curso de Psicologia da Unisul – Florianópolis. E-mail: janniuna@iaccess.com.br

e a sua morte. Entretanto, continuamos a lidar com o paradoxo como se somente existisse a vida, ou seja, lutamos ferozmente para prolongá-la (ou ainda, o curso das doenças incuráveis) à revelia das expressões de morte e do luto que se interpõem nesta luta. Observamos, então, a dissociação entre as duas faces de uma mesma moeda, isto é, a luta contra a doença e a morte e o luto pela doença e a morte.

Esta dissociação acaba legitimando a sobreposição da luta contra o câncer em detrimento do luto pelo câncer e, de forma ressonante, pacientes, familiares, profissionais de saúde e instituições de assistência enfrentam o câncer lutando contra os seus efeitos na vida humana, ou seja, lutando contra a morte.

Consideramos muito importante o enfrentamento da vida como a luta contra a morte, pois ela vem significando, ao longo dos séculos XIX e XX, avanços nas tecnologias medicamentosas e aumento da expectativa e qualidade de vida da população. Por outro lado, perguntamo-nos como fica o enfrentamento dos indivíduos que estão diante de uma doença incurável? Será que a luta empreendida pelo paciente e pela família ante a ameaça de morte os capacita a lidar com o morrer? Tratando-se de uma doença incurável, onde a morte pode ser antecipada, os pacientes e familiares prepararam-se para a sua ocorrência?

Este conjunto de perguntas levou-nos a delimitar uma problemática de investigação, que significa a compreensão do enfrentamento da ameaça de perda e morte – imposta por um câncer avançado – e a preparação do paciente e de seus familiares para a morte.

Um dos conceitos teóricos que têm sido utilizados para compreender os aspectos do enfrentamento do paciente com câncer e sua família é o luto. Na abordagem tanto psicanalítica como etológica, luto significa, de forma genérica, um processo psicológico que ocorre em resposta a uma situação de perda e separação. Além disso, ele pressupõe um modelo de enfrentamento como a progressiva consciência da perda, experiência emocional incitada por ela e a capacidade de adaptar-se ao meio ambiente sem o objeto ou o vínculo perdido.

Lindemann (1944) destacou algumas variantes do luto normal que ele denominou luto adiado e luto distorcido. Além disso, observou que numa situação de separação, entendida como ameaça de morte, pode ocorrer a antecipação do luto, ou seja, o luto antecipatório.

Elegemos o conceito do luto antecipatório para compreender a nossa problemática, pois entendemos que ele significa a possibilidade de chegar a um acordo com a realidade da perda e, desta maneira, preparar-se para a ocorrência da morte. Pesquisadores sobre o luto antecipatório, como Siegel e Weinstein (1983), têm apontado a sua relevância na prática clínica com pacientes com doenças avançadas. Ele permite que o familiar imagine o papel de enlutado e comece a elaborar as mudanças que tipicamente acompanham a progressiva ameaça de morte.

Rando (1986) aponta que a importância de trabalhar o luto antecipadamente consiste na possibilidade de realizar prevenção primária, quanto aos aspectos que podem predispor os familiares a um pobre ajustamento posterior à morte, como o aumento da pressão financeira, física, social e emocional, disrupções na família a longo prazo, visão do progressivo declínio físico e emocional do paciente e longos períodos de incerteza.

Na nossa perspectiva, entendemos que a experiência do luto antecipatório, ao privilegiar a inclusão da consciência da morte antecipada, durante o enfrentamento de uma doença avançada, permite que, paradoxalmente, seja realizado o luto pela vida, enquanto se tem vida. E, assim, o enfrentamento do morrer passa a ser a articulação dialética do luto pela vida enquanto se luta pela vida. Além disso, observamos que, ao privilegiarmos o conceito do luto antecipatório, entendemos que o luto pela vida é a face da moeda que se sobrepõe, de forma mais evidente, neste trabalho.

O luto antecipatório possui características que o diferenciam do luto que ocorre após a morte, embora ele faça parte do *continuum* de enlutamento experienciado pelo paciente no período pré e pós perda. A primeira diferença é que se trata de situações de perdas distintas, experienciadas em condições distintas. Na perspectiva de Rando (1986), o luto antecipatório é uma experiência que transcorre entre o recebimento do diagnóstico fatal e a morte e é estimulado pela progressiva ameaça de morte; a perda fundamental no luto antecipatório é quanto ao futuro que está sendo destruído, ou seja, os planos e expectativas. A segunda é quanto à questão da antecipação da morte e a possibilidade do desenvolvimento desta consciência. Para Pine (1986), esta consciência é condição primeira para a deflagração do luto em antecipação. E, por último, como assinalou Aldrich (1963), o luto antecipatório possui características como ambivalência, negação, esperança, progressividade e tem um tempo para terminar.

Vários autores esforçaram-se para conceituar o luto antecipatório em termos de processos psicológicos que ocorreriam diante da notícia da ameaça de morte. Futtermann, citado por Dane (1991), apresenta os seguintes processos que emergem e alcançam proeminência em diferentes pontos do tempo: reconhecimento da inevitabilidade da morte; experiência e expressão do impacto emocional da perda antecipada, reconciliação com a morte esperada, desinvestimento emocional da pessoa amada como alguém com um futuro e memorialização.

Lebow (1976) definiu o luto antecipatório como um conjunto de reações cognitivas, afetivas, culturais e sociais experienciadas pelo paciente e pela família quando a morte é esperada. Esta autora operacionalizou uma série de tarefas adaptativas para auxiliar os familiares na experiência da perda antecipada,

como: permanecer envolvido com o paciente e separar-se dele, adaptar-se a novos papéis, chegar a um acordo com a realidade da perda; expressar emoções e dizer adeus.

Rando (1986) realizou uma extensa revisão dos conceitos apresentados por Futtermann (apud Dane, 1991) e por Lebow (1976) e, a partir deles, operacionalizou a natureza do luto antecipatório. Além disso, condicionou a sua emergência ao conjunto de aspectos biopsicossociais que compõem o contexto vital dos indivíduos. Abaixo apresentamos a caracterização da autora.

Processos Intrapsíquicos	**Processos Interacionais**	**Processos Familiares e Sociais**
subprocessos: → consciência da ameaça de morte; → processos afetivos; → processos cognitivos; → planejamento do futuro.	**subprocessos:** → direcionar energia e atenção ao paciente; → resolução da relação pessoal com o paciente; → auxiliar o paciente no seu próprio luto antecipatório.	**não há subprocessos**

Para Rando (1986), as principais características do luto antecipatório dos familiares são a resolução das questões inacabadas com o paciente e a capacidade de realizar um delicado balanço entre ações mutuamente conflitivas, como permanecer com o paciente e deixá-lo partir e, ao mesmo tempo, lidar com o estresse desta incongruência.

Considerando a discriminação da abordagem do luto antecipatório e a sua apropriação para a compreensão da nossa problemática, definimos o seguinte objetivo de pesquisa: compreender a experiência do luto antecipatório que o paciente com câncer avançado e seus familiares vivem ante a ameaça de morte e perda respectivamente, ou seja, os processos intrapsíquicos, interacionais, familiares e sociais que são deflagrados, indicando o nível de elaboração do luto que estes sujeitos apresentam ao tempo da morte do paciente. Paralelamente, envolve também apontar os aspectos psicossociais que parecem ocorrer concomitantemente ao tipo de experiência de luto antecipatório verificado.

Método

A pesquisa foi desenvolvida na instituição X, referência no tratamento de pacientes oncológicos do estado de Santa Catarina. O delineamento da pesquisa pode ser caracterizado como uma investigação clínica definida como o estudo de múltiplos casos. Além disso, ela possui um corte transversal, pois avaliamos a experiência do luto antecipatório num determinado momento do enfrentamento do câncer em fase avançada, ou seja, na iminência da morte do paciente.

Os sete casos que compuseram o estudo foram escolhidos a partir de critérios como: internação na instituição X, o familiar acompanhante ser o cuidador, a morte do paciente ser percebida como iminente pela equipe de saúde e o tempo de doença do paciente (sendo estipulados os seguintes intervalos: abaixo de 6 meses, entre 6 meses e 18 meses e acima de 18 meses).

O procedimento de coleta de dados ocorreu a partir de uma situação de apoio terapêutico que foi oferecido aos pacientes e seus familiares cuidadores durante a internação hospitalar. Neste sentido, foram geradas situações de coleta de dados como a entrevista psicológica e a observação livre. Além das fontes de dados primárias, contamos com fontes de dados secundárias, como as discussões da equipe de saúde sobre o paciente – que fazia parte da pesquisa –, bem como os dados relativos aos sintomas físicos, medicação utilizada, alteração de comportamento do paciente e da família registrados no prontuário médico.

Os dados coletados nas diversas fontes – primárias e secundárias – foram analisados qualitativamente e compuseram os estudos de caso, cujo objetivo principal foi caracterizar a natureza da experiência do luto antecipatório vivenciada pelo paciente com câncer avançado e seus familiares cuidadores, ou seja, pela unidade de cuidados.

De acordo com a OMS, segundo Bromberg (1998), considera-se o paciente e a família ou a pessoa com quem ele tem uma relação mais próxima como parte de um sistema chamado de "unidade de cuidados". Nesta pesquisa, consideramos o familiar cuidador como representante da família, na composição da unidade de cuidados a ser analisada, pois era este familiar a quem tínhamos acesso durante a internação hospitalar do paciente.

O método de análise utilizado no estudo de caso foi a análise de conteúdo, descrito por Bardin (1977). Este método exige algumas etapas para sua realização. Em primeiro lugar, definimos categorias de análise *a priori* que foram utilizadas como indicadores do desenvolvimento da experiência do luto antecipatório. Em segundo lugar, passamos para organização e preparação do material bruto, ou seja, buscamos organizar todos os dados colhidos das diversas fontes de informações. Em terceiro lugar, realizamos a redução dos dados e a estruturação de um conjunto de informações geradas na segunda etapa, ressaltando os componentes do discursos, palavras e mensagens que fossem correspondentes às categorias de análise estabelecidas *a priori*. Por último, realizamos a interpretação e caracterização da natureza do luto antecipatório de cada unidade de cuidados.

Além disso, levantamos os aspectos psicológicos, sociais e fisiológicos que permearam a experiência de cada unidade de cuidado ante a ameaça de perda e morte. Para a compreensão da experiência do luto antecipatório verificada,

ressaltamos aqueles aspectos que poderiam estar facilitando ou dificultando o desenvolvimento desta experiência, bem como o impacto das variáveis que determinaram a escolha dos sujeitos.

Resultados

A seguir, apresentamos brevemente os resultados da pesquisa através de uma tabela. Posteriormente, discutimos os principais aspectos do luto antecipatório desenvolvido pelas unidades de cuidados.

Caso	Paciente	Cuidador	Tempo de doença	Luto antecipatório
1	**M.**	Filhas **N., L.** e **M.**	9 m	Desenvolvido
2	**G.**	Esposa **M.**	62 m	Desenvolvido
3	**J.**	Filhas **S.** e **E.**	39 m	Desenvolvido escassamente
4	**I.**	Esposo **A.**	5 m	Não desenvolvido
5	**I.**	Esposa **E.**	18 m	Desenvolvido
6	**J. I.**	Esposa **A.**	24 m	Desenvolvido escassamente
7	**E.**	Esposa **G.**	5 m	Não desenvolvido

No caso 1, o tempo de doença, 9 meses, teve um impacto negativo na saúde física e emocional da filha N que mais se envolveu nos cuidados da mãe. As filhas L e M não perceberam o impacto desta variável sobre a sua saúde; isto pode ter ocorrido pelo menor envolvimento nos cuidados ou, ainda, porque L já viveu o papel de cuidadora anteriormente.

Observamos que o desenvolvimento do luto antecipatório, no que diz respeito aos processos intrapsíquicos, interacionais, familiares e sociais, significou que os familiares cuidadores e a paciente chegaram a um acordo com a realidade da perda, tiveram um envolvimento adequado antes da morte – não se afastando ou se superenvolvendo; puderam resolver suas questões e despedir-se antecipadamente. Assim, apontamos que, exceto para N, o luto antecipatório desenvolvido pela unidade de cuidados parece ter sido terapêutico quanto à preparação para a morte.

No caso 2, o tempo prolongado de doença, 62 meses, não facilitou significativamente a transição para a fase final da doença e para a experiência do luto antecipatório da unidade de cuidados. Um aspecto que pode ter contribuído foi o fato de que a recuperação após o diagnóstico foi adequada e a recidiva só aconteceu depois de um longo tempo, fazendo o paciente e o familiar acreditarem na cura.

Observamos que a experiência do luto antecipatório desenvolvida pela unidade de cuidados, no que diz respeito aos processos intrapsíquicos, interacionais, familiares e sociais, permitiu o alcance da consciência e aceitação da perda e morte. A esposa conseguiu desvincular-se do paciente como alguém com um futuro, perceber que está cumprindo sua missão como esposa, imaginar-se sem a presença do esposo, antecipando alguns problemas que enfrenta-

rá no futuro. Por outro lado, o paciente e a esposa não conseguiram resolver os aspectos da sua relação conjugal e as questões inacabadas entre eles. Apesar disso, apontamos que o luto antecipatório desenvolvido pela unidade de cuidados, principalmente pela esposa, parece ter sido terapêutico quanto à preparação para morte.

O tempo prolongado de doença, 39 meses, não foi decisivo, no caso 3, para a facilitação da percepção da ameaça de perda e elaboração do luto antecipatório, pois a família teve dificuldade de realizar a transição para a fase final. O diagnóstico da doença terminal só foi revelado explicitamente a alguns familiares 3 meses antes da morte do paciente.

Observamos que a unidade de cuidados teve dificuldade em desenvolver o luto antecipatório, no que diz respeito ao processo intrapsíquico (a conciliação com ameaça de perda), processos interacionais (fechamento de questões inacabadas), processos familiares e sociais que permitissem a aceitação da morte. Entretanto, observamos que as filhas cuidadoras desenvolveram um dos aspectos do processo interacional que é o envolvimento adequado nos cuidados do paciente. Assim, apontamos que o luto antecipatório desenvolvido pela unidade de cuidados parece ter sido escasso quanto à preparação para a morte.

O caso 4 indicou que o tempo de doença foi breve (5 meses), o que dificultou a percepção do esposo da ameaça de perda, adaptação e manejo das demandas da doença terminal e o engajamento na experiência do luto antecipatório. Um aspecto que contribuiu para a dificuldade da experiência do luto antecipatório foi a natureza dependente do vínculo conjugal, o seu tempo de duração – 58 anos – e o estágio profissional no qual se encontravam a paciente e o esposo: a aposentadoria.

Observamos que a unidade de cuidados teve dificuldade em desenvolver o processo intrapsíquico (conciliação com ameaça de perda), processos interacionais (fechamento de questões inacabadas), processos familiares e sociais que permitissem a aceitação, em algum nível, da morte. Neste sentido, apontamos que a experiência do luto antecipatório desenvolvida pela unidade de cuidados foi escassa quanto à preparação para a morte.

No caso 5 observamos que o tempo de doença, 18 meses, permitiu a realização das adaptações necessárias ao período terminal e teve um impacto positivo na habilidade da unidade de cuidados em elaborar o luto antecipatório.

A experiência do luto antecipatório desenvolvida pela unidade de cuidados, no que diz respeito aos processos intrapsíquicos, interacionais, familiares e sociais, significou que o paciente, a esposa e os filhos realizaram algumas tarefas relativas ao perdão, alcançaram um senso de fechamento, envolveram-se adequadamente durante o período terminal. Assim, apontamos que o luto antecipatório parece ter sido terapêutico quanto à preparação para morte.

Mais uma vez o tempo prolongado de doença, 24 meses, teve um impacto negativo na saúde física e emocional da esposa (A, caso 6). Entretanto, parece

que a falta de apoio, tanto familiar como no trabalho, foram os aspectos que contribuíram para a dificuldade de lidar com a doença terminal do esposo, bem como para a elaboração do luto antecipatório.

A unidade de cuidados teve dificuldade em desenvolver os processos interacionais na medida em que não foi possível o envolvimento adequado da esposa no cuidado do paciente durante a fase final. O mesmo ocorreu em relação aos processos intrapsíquicos, pois, ainda que a esposa e o paciente tenham alcançado um nível de consciência da ameaça de perda, não conseguiram conciliar-se com ela. Isto não permitiu à esposa o desenvolvimento dos aspectos relativos à mudança de identidade, imaginar-se sem a presença do esposo e antecipar alguns problemas que enfrentará no futuro. Tendo em vista estes aspectos, apontamos que o luto antecipatório foi escassamente desenvolvido a ponto de permitir uma preparação para a morte.

O caso 7 apresentou um tempo breve de doença (5 meses), dificultando a adaptação da esposa e do paciente à ameaça de perda, ao manejo das demandas da doença terminal e ao engajamento na experiência do luto antecipatório. Outros aspectos que podem ter contribuído para dificultar o luto antecipatório foram a idade do paciente, apenas 30 anos, dificuldades em relação ao diagnóstico e os conflitos conjugais e familiares que não permitiram apoio para a unidade de cuidados enfrentar a doença e a ameaça de morte.

A unidade de cuidados teve dificuldade em desenvolver o luto antecipatório no que diz respeito ao processo intrapsíquico (a conciliação com ameaça de perda), processos interacionais (principalmente, o fechamento de questões inacabadas), processos familiares e sociais que permitissem a aceitação, em algum nível, da morte. Neste sentido, apontamos que a experiência do luto antecipatório desenvolvida foi escassa quanto à preparação para a morte.

A discussão dos resultados da pesquisa pode ser realizada, primeiramente, considerando o impacto da variável tempo de doença na experiência do luto antecipatório.

A pesquisa de Rando (1986) apontou que a variável tempo de doença parece estar ligada à preparação para a morte e a adaptação dos familiares posteriormente a ela. A autora observou que pais, cujos filhos morreram com menos 6 meses de doença ou mais de 18 meses, apresentaram uma adaptação negativa após a morte do filho. E os pais, cujos filhos morreram no intervalo de 6 e 18 meses, estavam mais preparados no momento da morte do filhos, bem como se adaptaram mais satisfatoriamente depois. A autora concluiu que doenças muitos breves impossibilitam uma adequada preparação e doenças muito longas fazem com que o estresse associado ao enfrentamento da doença terminal aumente as reações de luto após a morte, como os sentimentos de ansiedade e hostilidade.

Embora na nossa pesquisa os familiares não tenham sido os pais, observamos resultados semelhantes ao de Rando (1988). As unidades de cuidado

dos casos 1 e 5, cujo tempo de doença estava no intervalo de 6 e 18 meses (sendo que a morte dos pacientes ocorreu entre 9 meses e 18 meses), desenvolveram mais plenamente o luto antecipatório e estavam melhor preparadas no momento da morte. Nos casos 4, 7, 3 e 6, cujo tempo de doença estava abaixo de 6 meses ou acima de 18 meses, respectivamente (sendo que duas mortes ocorreram em 5 meses e as restantes em 24 meses e 39 meses), as unidades de cuidado apresentaram dificuldades no desenvolvimento do luto antecipatório e estavam menos preparadas no tempo da morte, com exceção da unidade de cuidado do caso 2, que desenvolveu alguns aspectos do luto antecipatório (sendo que a morte do paciente ocorreu em 62 meses).

Estes resultados podem, entretanto, ser discutidos a partir de outros fatores que compuseram as particularidades dos casos investigados. Neste sentido, levantamos o impacto da assunção do papel do cuidador, juntamente com outros papéis familiares, sobre a experiência do luto antecipatório (Caso 6: esposa A.); o superenvolvimento nos cuidados do paciente (Caso 1: filha N. e Caso 2: esposa M.) e o vínculo entre o paciente e o familiar (Caso 4: esposo A.).

Quanto aos efeitos do papel de cuidador sobre o desenvolvimento do luto antecipatório do familiar, Hegge (1991, p. 30) indica que

> (...) o manejo das questões financeiras e domésticas pode falhar, exigindo do cuidador novas habilidades. O padrão de alimentação e sono pode ser desorganizado pelas necessidades do esposo. Conseqüentemente, uma inadequada nutrição e repouso podem comprometer a habilidade funcional do cuidador. Estes ajustamentos são normais no processo de luto, mas para o cuidador eles precedem a morte do paciente. Enquanto o cuidador permanece o tempo todo cuidando, ele deve enfrentar os efeitos desorganizadores das reações de luto. Ele não poderá completar o processo de luto até que a separação final tenha ocorrido, pois os cuidados exigidos pelo esposo são muito intensos.

Com relação à influência do vínculo entre o familiar e o paciente sobre o luto antecipatório, Bowlby (1993) revela que, no caso de pais de crianças com doenças fatais, o processo do luto começa no momento em que é comunicado o diagnóstico, e o luto antecipado geralmente é mais completo do que o luto de um dos cônjuges. Na opinião do autor, ele raramente é elaborado ao tempo da morte.

A importância de se reconhecer e apontar os aspectos psicológicos, sociais e fisiológicos que concorrem para a verificação da experiência do luto antecipatório no contexto de uma doença avançada vai ao encontro da proposta de Rando (1988) e Fulton e Gottesman (1980), que o percebem como um fenômeno psicossocial, o que significa que compreender que o luto antecipatório, antes de ser um fenômeno puramente intrapsíquico, consiste num fenômeno psicossocial ativo que envolve a família, o paciente e a equipe de saúde.

Com relação às questões metodológicas sobre a investigação da experiência do luto antecipatório, observamos que a revisão da literatura tem apontado problemas quanto às pesquisas delineadas retrospectivamente, principalmente

quanto à operacionalização do que constitui a ameaça de perda (por exemplo: percepção da ameaça de perda pelo familiar, tempo e profundidade da doença, reação de depressão e raiva) que deflagraria o luto antecipatório. A presente pesquisa foi delineada com um corte transversal, ou seja, os dados foram coletados apenas em um momento, a fim de verificar a experiência do luto antecipatório ocorrendo ao tempo da ameaça de perda. Neste sentido, a coleta de dados ocorreu, em média, de 3 a 4 semanas antes da morte do paciente.

Este procedimento permitiu que pudéssemos verificar a experiência do luto antecipatório desenvolvida pela unidade de cuidados até a iminência da morte do paciente e apontar os aspectos que contribuíram para a sua não ocorrência ou escassez. Por exemplo, reações defensivas ou negação da ameaça de perda, informações inadequadas sobre a profundidade da doença, natureza do vínculo entre o paciente e o familiares, conflitos familiares, efeitos do papel de cuidador sobre o familiar enlutado.

Um dos problemas, quanto a este procedimento, foi o fato de a coleta de dados relativa à experiência do luto antecipatório do paciente ter ficado prejudicada, em função do comprometimento físico e dos sintomas incapacitantes do paciente. Neste sentido, ao analisarmos a experiência do luto antecipatório da unidade de cuidados, dispusemos apenas das informações dos familiares, com exceção do caso 7.

Outra dificuldade observada quanto à coleta de dados foi em relação aos próprios familiares cuidadores. Estes encontravam-se ansiosos ante a consciência da morte iminente e muitos necessitavam ficar constantemente ao lado do paciente, o que dificultava o acesso a eles.

Além disso, a ansiedade mobilizada pode ter prejudicado a verificação de alguns aspectos da experiência do luto antecipatório, considerando que Bromberg (1997), em sua pesquisa, observou que, diante da consciência de morte e da ansiedade mobilizada, os familiares e pacientes diminuíram a sua interação. Nas palavras desta autora,

> O *insight* do paciente tornou-se evidente quanto a ter consciência do prognóstico nas três últimas semanas de vida. O mesmo se deu com os familiares. Com esses dados, é possível afirmar que saber o prognóstico não acarreta automaticamente uma elaboração da ansiedade; ao contrário, eleva-a e está relacionada ao controle de sintomas e à presença de dor incontrolável. A consciência da morte próxima é fator desencadeante da ansiedade, tanto no paciente quanto na família, e leva à constatação de uma outra dificuldade, de grande impacto no quadro familiar. Trata-se da comunicação entre paciente e família. Na última semana de vida, as conversas sobre a doença são evitadas, e são substituídas também as conversas superficiais que, mesmo assim, ainda existiam nas semanas anteriores. (p. 212)

Considerando os resultados expostos até o momento, apontamos que a ameaça de morte e perda, diante do câncer avançado, deflagra reações de luto antecipadas, e que a sua elaboração parece permitir a preparação dos pacientes e de seus familiares para a ocorrência da morte. Entretanto, a experiência e

elaboração do luto antecipatório dependeram de um conjunto de aspectos. Nesta pesquisa, verificamos a importância de reconhecer os efeitos do fator tempo de doença, os efeitos da assunção do papel de cuidador – juntamente com outros papéis familiares – e a natureza do vínculo entre o paciente e o familiar.

Considerações finais

Parece que para o homem moderno é mais difícil, diante de uma doença avançada, lutar contra ela, enlutando-se. O que é muito diferente do homem medieval que, de acordo com Ariés (1977), esperava a morte no leito e fazia deste momento um ritual em que todos os membros da comunidade lutavam contra a morte, enlutando-se pelas perdas e ruptura que ela impunha na vida cotidiana.

A dificuldade, do nosso ponto de vista, parece decorrer do fato de que o homem, atualmente, não articula o paradoxo da existência humana, a vida e a morte, dialeticamente. Ou seja, não inclui a dimensão do luto na luta pela vida, ou vice-versa, a dimensão da luta no luto. A polarização deste paradoxo é observada quando percebemos que aqueles que falam da vida se dizem comprometidos com a sua luta, por exemplo, os profissionais de saúde. E aqueles que falam de morte se dizem comprometidos com o luto, por exemplo, os tanatologistas, os religiosos, os críticos do prolongamento da vida artificial, etc.

Neste trabalho, buscamos realizar teoricamente a articulação dialética das dimensões da luta e do luto pela vida, através de dois conceitos básicos sobre o processo de vida, apresentados por Marris (1993), como o impulso de conservação e de inovação.

A luta pela vida pode ser entendida como a tendência à conservação, ou seja, o impulso de defender a previsibilidade da vida, que permite a adaptação e consolidação do ser humano a qualquer ambiente; e o luto, em contrapartida, pode ser entendido como a tendência à inovação, ou seja, o impulso que permite que um novo estado se estabeleça, quando ocorre a ruptura do anterior.

Se a luta é a organização e adaptação da vida, o luto é a resposta psicológica à ruptura desta organização e a possibilidade de transformação. Se ambos atuarem conjuntamente, dialeticamente, darão origem a novas organizações, adaptações e possibilidades de existência. E, se formos às últimas conseqüências do paradoxo da luta e do luto, podemos observar que estes dois movimentos podem estar contidos e representados na mesma palavra, seja ela luta ou luto. Em espanhol, a palavra *duelo* pode ser entendida tanto como luta quanto como luto.

Talvez, após esta discussão, faça sentido o título do nosso trabalho, qual seja: *Enfrentando o morrer: a experiência de luto(a) do paciente com câncer avançado e de seus familiares.*

Referências bibliográficas

ALDRICH, K. C. (1963). The dying patient's grief. *Journal of Americam Medical Association,* v. 184, n. 5, pp. 329-331.

ARIÈS, P. (1977). *História da morte no Ocidente.* Rio de Janeiro, Francisco Alves.

BARDIN, L. (1977). *Análise de conteúdo.* Lisboa, Edições Setenta.

BOWLBY, J. (1993). *Perda: tristeza e depressão.* São Paulo, Martins Fontes, vol. 3.

BROMBERG, M. H. (1997). "Ser paciente terminal: a despedida anunciada". In: BROMBERG, M. H., BERTHOUD, C. e BORREGO, M. R. (orgs.). *Ensaios sobre formação e rompimento de vínculos afetivos.* São Paulo, Cabral.

____(1998). "Cuidados paliativos para o paciente com câncer: uma proposta integrativa para equipe, paciente e famílias". In: CARVALHO, M. M. (org.). Resgatando o viver. São Paulo, Summus Editorial.

DANE, B. O. (1991). Anticipatory mourning of midle-aged parents of adult children with AIDS. *The Journal of Contemporary Human Services,* pp. 108-115.

FULTON, R. e GOTTESMAN, D. (1980). Anticipatory grief: a psychosocial concept reconsidered. *British Journal of Psychiatry,* v. 137, pp. 45-54.

HEGGE, M. (1991). A qualitative retrospective study of coping strategies of newly widowed elderly. *The American Journal of Hospice & Palliative Care,* pp. 28-34.

LEBOW, G. H. (1976). Facilitating adaptation in anticipatory mourning. *Social Casework,* pp. 458-466.

LINDEMANN, E. (1944). Symptomatology and management of acute grief. *The Americam Journal of Psychiatry,* v. 101, n. 2, pp. 141-148.

MARRIS, P. (1993). *Loss and change.* 4. ed., London, Routledge.

PINE, V. (1986). An agenda for anticipation of bereavement. In: RANDO, T. (org.). *Loss and anticipatory grief.* Massachusetts/Toronto, Lexigton Books.

RANDO, T. (1986). "A comprehensive analysis of anticipatory grief: perspectives, processes, promisses and problems". In: RANDO, T. (org.). *Loss and anticipatory grief.* Massachusetts/Toronto, Lexigton Books.

____ (1988). Anticipatory grief: the term is a misnomer but the phenomenon exists. *Journal of Palliative Care*, v. 4, n. 2, pp. 70-73.

SIEGEL, K. e WEINSTEIN, L. (1983). Anticipatory grief reconsidered. *Journal of Psychosocial Oncology*, v. 1, n. 2, pp. 61-73.

Você já cheirou lança-perfume? Um estudo sobre o uso de inalantes por alunos das escolas públicas dos bairros de classe média da cidade de São Paulo*

Hilda Regina Ferreira Dalla Déa**
Fernanda de Almeida
Mariana Telles Silveira
Verônica Campos Toledo

RESUMO. Quinhentos e noventa e cinco estudantes de escolas públicas de bairros de classe média da cidade de São Paulo responderam a um questionário de autopreenchimento com questões sobre o uso de inalantes e sobre sua opinião a respeito das pessoas que usam essas substâncias. O questionário também incluía itens sobre temperamento, extraídos do *Tridimensional Personality Questionnaire* (TPQ). O uso na vida foi relatado por 16,3% dos sujeitos, o uso freqüente por 0,7% e o uso pesado por 0,8%. As substâncias mais citadas foram o lança-perfume e a acetona. O usuário freqüente foi considerado "*uma pessoa doente, que precisa de ajuda*", tanto por usuários como por não-usuários; já o usuário ocasional foi considerado "*uma pessoa como outra qualquer*" pelos usuários e "*uma pessoa fraca, sem força de vontade*" pelos não-usuários. Os usuários obtiveram pontuações mais elevadas do que os não-usuários na escala de *busca de novidades* do TPQ. Concluiu-se que os inalantes são usados por uma parcela significativa de jovens de classe média, o que revela a necessidade do desenvolvimento de trabalhos preventivos específicos para o uso dessas drogas, que levem em conta os fatores de risco de ordem social e psicológica para o uso de inalantes nessa população, e que altas pontuações na escala de busca de novidades podem se constituir em indicadores, ou fatores de risco para o abuso de inalantes.

Palavras-chave: uso de inalantes, uso de solventes, adolescentes, uso de drogas, busca de novidades.

ABSTRACT. 595 students from middle-class public schools in the city of São Paulo answered a questionnaire about their own use of inhalants and their opinion about people who use these substances .The questionnaire included questions about temperament taken from the Tridimensional Personality Questionnaire (TPQ). Lifetime prevalence of inhalant use was reported by 16.3% of the subjects; frequent use was reported by 0.7% and heavy use was reported by 0.8% of the subjects. The frequent user was considered by users and non-users as "someone ill, who needs help". On the other hand, the occasional user was considered "a normal person" by users and "someone weak, without will strength" by non-users. Users obtained higher scores than non-users in the TPQ scale of "novelty seeking". It was concluded that inhalants are consumed by a significant number of middle class teenagers; these data reveal the need of developing specific preventive programs for inhalant users. Such programs should take into account the social and psychological risk factors for the use of inhalants in this population; high scores in the scale of "novelty seeking" might be indicators or risk factors for inhalant abuse.

Key-words: inhalant use, solvent use, adolescents, drugs use, novelty seeking.

---

* Trabalho realizado a partir dos dados obtidos pelos alunos da Disciplina Eletiva *Uso de inalantes por adolescentes: planejamento, coleta de dados e análise dos resultados de um projeto de pesquisa*, ministrada no 1° semestre de 1998 na Faculdade de Psicologia da PUC-SP.

** Hilda Regina Dalla Déa é professora associada do Departamento de Psicologia do Desenvolvimento da PUC-SP. E-mail: hildareg@uol.com.br. Fernanda de Almeida, Mariana Telles Silveira e Verônica Campos Toledo são graduandas em Psicologia da PUC-SP e foram alunas da disciplina Eletiva *Uso de inalantes por adolescentes: planejamento, coleta de dados e análise dos resultados de um projeto de pesquisa.*

Os inalantes são utilizados no Brasil desde o começo dos anos 20, quando o lança-perfume era legalmente comercializado. O lança-perfume é uma mistura de éter, clorofórmio, cloreto de etila e essência perfumada, que se evapora rapidamente ao entrar em contato com o ar. Nos carnavais de antigamente, os foliões costumavam espirrar lança-perfume uns nos outros – o jato perfumado, ao atingir a pele, produzia um "friozinho" agradável por causa de sua rápida evaporação. Mas, com o passar do tempo, esse uso "inocente" do lança-perfume foi cedendo lugar à sua utilização como inalante – espirrado em um pano levado ao nariz para produzir sensações de euforia e torpor. Depois de causar muitas mortes por parada cardíaca, o produto teve sua fabricação e comercialização proibidas na década de 60. Hoje, o lança-perfume entra no Brasil como contrabando do Paraguai e da Argentina.

Com a fabricação em massa de produtos como colas, tintas, vernizes, esmaltes, removedores, cosméticos, produtos de higiene, aerossóis, além de produtos básicos, como éter, clorofórmio, acetona ou mesmo gasolina, surgiu a inalação voluntária desses produtos.

Os efeitos da inalação aguda de solventes podem ser divididos em quatro fases: a primeira delas caracteriza-se por sintomas como *euforia*, excitação, exaltação, tonturas, perturbações auditivas e visuais. Na segunda fase ocorre a *depressão inicial* do sistema nervoso central (SNC), com sintomas de confusão, desorientação obnubilação, perda do autocontrole, visão embaçada, diplopia, cólicas abdominais, dor de cabeça e palidez. A terceira fase (*depressão média* do SNC) caracteriza-se pela redução acentuada do alerta, incoordenação ocular, incoordenação motora, ataxia, fala pastosa, reflexos deprimidos e nistagmo. Na última fase, a *depressão profunda* do SNC pode levar à inconsciência, acompanhada de sonhos bizarros e/ou convulsões epileptiformes e alterações no EEG. Há relatos de alucinações com o uso agudo e crônico de inalantes.

A inalação desses produtos pode levar a acidentes graves, cujo risco varia segundo a toxicidade da substância presente – pode produzir alterações nos ritmos cardíaco e respiratório e, em casos extremos, a Síndrome da Morte Súbita pelo Cheirar (*Sudden Sniffing Death Syndrom*) descrita pela primeira vez por Bass em 1970.

Neumark, Delva e Anthony (1998), num estudo epidemiológico sobre o uso de inalantes, verificaram um aumento no consumo dessas drogas pelos adolescentes americanos nos anos 90. Segundo esses autores, a iniciação ao uso de inalantes não se limita ao início da adolescência, e a utilização dessas substâncias não é um fenômeno transitório, pois persiste até a vida adulta.

No Brasil, vários estudos relatam o alto consumo de inalantes por meninos e meninas de rua (Carlini-Cotrim e Carlini, 1987; Silva-Filho *et alii*, 1990; Noto *et alii*, 1994).

Segundo Carlini-Cotrim (1995), o consumo de inalantes tende a ser intenso na pré-adolescência, diminuindo com o aumento da idade. A autora observa

que o uso de inalantes está associado ao baixo aproveitamento escolar e pode estar ligado ao consumo abusivo de álcool pelos pais dos usuários. Segundo esse trabalho, o consumo dessas drogas entre as crianças que vivem nas ruas é grande o suficiente para ser considerado um problema nacional; nessa população, a droga mais utilizada é a cola de sapateiro, seguida por esmalte e acetona; em geral, a droga é consumida ao menos uma vez por semana.

Numa pesquisa que investigou as práticas de inalação voluntária de solventes entre jovens de cidades-satélite de Brasília, Bucher, Costa e Oliveira (1991) mostraram que entre os meninos de rua, os inalantes são a primeira droga de iniciação (antes da maconha). Quando inquiridos sobre as razões do uso, a resposta mais freqüentemente dada pelos meninos (58%) foi "para ficar doido", o que indica, segundo os autores, a vontade de fugir, de esquecer e curtir um estado diferente, além da sensação de alegria e leveza.

O estudo de Bucher e Totugui (1987) aponta os inalantes como as drogas mais conhecidas por 90,2% dos alunos do Ensino Fundamental e Médio e 36,2% dos universitários de Brasília (excluindo-se o álcool e o tabaco). Nesse estudo, foram averiguadas as principais fontes de conhecimento sobre o uso de drogas, tendo os meios de comunicação obtido o primeiro lugar. Em segundo lugar, são referidos os colegas e amigos, logo depois a família. É relevante salientar que, no conjunto das respostas, *a escola não é lembrada* como fonte importante de informações.

Os quatro levantamentos nacionais realizados pelo Cebrid – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – nas escolas públicas (Carlini-Cotrim *et alii*,1989; Carlini *et alii*, 1990; Galduróz *et alii*, 1994, Galduróz, Noto e Carlini, 1997) mostram que, depois do tabaco e do álcool, *os inalantes são as drogas mais consumidas pelos jovens brasileiros*, independentemente de sua classe social, escola que freqüenta ou tamanho da cidade em que mora.

Segundo o último desses levantamentos (Galduróz, Noto e Carlini, 1997), *o uso na vida foi* de 13,8%, quando se consideram as dez capitais pesquisadas. A tendência de crescimento do uso na vida foi observada em duas capitais (Curitiba e Fortaleza), e sua diminuição em três (Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo). Nas outras cinco capitais estudadas, o uso na vida permaneceu estável. O *uso freqüente* (seis vezes ou mais no mês) foi de 1,3% e mostra tendência de crescimento em quatro capitais (Belém, Curitiba, Fortaleza e Porto Alegre); em São Paulo, houve diminuição desse tipo de uso. O *uso pesado* (uso de vinte vezes ou mais no mês) mostrou tendência de aumento em Belém, Curitiba e Fortaleza. Não foram encontradas diferenças de uso entre os sexos, e os produtos mais utilizados foram a acetona, o esmalte e o "cheirinho da loló" (uma preparação caseira de éter, clorofórmio e perfumes ou essências). Segundo o mesmo levantamento, os dados obtidos sobre o uso de inalantes por estudantes de São Paulo foram os seguintes: *uso na vida – 10,9%, uso no ano* – 5,2%, *uso no mês* – 2,9%, *uso freqüente* – 0,8% e *uso pesado* – 0,5%.

Carlini-Cotrim e Gouveia (1998), estudando alunos de escolas públicas da cidade de São Paulo, encontraram *uso na vida* de 12%, *uso no ano* de 8% e *uso no mês* de 4%. Já entre os estudantes das escolas particulares de bairros nobres, os mesmos autores encontraram dados expressivamente mais altos: *uso na vida* – 25%, *uso no ano* – 20% e *uso no mês* – 6%.

Vukov *et alii* (1995) encontraram relações entre o abuso de drogas e as dimensões de temperamento definidas por Cloninger (1987) em dependentes de opiáceos. Van Ammers, Sellman e Mulder (1997) encontraram uma correlação significante entre a dimensão *busca de novidade* (Cloninger, 1987) e o uso de álcool, maconha, cafeína e nicotina em pacientes esquizofrênicos.

Battaglia *et alii* (1996), estudando pacientes psiquiátricos de Milão, verificaram que os que apresentavam distúrbios alimentares, abuso de álcool ou abuso de outras substâncias caracterizavam-se por altas pontuações na dimensão *busca de novidade* (Cloninger, 1987).

Dalla-Déa *et alii* (1997), estudando uma amostra de universitários, observaram que os sujeitos com história familiar de alcoolismo (em parentes de primeiro grau) obtiveram pontuações mais elevadas na dimensão *busca de novidades* (Cloninger, 1987) do que os sujeitos com história familiar negativa para alcoolismo.

Freqüentemente associado à marginalização, o uso de inalantes tem sido muitas vezes compreendido como uma "resposta" a condições de vida extremamente precárias ou como "uma expressão das dificuldades e conflitos vivenciados numa sociedade que não oferece, a certas coletividades, o mesmo tratamento que dispensa (ou diz dispensar) a seus cidadãos como um todo" (Carlini, Carlini-Cotrim e Monteiro, 1988, p. 62).

O uso dessas substâncias por jovens de classe média revela que o fenômeno não se deixa reduzir a mera conseqüência de fatores como a fome, a miséria e a marginalização e indica que, além dos aspectos sociais e farmacológicos, há que se levar em conta a personalidade do usuário, suas vivências e seus conflitos, tanto individuais quanto familiares.

Trabalhos como os de Vukov *et alii* (1995), Battaglia *et alii* (1996), Dalla-Déa *et alii* (1997) e Van Ammers, Sellman e Mulder (1997) acima citados sugerem que, nessa população, o abuso de inalantes possa estar relacionado à *busca de novidades* – uma das dimensões de temperamento propostas por Cloninger (1987).

O modelo psicobiológico de personalidade formulado por Cloninger baseia-se numa síntese de dados obtidos de três fontes básicas: estudos de desenvolvimento, estudos psicométricos e estudos genéticos. Esse modelo foi desenvolvido em duas etapas: inicialmente, era composto de três dimensões de temperamento: *busca de novidades (novelty seeking – NS), esquiva de dano (harm avoidance – HA)* e *dependência de recompensa (reward dependence – RD).* Essas dimensões são medidas pelo Tridimensional Personality Questionnaire (TPQ), um questionário de autopreenchimento de 100 itens.

Segundo Cloninger (1987), NS, HA e RD são dimensões de temperamento influenciadas geneticamente – desde o começo da infância podem ser observadas diferenças quanto a essas dimensões, que predizem moderadamente o comportamento na adolescência e na vida adulta.

Cada uma dessas dimensões é composta de comportamentos similarmente motivados, mas diferentemente expressos. Por exemplo, em alguns indivíduos, NS pode ser mais expressa como *excitabilidade exploratória,* em outros, como *impulsividade*; em outros ainda, como *extravagância.* Assim, no TPQ, cada uma das dimensões é dividida em subescalas. A escala de busca de novidades (NS) é composta de NS1 (*excitabilidade exploratória x rigidez estóica*), NS2 (*impulsividade x reflexão*), NS3 (*extravagância x reserva*) e NS4 (*desorganização x ordenação*). Indivíduos com alta pontuação em busca de novidades tendem a ser curiosos, impulsivos e desordenados, enquanto os que têm pontuação baixa tendem a ser reflexivos, estóicos e ordenados.

Na segunda etapa, o modelo foi ampliado com a inclusão de mais uma dimensão de temperamento (*persistência*) e três dimensões de caráter, que amadurecem na vida adulta e influenciam a efetividade pessoal e social – *auto-direcionamento, cooperatividade e autotranscendência* (Cloninger, Svrakic e Przybeck, 1993). Esse modelo biopsicossocial pode ser útil na compreensão de alguns dos fatores de risco para o abuso de drogas.

Os objetivos do presente trabalho foram estimar a prevalência do uso de inalantes por estudantes de escolas públicas de bairros de classe média da cidade de São Paulo e identificar as substâncias mais utilizadas por essa população; buscou-se também relacionar o uso de inalantes aos conceitos dos jovens sobre o usuário ocasional e freqüente dessas substâncias; finalmente, procuramos relacionar o uso dessas substâncias a características de temperamento segundo o modelo de Cloninger, especificamente no que diz respeito à busca de novidades.

Metodologia

A população-alvo foi constituída pelos estudantes da sétima série do Ensino Fundamental à terceira série do Ensino Médio das escolas públicas de bairros de classe média da cidade de São Paulo, identificados a partir dos critérios de renda e escolaridade de sua população, estabelecidos pela Abipeme – Associação Brasileira de Institutos de Pesquisa de Mercado (1978). Todas as escolas públicas dos bairros que constavam da relação fornecida pela Secretaria Estadual dos Negócios da Educação foram contatadas, num total de doze escolas. Dessas, nove concordaram em participar da pesquisa, com um total de 11.681 alunos. A amostra foi composta por 5% do número de alunos de cada uma das escolas participantes. Seiscentos e onze alunos preencheram

o questionário, mas 16 foram excluídos por apresentarem incoerências no preenchimento, ficando a amostra composta por 595 alunos.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário anônimo de autopreenchimento respondido pelos alunos em sala de aula, sem a presença do professor, após breve explicação dos objetivos do trabalho pelos aplicadores. O instrumento foi adaptado do questionário do Cebrid (descrito em Carlini-Cotrim e Barbosa, 1993) e do Tridimensional Personality Questionnaire (Cloninger, 1987) e desenhado de forma a facilitar a digitação e a análise dos resultados; também foi incluída a escala de nível socioeconômico da Abipeme (1978), que se baseia em itens de consumo e no grau de escolaridade do responsável pela família, para a classificação em classes A, B, C, D e E, de acordo com a pontuação obtida.

Os aplicadores foram alunos da Disciplina Eletiva *Uso de inalantes por adolescentes: planejamento, coleta dados e análise dos resultados de um projeto de pesquisa*, ministrada no 1º semestre de 1998, para alunos do terceiro ano da Faculdade de Psicologia da PUC-SP.

O treinamento dos aplicadores consistiu de simulações com os colegas, aplicações dos questionários em classes da faculdade e aplicações-piloto em escolas que não faziam parte da amostra. Após cada um desses procedimentos, eram feitas discussões de forma a otimizar e padronizar o procedimento de aplicação dos questionários.

Crítica dos dados. Procedeu-se à crítica quantitativa e qualitativa dos dados, conforme recomendado em Carlini-Cotrim e Barbosa (1993). A crítica quantitativa detectou e corrigiu erros de digitação de respostas com valores impossíveis (por exemplo, idade de 122 anos, no lugar de 12 ou 22); a crítica qualitativa foi feita pela aplicação de testes de coerência interna (por exemplo, responder *não* ao item uso na vida e *sim* ao item uso no ano, ou no mês) e eliminação dos questionários com dados incoerentes.

Análise dos dados. Os dados sobre o uso de inalantes foram analisados de acordo com a classificação da OMS citada em Galduróz, Noto e Carlini (1997), que divide o uso de drogas pelos estudantes pesquisados nas seguintes categorias:

Uso na vida – quando a pessoa fez uso de inalantes *pelo menos* uma vez na vida.

Uso no ano – quando a pessoa usou inalantes *pelo menos* uma vez nos doze meses que antecederam a pesquisa.

Uso no mês – quando a pessoa utilizou inalantes *pelo menos* uma vez nos trinta dias que antecederam a pesquisa.

Uso freqüente – quando a pessoa fez uso de inalantes seis ou mais vezes nos trinta dias que antecederam a pesquisa.

Uso pesado – quando a pessoa utilizou inalantes vinte ou mais vezes nos trinta dias que antecederam a pesquisa.

Tratamento estatístico.[1] Para comparações entre usuários e não-usuários foi utilizado o teste do x^2 quando as variáveis eram nominais e o teste t para amostras independentes quando eram quantitativas; para comparações entre os diferentes grupos de usuários quanto às pontuações no teste de busca de novidades, utilizou-se a análise de variância (Anova) e o teste de contraste de Scheffê.

Resultados

Descrição da amostra. A composição sociodemográfica da amostra é apresentada na Tabela 1.

Uso de inalantes. Como mostra a Figura 1, 16,3% dos sujeitos relataram já ter feito uso de inalantes (*uso na vida*), 7,9% dos sujeitos relataram *uso no ano*, enquanto 3,2% relataram *uso no mês;* o *uso freqüente* (de 6 a 19 dias no último mês) foi relatado por 0,7% e o *uso pesado* (de mais de 20 dias no último mês), por 0,8%. Os produtos mais utilizados foram *lança-perfume* e *acetona*. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significantes entre os sexos quanto ao uso de inalantes.

Opinião sobre o usuário ocasional. À pergunta "O que você acha de uma pessoa que, *de vez em quando*, cheira algum produto para sentir um 'barato' qualquer?", obtiveram-se as seguintes respostas: "Fraca, sem força de vontade" – 28,1%; "Doente, precisa de ajuda" – 19,7%; "Uma pessoa como outra qualquer" – 16,9%; e "Tem problemas psicológicos" – 16,1%.

Como mostra a Figura 2, há diferenças entre os estudantes que utilizaram inalantes ao menos uma vez na vida ("usuários") e os que nunca utilizaram essas substâncias ("não-usuários") quanto à "opinião sobre o *usuário ocasional*" (p=0,001). O usuário ocasional é considerado uma pessoa "Fraca, sem força de vontade" por 30,5% dos não-usuários (e por apenas 19,2% dos usuários) e "Uma pessoa como outra qualquer" (normal, na legenda) por 28,8% dos usuários e por apenas 12,2% dos não-usuários.

Opinião sobre o usuário freqüente. Quando solicitados a dar sua opinião sobre "...uma pessoa que *não consegue parar* de cheirar algum produto para sentir um 'barato' qualquer", a maioria respondeu "Doente, precisa de ajuda" (46%); a segunda resposta mais escolhida foi "Fraca, sem força de vontade" (30%). A Figura 3 mostra as opiniões sobre o "usuário freqüente". Praticamente não existem diferenças entre usuários e não-usuários quanto às respostas escolhidas.

Orientação sobre drogas. A maior parte dos sujeitos relata ter recebido orientação sobre drogas na família (81%) e na escola (78,9%); entre os que re-

1 As autoras agradecem a professora Yara P. Gustavo Castro pela assessoria no planejamento e tratamento estatístico dos resultados.

latam ter recebido orientação em outros locais, a maior parte refere-se a palestras, amigos, parentes, televisão e igreja. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significantes entre usuários e não-usuários em relação à orientação sobre drogas, embora os não-usuários relatem mais freqüentemente ter recebido orientação sobre drogas em sua família, escola ou outros lugares do que os usuários.

Tempo livre. A maioria dos sujeitos (47%) menciona algum tipo de esporte como a atividade mais freqüentemente realizada no *tempo livre:* 23% afirmam fazer algum curso e 30,1% escolheram a resposta *"outros"*. Nesta resposta, os sujeitos mencionam atividades como ouvir música, estudar, sair, namorar e ir à igreja. Não foram encontradas diferenças entre usuários e não-usuários em relação às atividades desenvolvidas no tempo livre.

Uso de inalantes e Busca de Novidades. Os usuários (*uso na vida*) foram comparados aos não-usuários quanto ao desempenho no teste de Busca de Novidades (*NS*). Essas comparações foram feitas em relação à pontuação total (NS Total) e às subcategorias de *Excitabilidade Exploratória (NS1), Impulsividade (NS2), Extravagância (NS3) e Desorganização (NS4).*

Como mostra a Figura 4, os usuários obtiveram pontuações mais elevadas do que os não-usuários em NS Total (p=0,002), NS2 (p=0,004) e NS4 (p=0,002).

A partir das respostas sobre seu uso de inalantes (ver Tabela 2), os estudantes foram classificados em seis grupos; a Tabela 3 mostra as características desses grupos.

Os usuários de todos os grupos obtiveram pontuações médias mais altas do que os não-usuários em busca de novidades (NS Total) e em suas subescalas, com apenas três exceções, como mostra a Tabela 4. Entretanto, a análise de variância mostrou que esses grupos diferem apenas em relação à pontuação em NS Total (p=0,006) e na subescala de impulsividade (p=0,002); o teste de contraste de Scheffê revelou que o grupo 3 (uso de 1 a 5 vezes no último mês) difere dos não-usuários, em NS Total (p=0,04) e na subescala de impulsividade – NS2 (p=0,28).

Discussão

Os dados colhidos na literatura sobre o uso de inalantes por estudantes brasileiros mostram algumas variações – o uso na vida, por exemplo, vai de 10,9 a 25% e o uso no mês, de 2,9 a 6,0%, como mostra a Tabela 5. No conjunto desses resultados, chama a atenção a diferença entre os dados obtidos em escolas públicas e particulares, evidenciando o consumo mais elevado nos estudantes das escolas particulares.

Os resultados obtidos neste trabalho são inferiores aos relatados para as escolas particulares, o que concorda com a tendência observada na literatura;

entretanto, são mais elevados do que os descritos nos estudos feitos nas escolas públicas. Isso pode ser parcialmente explicado a partir de diferenças nas metodologias empregadas – enquanto os trabalhos de Carlini-Cotrim e Gouveia (1998) e Galduróz, Noto e Carlini (1997) foram levantamentos mais amplos, este estudo concentrou-se no uso de inalantes.

As diferenças, no entanto, também podem ser decorrentes das características socioeconômicas da população estudada, uma vez que o presente trabalho selecionou especificamente escolas de bairros de *classe média,* o que não ocorreu nos trabalhos mencionados. De fato, 64,7% dos estudantes pesquisados em São Paulo no levantamento nacional classificam-se, de acordo com o critério da Abipemi (1978), nos níveis C e D; de acordo com o mesmo critério, apenas 27,1% dos sujeitos deste estudo concentram-se nos níveis C e D, enquanto 69,2% classificam-se nos níveis A e B, como mostra a Tabela 1.

A suposição de que as diferenças observadas estejam relacionadas ao nível socioeconômico também encontra suporte na comparação entre os dois estudos quanto à defasagem idade/série e ao tipo de droga mais consumido. A defasagem idade/série dos alunos estudados neste trabalho foi de 36,3%, enquanto, no levantamento nacional, 57,1% dos alunos pesquisados em São Paulo tinham essa defasagem.

No levantamento nacional, as drogas mais utilizadas foram acetona e "cheirinho da loló"; no estudo de Carlini-Cotrim e Gouveia (1998), o lança-perfume foi o inalante mais consumido pelos estudantes das escolas particulares de São Paulo e a acetona foi o mais mencionado pelos alunos das escolas públicas; neste trabalho, os inalantes mais citados foram lança-perfume e acetona.

Os dados obtidos a respeito de orientação sobre drogas na família, na escola e em outros locais não mostraram diferenças entre usuários e não-usuários, sugerindo que a orientação que o jovem recebe aparentemente não interfere em sua decisão de usar ou não inalantes, o que revela a necessidade de um trabalho preventivo com essa população.

A grande semelhança de opinião entre usuários e não-usuários em relação ao usuário freqüente de inalantes, considerado por ambos como "Doente, precisa de ajuda", contrasta com a nítida diferença em relação ao usuário ocasional, considerado "Uma pessoa como outra qualquer" pelos usuários, e "Fraca, sem força de vontade", pelos não-usuários.

Isso sugere que os não-usuários como um grupo fazem um juízo de valor sobre o usuário ocasional e consideram que essa "fraqueza" se transforma em "doença" quando o uso de inalantes passa de ocasional a freqüente ou pesado.

Já os usuários parecem identificar-se mais com o usuário ocasional, que consideram "uma pessoa como outra qualquer" do que com o usuário freqüente, considerado uma pessoa "doente, que precisa de ajuda", ou uma pessoa "fraca, sem força de vontade".

Em relação à busca de novidades, os usuários (na vida) obtiveram pontuações significantemente mais altas do que os não-usuários. Quando procuramos situar essas diferenças em termos das subescalas de busca de novidades e em relação às diferentes categorias de usuários, verificamos que *apenas os usuários do grupo 3 (uso de 1 a 5 dias no mês)* pontuaram mais do que os não-usuários, e que essa diferença está relacionada à subescala de impulsividade, ou seja, esses usuários são mais impulsivos do que os não-usuários.

Entretanto, a interpretação desses resultados esbarra em dificuldades decorrentes da heterogeneidade dos grupos de usuários formados. Por exemplo, no grupo 1 está incluído tanto o menino que experimentou inalantes uma única vez, quanto o que já os usou pesadamente, desde que isso tenha ocorrido há mais de um ano.

Já as categorias relativas ao uso no último mês, como o grupo 3, são um pouco mais precisas, embora não levem em conta a duração desse tipo de uso e, portanto, incluam tanto pessoas que por muito tempo usam essas substâncias no padrão relatado, quanto pessoas que fizeram esse tipo de uso excepcionalmente no último mês.

Essas dificuldades resultam da utilização de uma classificação que, embora recomendada pela OMS e utilizada internacionalmente, não é adequada a estudos que buscam caracterizar psicologicamente os diferentes tipos de usuários. São necessárias investigações posteriores, utilizando classificações mais adequadas, para verificar se altas pontuações em busca de novidades ou em suas subescalas realmente se constituem em marcadores de vulnerabilidade ou fatores de risco para o abuso de inalantes, como sugerem os resultados deste trabalho. Entretanto, é importante salientar que estudos como este não buscam estabelecer relações causais, mas apenas identificar possíveis fatores de risco.

Os resultados deste trabalho concordam com os achados da literatura que associam busca de novidades a abuso de substâncias, como os de Vukov *et alii* (1995), Battaglia *et alii* (1996) e Van Ammers, Sellman e Mulder (1997).

Estudando 80 dependentes de opiáceos, Vukov *et alii* (1995) verificaram que eles apresentam altas pontuações em busca de novidades e pontuações nas outras duas dimensões medidas pelo TPQ (esquiva de dano e dependência de recompensa) que indicam um perfil de personalidade específico: são impulsivos, exploratórios, inconstantes, excitáveis, extravagantes e desordenados. Segundo esses autores, é difícil saber se essa elevação na escala de busca de novidades nos dependentes reflete aspectos primários do seu temperamento ou é conseqüência do abuso prolongado de opiáceos, que provocaria ou acentuaria os sintomas clínicos do distúrbio de personalidade (anti-social e histriônica).

Battaglia *et alii* (1996), analisando 164 pacientes psiquiátricos e 36 controles, verificaram que altas pontuações de busca de novidades eram características de personalidades do tipo B e de pacientes com distúrbios alimentares, abuso de álcool ou de outras substâncias.

Van Ammers, Sellman e Mulder (1997) utilizaram o TPQ para estudar a influência do temperamento no abuso de substâncias por esquizofrênicos. Seus resultados mostram uma associação entre busca de novidades e uso de álcool, maconha, cafeína e cigarros. Quando comparados com esquizofrênicos abstinentes, os pacientes usuários de drogas estão mais comprometidos nos testes psicométricos que avaliam julgamento social, raciocínio e processamento de informações e mostram imaturidade no teste de Roschach (Sevy *et alii*, citados em Van Ammers, Sellman e Mulder *et alii*,1997).

A busca de novidades antecede o uso de substâncias ou é sua conseqüência? Essa questão não pode ser respondida por estudos transversais como esses; entretanto, a pesquisa em populações não-esquizofrênicas sugere que busca de novidades é um fator de risco para o abuso de substâncias (Cloninger *et alii*, citados em Van Ammers, Sellman e Mulder, 1997).

Tomados em conjunto, os resultados do presente trabalho mostram que, embora tradicionalmente associados a populações marginalizadas, os inalantes são usados por um número expressivo de adolescentes de classe média da cidade de São Paulo. Indicam também que os jovens usuários tendem a se identificar com os usuários ocasionais, que eles consideram "uma pessoa como outra qualquer", e que, embora relatem ter recebido orientação sobre drogas em casa, na escola ou em outros locais, isso não afeta sua decisão de usar ou não esse tipo de substância, o que evidencia claramente a necessidade de programas preventivos específicos para o abuso de inalantes.

A compreensão dos fatores de risco, tanto psicológicos quanto sociais, para esse abuso pode e deve contribuir para o desenvolvimento de ações preventivas mais eficientes, que respondam ao desafio representado pelo abuso de inalantes e de drogas em geral.

Referências bibliográficas

ABIPEME (1978). *Associação Brasileira dos Institutos de Pesquisa de Mercado – Proposição para um novo critério de classificação sócio-econômica.* São Paulo, 15 p. (Mimeo.)

BASS, M. (1970). Sudden sniffing death. *JAMA*, 212, pp. 2075-2079.

BATTAGLIA, M., PRZYBECK, T. R., BELLODI, L. e CLONINGER, C. R. (1996). Temperament dimensions explain the comorbidity of psychiatric disorders. *Comprehensive Psychiatry,* v. 37, n. 4, pp. 292-298.

BUCHER, R., COSTA, A. C. L. e OLIVEIRA, J. A. (1991). Consumo de inalantes e condições de vida de menores da periferia de Brasília. *Revista ABP-APAL*, v. 13, n. 1, pp. 18-26.

BUCHER, R. e TOTUGUI, M. L. (1987). Conhecimento e uso de drogas entre alunos de Brasília. *Psicologia: Teoria e Pesquisa,* v. 3, n. 2, pp. 178-194.

CARLINI-COTRIM, B. (1995). Inhalant use among Brazilian youths. In: KOZEL, N., SLOBODA, Z. e DE LA ROSA, M. (orgs.). Epidemiology of inhalant abuse: an international perspective. Rockville, MD; National Institute on Drug Abuse, NIDA *Research Monograph*, 148.

____ e BARBOSA, M. T. S. (1993). *Pesquisas epidemiológicas sobre o uso de drogas entre estudantes: um manual de orientações gerais.* Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina, 56 p.

____ e CARLINI, E. A. (1987). O consumo de solventes e outras drogas em crianças e adolescentes de baixa renda na Grande São Paulo. Parte II: Meninos de rua e menores internados. *Revista da Associação Brasileira de Psiquiatria – Associación Psiquiatrica de la America Latina*, v. *9*, n. 2, pp. 69-77.

____ CARLINI, E. A., SILVA-FILHO, A. R. e BARBOSA, M. T. S. (1989). O uso de drogas psicotrópicas por estudantes de primeiro e segundo graus da rede estadual, em dez capitais brasileiras, 1987. *Consumo de drogas psicotrópicas no Brasil, em 1987.* Centro de Documentação do Ministério da Saúde – Série C: Estudos e Projetos, 5, pp. 9-84.

____ e GOUVEIA, N. (1998). *Nossos jovens segundo eles mesmos – Comportamentos de saúde entre estudantes de São Paulo.* Parte I – Escolas Privadas. Relatório apresentado à Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo – Fapesp.

CARLINI, E. A., CARLINI-COTRIM, B. e MONTEIRO, M. G. (1988). Abuso de solventes voláteis: aspectos epidemiológicos, médico-psicológicos e experimentais. *Revista da Associação Médica Brasileira,* v. 34, n. 2, pp. 61-68.

____ CARLINI-COTRIM, B., SILVA-FILHO, A. R. e BARBOSA, M. T. S. (1990). *II Levantamento Nacional sobre o uso de psicotrópicos em estudantes de primeiro e segundo graus – 1989.* Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina, 93 p.

CLONINGER, C. R. (1987). A systematic method for clinical description and classification of personality variants. *Archives of General Psychiatry, 44*, pp. 573-588.

CLONINGER, C. R., SVRAKIC, D. M. e PRZYBECK, T. R. (1993). A psychobiological model of temperament and character. *Archives of General Psychiatry, 50*, pp. 975-989.

CLONINGER, C. R., SIGVARDSSON, S., BOHMAN, M. (1988). Childhood personality predicts alcohol abuse in young adults. *Alcohol Clinical and Experimental Research, 12*, pp. 494-505.

DALLA-DÉA, H. R. F., TELLES, C. E. P., RAMOS, F. C. L. e COSTA, F. V. (1997). Alcoolismo, personalidade e genética. *Psicologia Revista,* n. 5, pp. 119-130.

GALDURÓZ, J. C. F., D'ALMEIDA, V., CARVALHO, V. e CARLINI, E. A. (1994). *III Levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus em 10 capitais brasileiras – 1993.* Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina, 81 p.

____ NOTO, A. R. e CARLINI, E. A. (1997). *IV Levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus em 10 capitais brasileiras – 1997.* Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina – Universidade Federal de São Paulo, 130 p.

NEUMARK, Y. D., DELVA, J. e ANTHONY, J. C. (1988). The epidemiology of adolescent inhalant drug involvement. *Arch Pediatr Adolesc Med, 152*, pp. 781-786.

NOTO, A. R., GALDURÓZ, J. C. F., MATTEI, R. e CARLINI, E. A. (1994). *III Levantamento sobre o uso de drogas entre meninos e meninas em situação de rua de cinco capitais brasileiras – 1993.* Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina, 97 p.

SEVY, S., KAY, S. R., OPLER, L. A. e VAN PRAG, H. M. (1990). Significance of cocaine history in schizophrenia. *Journal of Nervous and Mental Disease, 178*, pp. 642-648.

SILVA-FILHO, A. R., CARLINI-COTRIM, B. e CARLINI, E. A. (1990). "Uso de psicotrópicos por meninos de rua. Comparação entre dados coletados em 1987 e 1989". In: *Abuso de drogas entre meninos e meninas de rua no Brasil.* São Paulo, Cebrid/EPM/UNFDAC.

VAN AMMERS, E. C., SELLMAN, J. D. e MULDER, R. T. (1997). Temperament and substance abuse in schizophrenia: is there a relationship? *Journal of Nervous and Mental Disease,* v. 185, n. 5, pp. 283-288.

VUKOV, M., BABA-MILKIC, N., LECIC, D., MIJALKOVIC, S. e MARINKOVIC, J. (1995). Personality dimensions of opiate addicts. *Acta Psychiatrica Scandinavica,* v. 91, n. 2, pp. 103-110.

Tabela 1 – Características sociodemográficas dos estudantes da rede estadual de São Paulo que compuseram a amostra estudada

Características		N	%
Sexo	Masculino	234	39,3
	Feminino	356	59,8
	Não informado	5	0,8
	Total	595	100,0
Faixa etária (anos)	10 a 12	2	0,3
	13 a 15	249	41,8
	16 a 18	248	41,7
	> 18	28	4,7
	Não informado	68	11,4
	Total	595	100,0
Grau escolar	Primeiro	187	31,4
	Segundo	405	68,1
	Não informado	3	0,5
	Total	595	100,0
Defasagem série/idade (anos)	Não tem	311	52,3
	1 a 2	187	31,4
	3 ou mais	29	4,9
	Não informado	68	11,4
	Total	595	100,0
Nível socioeconômico	A	174	29,2
	B	238	40,0
	C	144	24,2
	D	17	2,9
	E	0	0,0
	Não informado	22	3,7
	Total	595	100,0

Tabela 2 – Grupos de usuários definidos a partir das respostas dadas pelos adolescentes sobre seu consumo de inalantes

	VIDA	ANO	MÊS (1 a 5 vezes)	MÊS (6 a 19 vezes)	MÊS (> 20 vezes)	(%)
Não-usuário	Não	Não	Não	Não	Não	83,7
Grupo 1	Sim	Não	Não	Não	Não	8,8
Grupo 2	Sim	Sim	Não	Não	Não	4,1
Grupo 3	Sim	Sim	Sim	Não	Não	1,7
Grupo 4	Sim	Sim	Não	Sim	Não	0,7
Grupo 5	Sim	Sim	Não	Não	Sim	0,8

Tabela 3 – Caracterização dos diferentes grupos de usuários de inalantes encontrados na amostra estudada

	%	Sexo (%)		Idade (em anos)	Nível socioeconômico (%)			Defasagem escolar (em anos)	Opinião sobre o Usuário Ocasional*	Opinião sobre o Usuário Freqüente*	Busca de novidades (NS) (pontuação)
		M	F		A	B	C				
Não-usuário	83,9	38,0	2,0	15,74±1,72	28,0	41,6	26,8	0,84±1,06	Fraca 30,5 %	Doente 47,7%	15,11±4,65
Grupo 1	8,8	46,2	3,8	16,61±2,07	48,0	36,0	16,0	1,12±1,23	Comum 28,8%	Doente 46,2%	16,61±4,07
Grupo 2	4,1	50,0	50,0	16,25±1,41	30,4	43,5	26,1	0,90±1,02	Comum 33,3%	Doente 41,7%	15,62±5,79
Grupo 3	1,7	40,0	60,0	15,00±0,76	20,0	70,0	10,0	1,00±1,07	Comum 70,0%	Prob,Psic, 50%	19,80±4,87
Grupo 4	0,7	75,0	5,0	17,00±1,41	66,7	---	33,0	1,00±1,41	Comum 50%	Comum-25% Fraca- 25% Doente- 25%	16,50±3,69
Grupo 5	0,8	40,0	60,0	16,20±1,64	50,0	---	50,0	1,5±1,00	Comum 60%	Fraca - 40% Doente - 40%	18,20±4,55
TOTAL	100,0	39,5	60,5	15,83±1,74	30,5	41,5	25,4	0,87±1,07	Fraca 28,7%	Doente 46,4%	15,38±4,70

* Resposta mais freqüente

Tabela 4 – Pontuações médias obtidas pelos diferentes usuários nas escalas de busca de novidades

	NS TOTAL	NS1	NS2	NS3	NS4
Não-usuários	15,12 ± 4,66	4,50 ±1,64	2,68 ± 1,69	3,52 ± 1,58	4,41 ± 2,09
Grupo 1	16,61 ± 4,01	4,58 ±1,67	3,15 ±1,64	3,77 ± 1,52	5,11 ± 2,24
Grupo 2	15,62 ± 5,79	4,62 ±2,04	2,79 ±1,79	3,25 ± 1,77	4,96 ± 2,25
Grupo 3	19,80 + 4,87	5,20 ±1,69	4,60 ±1,78	4,70 ± 1,70	5,30 ± 1,89
Grupo 4	16,50 ± 3,70	4,50 ±1,29	4,25 ±1,71	2,00 ± 1,41	5,75 ± 1,89
Grupo 5	18,20 ± 4,55	6,20 ±1,92	3,00 ±1,41	3,40 ± 1,52	5,60 ± 0,89

Obs.: Os valores sombreados diferem dos encontrados para não-usuários ($p<0,05$).

Tabela 5 – Dados da literatura sobre uso de inalantes por estudantes brasileiros (em porcentagem)

		Na vida	No ano	No mês	Freqüente	Pesado
Galduróz *et alii* (1997)	Nacional	13,8	7,4	3,4	1,1	0,7
	São Paulo	10,9	5,2	2,9	0,8	0,5
Carlini-Cotrim e Gouveia (1998)	Particular	25	20	6	---	---
	Pública	12	8	4	---	---

Figura 1 – Uso de inalantes

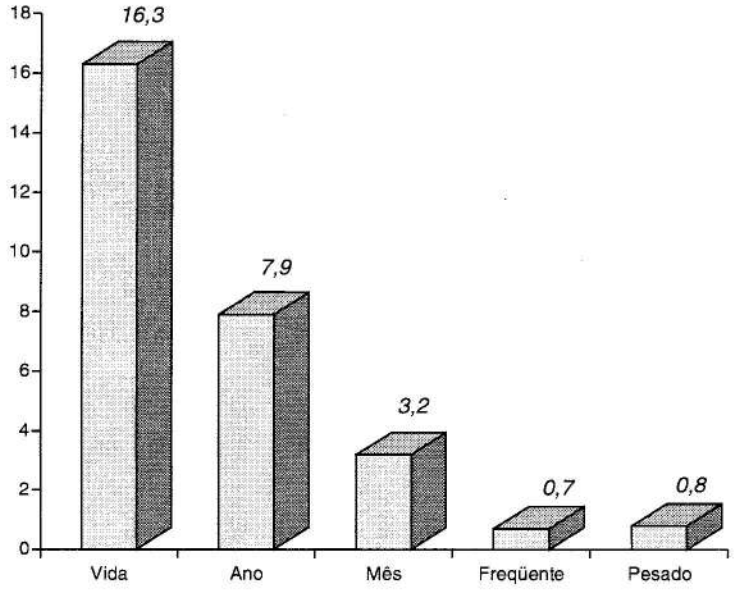


Figura 2 – Opinião sobre o usuário ocasional (%)

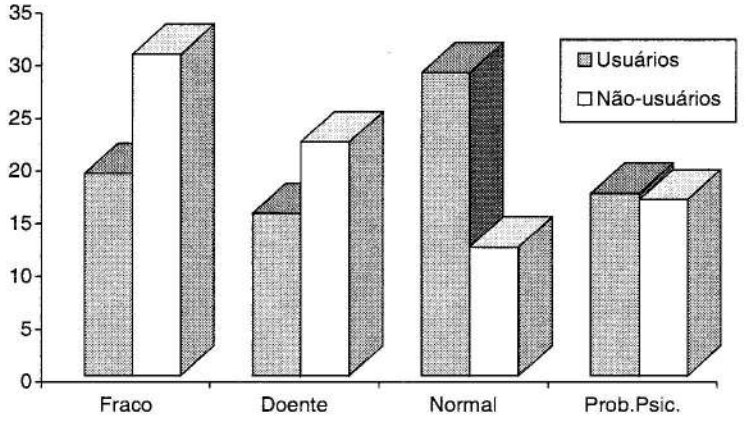


Figura 3 – Opinião sobre o usuário freqüente (%)

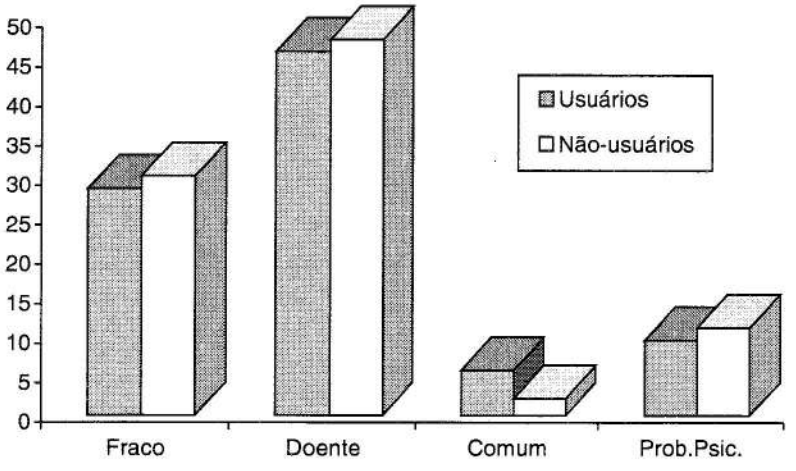
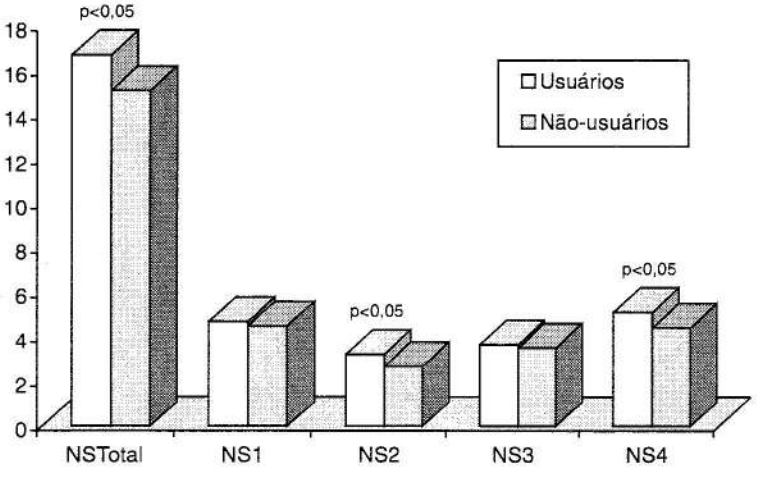


Figura 4 – Pontuação em Busca de Novidades



Psicología y globalización económica: líneas de desarrollo en el marco de un mundo en crisis

Alma Herrera Marquez*

En vuestra sociedad actual, la propiedad privada está abolida para las nueve décimas partes de sus miembros; existe precisamente porque no existe para esas nueve décimas partes. Nos reprocháis, pues el querer abolir una forma de propiedad que no puede existir sino a condición de que la inmensa mayoría de la sociedad sea privada de propiedad.
C. Marx. y F. Engels (1848).

Nuestra evaluación cultural debe ser anticipadora, si ha de permitirnos sobrevivir en el tumulto de los cambios que nosotros mismos desencadenamos continuamente.
Aurelio Peccei (1981).

RESUMEN. Este ensayo plantea un conjunto de líneas de trabajo emergentes para la Psicología en el México de fin de siglo. Para lograr este objetivo, la autora desarrolla los rasgos más generales de un escenario mundial y nacional en crisis, que sirve de marco al surgimiento de nuevas problemáticas psicosociales y a la agudización de las ya existentes. A nivel mundial se caracteriza el papel que las empresas trasnacionales han jugado en la conformación de un mundo polarizado. En el caso de México se hace un balance del estado que guardan los problemas nacionales a partir de la firma del Tratado de Libre Comercio y su impacto en la regulación de la Psicología. Se concluye con la propuesta de un modelo de desarrollo de esta profesión y con el señalamiento de que uno de los aspectos que deberán atenderse de manera inmediata es la definición de un nuevo contenido a la formación científico-profesional del psicólogo.

Palabras-clave: psicología, globalización económica, formación profesional.

RESUMO. Este ensaio discute um conjunto de linhas de trabalho emergentes para a Psicologia no México do final do século. Para atingir este objetivo, a autora desenvolve os aspectos mais gerais do cenário mundial e nacional em crise, os quais servem como referência para o surgimento de novas problermáticas psicossociais e para a agudização das já existentes. Ao nível mundial caracteriza-se o papel que as empresas multinacionais tem desempenhado na definição de um mundo polarizado. Em relação ao México, é feito um balanço do estado que considera os problemas nacionais a partir do Tratado de Livre Comércio e seu impacto na regulação da Psicologia. Conclui-se com uma proposta de um modelo de desenvolvimento desta profissão, apontando-se que um dos aspectos que deverão ser atendidos de maneira imediata é a definição de um novo conteúdo para a formação científico-profissional do psicólogo.

Palavras-chave: psicologia, globalização econômica, formação profissional.

ABSTRACT. This essay proposes a set of emerging lines of work for Psychology in Mexico in the end of this century. To accomplish this goal, the author discusses the most general aspects of a scenario that is in crisis, both at the world and at the national levels. Such aspects serve as reference for the arising of new psychosocial issues and for the aggravation of the existing ones. At the world

* Responsable del Programa de Investigación Educativa de la FES Zaragoza. E-mail: mureta@servidor.unar.mx

level, the author characterizes the role that the multinational companies have played in the definition of a polarized world. With regard to Mexico, the author reflects on the state of the national problems after the signature of the Free Commerce Treaty and its impact over the regulation of Psychology. The author concludes the essay by proposing a model of development of this profession, pointing out that one of the aspects that will have to be immediately tackled is the definition of a new content for the psychologist's scientific-professional formation.

Key-words: psychology, economic globalization, professional formation.

Introducción

En la actualidad planear el futuro de una profesión requiere de la incorporación de visiones globales que den cuenta de los múltiples impactos que provoca un mundo interconectado cuyos acelerados cambios escapan a los razonamientos más analíticos y obligan a generar nuevas alternativas de vida que le den sentido al presente y una dirección más alentadora al porvenir; así, el diseño de un proyecto académico-profesional de la Psicología debe iniciar con un profundo balance acerca de sus propias posibilidades para contribuir al desarrollo de esquemas alternativos de convivencialidad y relacionalidad humana.

Lo anterior implica explorar y proponer alternativas conceptuales y prácticas innovadoras que tengan como fin proporcionar mejores respuestas a los desafíos del presente y a sus tendencias; en este sentido es necesario volver la mirada al hombre, a sus necesidades esenciales, sus expectativas y aspiraciones sociales para asumirlas como elementos constitutivos de la plataforma sobre la que habrán de descansar las propuestas que nutrirán un nuevo proyecto de Psicología.

El logro de tal propósito representa un reto a la creatividad porque la incertidumbre, tanto del presente como de un futuro muy difícil de configurar, es resultado de la forma con la que generaciones completas se han vinculado con la realidad. Esta crítica situación es expresa con la presencia de necesidades psicosociales emergentes y con la agudización de otras que sin ser tan nuevas muestran ángulos no previstos en países como México: violencia, adicciones, soledad, depresión, ruptura de la familia.

Sin embargo, la crisis actual también propicia el surgimiento de nuevas formas de comprensión de la realidad y la presencia de perspectivas novedosas que tienden a ampliar los niveles de entendimiento de la naturaleza interactiva de los complejos problemas de la sociedad mexicana del fin de siglo. Por ejemplo, los movimientos étnicos del sureste plantean la necesidad de construir un proyecto nacional que reconozca las convergencias del ancestral pluralismo cultural que caracteriza al país y que lo define como unidad.

Cabe destacar que si bien este planteamiento se enfoca de manera específica a México, no puede dejar de considerar que los sistemas de información

actuales al globalizar la economía, afectan la cultura y promueven la presencia de nuevas formas de cooperación internacional orientadas a la solución de problemas específicos.

En este caso, el desarrollo de la Psicología deberá conducirse bajo una perspectiva que articule la naturaleza interna de nuestras características como nación con la reconfiguración de un entorno mundial que exige nuevas comprensiones de los problemas y retos que como especie humana tendremos que afrontar en el próximo siglo. De este modo, la Psicología tendrá que ampliar su capacidad de respuesta a los desafíos del futuro; desafíos articulados directamente con los efectos contraproducentes de la irracionalidad tecnológica que se da en ausencia de perspectivas filosóficas y éticas; es decir, humanas.

Globalización económica: los nuevos perfiles de un viejo des-orden mundial

En el siglo pasado no era común hablar de prospectiva, ni se procuraba escribir artículos, libros o folletos acerca de sofisticadas metodologías que apoyaran proyecciones estadísticas acerca de las tendencias de las sociedades modernas. Sin embargo, en las postrimerías del siglo XIX ya se avizoraba la emergencia de las profundas contradicciones que son inherentes a lo que hoy se conoce como globalización.

Para quienes escribieron el Manifiesto del Partido Comunista en 1891, C. Marx y F. Engels, era claro que "La burguesía no puede existir sino a condición de revolucionar incesantemente los instrumentos de producción (...) las relaciones de producción (...) las relaciones sociales. Mediante la explotación del mercado mundial, la burguesía ha dado un carácter cosmopolita a la producción y al consumo de todos los países. Con gran resentimiento de los reaccionarios, ha quitado a la industria su base nacional. Las industrias nacionales (...) son suplidas por nuevas industrias, cuya introducción se convierte en cuestión vital para todas las naciones civilizadas, por industrias que ya no emplean materias primas indígenas, sino materias primas venidas de las más alejadas regiones del mundo y cuyos productos no sólo se consumen en el propio país, sino en todas las partes del globo (...) En lugar del antiguo aislamiento y la anarquía de las regiones y naciones se establece un intercambio universal, una interdependencia universal de las naciones. Y esto se refiere tanto a la producción material, como a la intelectual. La producción intelectual de una nación se convierte en patrimonio común de todas" (p. 35).

Hoy día están presentes mecanismos macrorregionales que concentran la riqueza en muy pocas transnacionales que ponen en entredicho tanto el concepto de frontera geopolítica, como la soberanía de las naciones. De ahí la necesidad de generar proyectos de país, que sin descuidar la óptica propia que

como nación le es inherente, también articule los problemas derivados de una integración mundial basada en la consolidación de patrones que tienden a redefinir el concepto de frontera geopolítica.

Ello exige el diseño de una estrategia de desarrollo que tome en cuenta tanto la integración nacional como la interdependencia mundial. El reto en todo caso es la combinación equilibrada del desarrollo endógeno con el exógeno, a fin de generar una cultura universal que no subordine a la identidad nacional y a nuestros valores.

Es decir, se debe establecer un nivel de síntesis entre la realidad del país y su futuro en un entorno de integración mundial que demanda perspectivas conceptuales más universales, pero en un marco de exigencia histórica. Con relación a este aspecto, debe precisarse que no hay un solo futuro y que se encuentran aún en gestación trayectorias nacionales impredecibles que generarán formas alternativas de inserción internacional y que obligan a cambiar pero sin dejar de lado nuestra historia, nuestras tradiciones culturales y nuestros antecedentes políticos. Al respecto González Casanova, (1995) señala que "En la actualidad la soberanía no debe limitarse a preservar la integridad de nuestro territorio y organizar la prevalencia de las leyes mexicanas en nuestro país, debemos entenderla como un concepto que incluye la permanente coexistencia política de las naciones en la arena mundial, su inserción efectiva en los mercados y su respeto a las leyes internacionales" (p.13).

Desde hace 30 años la humanidad vive la fase más reciente de acumulación del capital caracterizada por la reestructuración profunda de la economía internacional con un elemento nuclear: la mundialización de la acumulación del capital a través de grandes grupos industriales y financieros que modernizan la competencia e incrementan el papel del capital financiero en los procesos de internacionalización.

Debe señalarse que la llamada globalización de la economía representa la salida más reciente de la crisis que el capitalismo sufre desde hace más de cinco lustros. Por su complejidad y dinámica, tal crisis afecta todas las esferas de la sociedad, incluso la vida política, la cotidianidad y sus dimensiones subjetivas, así como las formas psicosociales de relación humana. Al respecto, Apple (1989), señala que "La crisis, (...) del capitalismo (...) aunque está claramente relacionada con el proceso de acumulación de capital, no es económica únicamente. También es política e ideológico-cultural porque entre otros aspectos subordina la relación humana a la ideología del libre mercado"(p.18).

La globalización de los mercados es un proceso dirigido y coordinado por grandes empresas transnacionales que integran y regulan el proceso de la acumulación mundial. Tales empresas construyen canales de comercialización que propician el que se pierda exclusividad en un área territorial. De hecho, las corporaciones transnacionales al regular y controlar los avances tecnológicos de todo tipo de información se constituyen en verdaderos estados supranacionales

con un gran poder económico, ampliamente diversificado y con una impresionante capacidad de concertación, fusión, reestructuración, privatización y desregulación. Es justo este dinamismo lo que permite que grupos transnacionales y transectoriales se recompongan continuamente influyendo en las actividades económicas a nivel mundial con criterios de carácter financiero fundamentalmente.

De esta forma, las transnacionales han opacado la importancia político-económica de las 185 naciones-Estado,[1,2] que conforman este planeta. Ellas han implantado mecanismos muy eficientes de transferencia tecnológica y sistemas de información capaces de movilizar cualquier producto de un lugar a otro sin casi ninguna limitación fronteriza. Por otro lado, en la economía, la creciente facilidad y el bajo costo de trasladar productos de un sitio a otro ha debilitado cualquier creencia en la autosuficiencia nacional y que una proporción mucho mayor del capital del mundo es propiedad de compañías multinacionales que operan libremente a través de las fronteras nacionales. Este proceso se ha acelerado porque la electrónica ha incrementado la capacidad de los mercados para transferir efectivo a cualquier parte; ello se observa con el hecho de que cuatro de cada cinco dólares de las empresas multinacionales que operan en Estados Unidos provienen realmente de las mercancías y servicios producidos por sus filiales extranjeras.

Este dinamismo de las transnacionales coexiste con la desaceleración del crecimiento económico de los países industrializados desde el inicio de la década de los 80 configurando un entorno en el que la característica principal del nuevo orden mundial es la creación de un escenario incierto para el futuro.

En este marco, quizá el rasgo de mayor impacto es que no sólo está en juego la soberanía, sino la existencia misma de los países. La vulnerabilidad de los Estados se observa con el hecho de que durante 1995 los ingresos de las 500 corporaciones más importantes del mundo llegaron a 10 billones de dólares, lo que equivale a la mitad del PIB de Estados Unidos e indica en muchos casos el tamaño de su poderío económico frente al Estado. Ello contrasta con la drástica reducción del valor de las principales empresas Latinoamericanas, ninguna de las cuales figuró entre las 100 más importantes del mundo en este mismo año.

Por otro lado, el perfil del más reciente orden mundial propicia el desarrollo de una red de bloques que asegura la desaparición de barreras nacionales para integrarlas en unidades territoriales de inversión y movilización de trabajo y capital. Desde luego, que este proceso conlleva la conformación de un mundo unificado, pero desigual y jerarquizado en el que el Estado-nación pierde exclu-

1 Excélsior. 30 de diciembre de 1995. Los países cada vez menos independientes. "Factible el surgimiento de una entidad superior". The Economist. Primera Parte.

2 Gaceta UNAM. 30 de Noviembre de 1995. "Ante la Globalización los mexicanos debemos cambiar sin olvidar nuestra historia". Gustavo Ayala.

sividad en un área territorial y las corporaciones transnacionales al regular y controlar los avances tecnológicos de todo tipo de información se constituyen en verdaderos Estados supranacionales.

La relación entre países adquiere nuevas dimensiones que marcan la redefinición de los términos en los que los procesos de integración se están dando y genera complejidades que no habían presentado en la historia de la humanidad. En este sentido, Alonso (1987), Barbieri (1990); Didriksson (1992; 1993); CEPAL (1992); García (1991); Labastida y del Campo (1991); Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo (1994), Schaff, (1985); y Zemelman (1992); entre otros autores, plantean que las esferas de problemas a que se enfrentarán los países desarrollados y aquellos clasificados como en vías de desarrollo son las siguientes:

Población

Marcada heterogeneidad entre las tasas de crecimiento poblacional de los países desarrollados y los países en vías de desarrollo. Por ejemplo, los primeros tienen menos población absoluta, más población vieja y menos en edad de trabajar; en tanto que los países en vías de desarrollo cuentan con mucha más población, pero además, dicha población es joven en edad de trabajar. Esta situación en los países en vías de desarrollo tiende a agudizar el desempleo pero, a nivel mundial define la presencia de estratificaciones profundas. Cabe agregar que la falta de trabajo complica la posibilidad de satisfacer necesidades materiales y condiciona la pérdida del sentido de la vida en el hombre. Al respecto la Organización de las Naciones Unidas para la Agricultura y la Alimentación planteó en 1995[3] que para el año 2030 habrá más de 3 mil millones de personas con problemas alimentarios si se considera que en la actualidad hay 800 millones de personas de las cuales 200 millones son niños menores de 5 años.

Migración

A los países desarrollados les falta capacidad para dar empleo (debido a la innovación tecnológica) y adaptarse a los procesos migracionales. Los países en desarrollo por su parte, tienen movimientos migratorios muy acelerados e intensos de su población joven que busca mejores oportunidades de empleo en los países desarrollados.

A nivel global se estimó que en 1993 entre 70 y 85 millones de personas habitaban fuera de sus países de origen, de ellos entre 30 a 35 millones eran económicamente activas, lo que equivale al 1.5% de la población total y de la fuerza de trabajo del mundo.

Estados Unidos es en este sentido uno de los países donde más se concentra la población migrante de origen latino ya que de acuerdo a la Oficina Nacional del Censo en Estados Unidos[4,5,6,7] de los 22.6 millones de inmigrantes 45% es de origen hispano; de hecho la po-

3 La Jornada. 11 de marzo de 1996. "Para el 2030 habrá 3 mil millones con carencias alimentarias". Carlos Camacho (Corresponsal).

4 Excélsior. 30 de agosto de 1995. "Mexicanos, el mayor grupo étnico de Estados Unidos". Son ya 6.2 millones los residentes. El total de inmigrantes: 22.6 millones. Sólo 7.1% son de raza negra: expertos.

5 El Financiero. 20 de mayo de 1996. El México de afuera. "Creciente presencia de la comunidad hispana en EU. Graciela Orozco.

6 La Jornada. 19 de octubre de 1995. "Detuvo la patrulla fronteriza en un año a más de 480 mil migrantes". Corresponsales: Jesús Moreno, Ruben Villalpando, Arturo Solís, Jorge Alberto Cornejo y Antonio Heras.

7 El Nacional. 19 de abril de 1995. "Levantar muros no es la solución al problema migratorio".

blación hispana se incrementó 61% entre 1970 y 1980 y 53% en el periodo de 1980-90, debido a lo cual su proyección es que en el año 2030 esta comunidad alcanzará la cifra de 35 millones. El grupo étnico más numeroso en Estados Unidos es el de los mexicanos, con 6.2 millones. No sobra señalar que la respuesta definitiva a la migración reside en lograr el desarrollo económico de los países en los que se originan los flujos migratorios de carácter masivo; lo que significa que uno de los retos fundamentales en el plano internacional es cerrar las diferencias existentes entre los países que en la actualidad son parte de la economía mundial.

Deuda

Es un cáncer económico, financiero, social y político. De hecho, el peso de la deuda afecta los salarios, servicios sociales, diversiones, consumo y empleo, agravando las desigualdades, pobreza y presiones sobre el ambiente. En este sentido es claro que mientras que hubo una recomposición de las fuerzas internas en los países del Norte con proyectos neoliberales y conservadores, en los países del Sur se quiso imponer este modelo mediante el reajuste de la deuda externa sujeta a la supervisión de estrictos controles financieros. Esta situación puede apreciarse con mayor claridad con las declaraciones tanto del Fondo Monetario Internacional como del Banco Mundial[8] cuando en 1995 plantearon que alrededor de 40 de los países más pobres del mundo son clasificados por dichos organismos como poseedores de una carga de deuda "insosteniblemente alta". Esto significa que el valor actual de sus deudas totales es más de 220% que el de sus exportaciones.

A finales de 1994 el endeudamiento del mundo en desarrollo era de 1 billón 714 millones de dólares y México era el país en desarrollo más endeudado con 125,000 millones de dólares.[9] En el caso de Latinoamérica y el Caribe al finalizar 1995 la deuda externa alcanzó la cifra de 720,000 millones de dólares y fue el principal obstáculo para el crecimiento económico de la región. En 1990 el endeudamiento regional sumaba 440,000 millones de dólares, una cifra entonces considerada como el "tope máximo" del débito. Desde entonces, solamente la deuda del sector público se incrementó en más de 36%, pese a que México, Brasil y Argentina -los tres mayores deudores de la región- se adhirieron al Plan Brady que recortó intereses y periodos de pago a cambio de privatizar decenas de empresas estatales.[10,11,12,13]

Cultura

Los rasgos más importantes del efecto de la globalización en la cultura se observan en distintos niveles; entre ellos destacan los siguientes:

1. En los países desarrollados la tecnología ha promovido la construcción de nuevas formas de relación con la realidad, así como nuevos procesos de aprendizaje y adaptación al cambio.
2. A los países en desarrollo les falta infraestructura para responder a la innovación tecnológica y no hay recursos para que la generen.
3. La cultura nacional supuestamente autónoma, se ve afectada por la trasnacionalización de mercados de bienes simbólicos, migraciones masivas y nuevas formas de integración supranacional.

---

8 Excélsior. 25 de septiembre de 1995. "Sigue activo el problema de la deuda externa en países pobres: es insostenible en 40 naciones". The Economist.

9 Excélsior. 30 de diciembre de 1995. "Adeudará América Latina 720 mil millones de dólares". Flavio Torres (Corresponsal).

10 El Financiero. 29 de noviembre de 1996. "La aprobación del TLC: Un recuento obligado".

11 Excélsior. 7 de junio de 1996. "Supera ya los 582,000 milllones de dólares la deuda de América Latina: CEPAL"

12 Excélsior. 18 de junio de 1996. "Cae 9% la ayuda de G-7 al desarrollo de las naciones pobres en 1995".

13 Excélsior. 23 de junio de 1993. "Cerca de 1 300 millones de personas viven con menos de un dólar por día".

4. El desarrollo de las telecomunicaciones define la presencia de mercados culturales transnacionales que expresan códigos internacionales de elaboración simbólica.
5. La presencia de un desarrollo desterritorializado de la cultura plantea preguntas acerca de la identidad y la soberanía nacional.
6. La polarización de las comunicaciones genera dos efectos; por una parte, la generalización de redes de comunicación masiva dedicadas al "entretenimiento". Por otro, la presencia de circuitos restringidos de información y comunicación destinados a quienes toman decisiones (satélite, FAX, módem).
7. Un marcado desequilibrio en la distribución de conocimiento que se observa en el incremento de los efectos sociales de problemas que anteriormente solían tener un carácter local o regional. Hoy todo es global e internacional, nada permanece dentro de los límites de un solo país, lo que cambia totalmente la forma de entender y manejar los problemas.

Identidad

La homogeneización de la cultura con apoyo de las nuevas tecnologías y la masificación de los medios de comunicación representan el marco de la lucha por la identidad étnica, la desnacionalización y el racismo en sociedades multiculturales.

Por otro lado, la trasnacionalización de los medios de comunicación tiene asociado un efecto social de fuerte impacto porque se genera un proceso de homogeneización de la gente al universalizar las expectativas, necesidades, exigencias para satisfacerlas, formas de pensar y de sentir. Esto provoca una profunda contradicción entre las altas aspiraciones de bienes y servicios promovida por los medios electrónicos de comunicación con las escasas posibilidades de adquirirlos dada la drástica reducción del poder adquisitivo de la mayoría de la población.

Valor Conocimiento

En los países desarrollados el conocimiento contiene un valor económico y social más alto que el que obtuvo la manufactura debido a que éste se encuentra en la base del desarrollo tecnológico. El conocimiento traducido en tecnología propicia procesos automatizados en los que se produce más y de mejor calidad superando a las industrias intensivas en mano de obra. La tecnología no requiere de mano de obra barata ya que ahora los factores de mayor competitividad son: calidad, rapidez, confiabilidad en la entrega del producto y capacidad para aplicar la tecnología a una amplia gama de bienes y servicios. La tendencia a la liberalización y globalización beneficiará a los países en desarrollo por el mayor acceso a los mercados extranjeros, en particular para sus exportaciones de manufacturas ligeras tradicionales pero las mayores ganancias irán a los países que han emprendido una reestructuración industrial definida y concentrada.

Ecología

Los países desarrollados mantienen una vigilancia más estricta sobre el ambiente, en parte porque cuentan con tecnologías que permiten mantener un mejor equilibrio con éste. Los países en desarrollo sólo han podido importar tecnologías que dañan drásticamente el ambiente.

En los países en vías de desarrollo la importación de tecnologías se lleva a cabo a un costo muy alto ya que no cuentan con la infraestructura de investigación que pueda evitar el que se apoyen ciegamente en tecnologías obsoletas y contaminantes que han sido desechadas por los países desarrollados.

Es importante señalar, que la incorporación de los países en desarrollo tanto a la revolución científico-tecnológica como al modelo económico impuesto por las sociedades industriales, presiona a sus gobiernos a instrumentar políticas económicas que tienden a transformar la producción, distribución y consumo industrial y a potenciar la creación de nuevos modelos culturales.

El control que las transnacionales ejercen en los Estados-nación se basa en el dominio que tienen sobre las tecnologías de información (informática,

electrónica, telecomunicaciones y robótica), las cuales son el núcleo de un sistema que impone cambios importantes a la producción y a su organización. La primera, cambia de bienes materiales a actividades basadas en la información; en este caso, la calidad y la eficiencia de la información son factores estratégicos para la competitividad. En cuanto a la organización de la producción, se presenta un cambio de la estandarización fordista a la flexible, acorde con la demanda que varía mucho más y que conlleva una mayor flexibilidad en las formas de empleo, de contratación y de pago salarial.

La globalización se concreta con instrumentos de política internacional que tienen por objetivo normar el comportamiento comercial de grandes regiones mundiales. Todos ellos son acuerdos de integración que con reglas muy definidas abaten las barreras arancelarias.

En el caso de México, no hay ninguna razón para asumir que la integración norteamericana con instrumentos como el Tratado de Libre Comercio (TLC) genere empleo, bienestar o desarrollo social, pues como Zemelman (1992) señala: el esquema de integración de este bloque comercial se apoya en una base que propicia la pobreza, la marginalidad y el desempleo. Por esta razón, el desarrollo de tecnologías que podrían resolver el hambre, la contaminación ambiental o la crisis de energéticos no pueden aplicarse debido a la falta de voluntad política de los países industrializados para financiar la tecnología y promover la adquisición de una cultura que la incorpore críticamente.

En el terreno de la regulación de las actividades profesionales es preciso mencionar que a un lustro de haber entrado en vigor el TLC, existe una presión real por definir instrumentos de certificación que pretenden otorgar un valor homogéneo a nivel internacional a la calidad del ejercicio profesional (SEP, 1994). Ello supone que en México cada una de las profesiones deberán de asumir una actitud mucho más propositiva que aspire a alcanzar un mayor equilibrio entre los diferentes actores involucrados. De hecho uno de los ángulos que articularan la discusión en torno al diseño de instrumentos certificadores en las professiones se vincula con la determinación de las normas que regularán la actividad profesional entre países.

En este marco la Psicología mexicana deberá proponer estándares internacionales (trilaterales) para el ejercicio profesional e indicadores más acordes para elevar la calidad de los servicios. Desde luego que estos propósitos requieren la modificación sustancial de la participación de las asociaciones profesionales y la elevación de la calidad en la formación profesional.

Este escenario para la Psicología se traduce en términos poco optimistas, en el caso de la integración con Norteamérica, pues es posible vislumbrar efectos negativos que se pueden sintetizar en un concepto: desigualdad educativa, social, tecnológica y científica que tanto en el corto como en el largo plazo sólo beneficiará a Estados Unidos pues este país ha instrumentado mecanismos con

los que sólo busca salir del deterioro que sufre su hegemonía y recuperar la competitividad, detener la caída de la recesión y de la producción y, finalmente detener la contracción de la inversión.

Con base en esta precisión los psicólogos mexicanos tendrán que iniciar procesos de integración con aquellos países con quienes México comparte cosmovisiones ancestrales. Dicha integración deberá estimular financiamientos conjuntos a la investigación, la creación de firmas regionales de consultoría, la vinculación estrecha de asociaciones profesionales de carácter regional e instituciones de educación superior y, finalmente, la gestión de recursos con agencias internacionales para el desarrollo.

México en la globalización: ¿callejón sin salida?

En 1996 el Banco Mundial[14] publicó que el 85% de los mexicanos (77 millones 350 mil) vive en la pobreza. Después de un largo periodo en el que el país ha estado sumergido en una crisis de insospechados alcances, la cifra planteada por este organismo mundial no causa ninguna sorpresa; por el contrario, provoca la desesperanzadora certeza de un conocimiento vivido en experiencia propia para la mayor parte de la población de México. Hombres y mujeres, niños, jóvenes y adultos; empleados, subempleados y desempleados; analfabetas, artesanos, técnicos y universitarios; líderes sindicales, obreros y micro empresarios, todos encuentran razones para sentir que en casi dos décadas el modelo de desarrollo ha avanzado de manera errática con expresiones globales que han afectado la condición económica, social y cultural de la mayor parte de gente de este país.

No se requiere ser estadista, politólogo o doctor en economía para darse cuenta de que el neoliberalismo descansa en un sistema de ideas que tiene fundamentalmente prioridades económicas, lo que convierte al modelo de desarrollo en un círculo vicioso donde la economía sólo tiene que ver con la economía y no con el bienestar de los seres humanos, de los pobladores de una nación. Preocupa en este sentido que los medios (crédito, presupuesto, impuestos, entre otros) sean fines en sí mismos.

Ante esta perspectiva los retos son múltiples y se articulan a una gran diversidad de dimensiones; una de ellas tiene que ver con las expectativas de vida futura de la población que no tiene el capital para ser exportador o especulador. Corresponde a todos los sectores encontrar respuestas realistas a partir de la lectura crítica del punto en el que nos encontramos y de sus tendencias.

En este caso si el objeto fuera una descripción general de este punto de partida bastaría con señalar que la globalización ha "profundizado la iniquidad

14 Excélsior. 14 de junio de 1996. "Pobreza, el gran desafío en América Latina". Francisco Alonso.

dentro y entre las naciones, mientras que los lineamientos programáticos que le han acompañado, como la desregulación, la liberación comercial unilateral, la disminución acelerada de la inversión pública y del gasto social y el predominio del capital financiero han profundizado la tendencia recesiva (...) del país" (Saxe-Fernández, 1995) (p. 18).

Lo cierto es que a partir del cambio estructural, el crecimiento medido en Producto Interno Bruto muestra que México se hace más vulnerable a la economía internacional y sus efectos en las recesiones son cada vez más perversos. Las causas de ello son múltiples pero destacan la afluencia de las inversiones extranjeras de carácter especulativo; la insuficiencia de las inversiones y la infraestructura; y la permanencia de profundos desequilibrios o de disparidades internas.

Por otro lado, el TLC sólo ha producido los siguientes efectos (HUERTA, 1995):

a. No se reduce a la regulación del comercio ya que involucra definiciones puntuales sobre inversión extranjera, recursos naturales, propiedad intelectual y transferencia de tecnología.

b. Propicia un acercamiento mayor entre los intereses monopólicos de las burguesías de los tres países.

c. Formaliza para México el papel de país maquilador con mano de obra abundante y barata pero aún en este sentido, debido a la recesión económica, se han reducido las exportaciones manufactureras y cerrado empresas maquiladoras.

d. Promueve la reestructuración económica de las grandes empresas industriales, agrícolas y de los bancos de Norteamérica.

e. Obliga a una creciente desnacionalización de segmentos completos del aparato productivo.

f. Establece términos de transferencia tecnológica y de ejercicio profesional muy desiguales para México.

g. Propicia un severo deterioro en las condiciones de vida y de trabajo de millones de asalariados que se refleja en un aumento generalizado de la miseria y en la depresión del nivel de vida de amplios sectores de la población.

h. Ha acelerado de manera creciente la debilidad del mercado interno con la pérdida del 40% del poder adquisitivo del salario, irrecuperable antes de 24 años.

El doloroso esquema de ajuste estructural no ha producido los efectos que discursivamente se prometieron a la sociedad mexicana; ello se expresa en la aguda vulnerabilidad de su economía debido a que la esperanza depositada en el petróleo no representó una base de desarrollo sólida por la enorme fluctuación internacional de precios; esto sumado al elevado servicio de la deuda externa y a los profundos desequilibrios internos han provocado un lento crecimiento

económico que afecta el bienestar de la mayor parte de su población, generando altos costos distributivos en los sectores de más bajos ingresos.

El colapso financiero y la devaluación del peso en 1994 agudizaron los desajustes ya presentes en la economía que se tradujeron en el estancamiento de la actividad productiva del país, la emergencia del carácter especulativo de los capitales golondrinos y la pérdida del consenso en las cúpulas del poder.

Es de destacar que los efectos de una economía globalizada tienen repercusiones que trascienden los límites de las fronteras geopolíticas al grado que la crisis financiera mexicana hizo ver con transparencia la precaria estabilidad financiera internacional (Bonilla, 1995) que privilegia el capital especulativo sobre el productivo.

El modelo de desarrollo que mantiene México tiene imperfecciones provocadas por la globalización de los mercados, la apertura comercial, las desregulaciones y reprivatizaciones. Tales imperfecciones no son más que expresiones renovadas del capitalismo internacional; lo que antes se conocía como países periféricos y ahora son economías emergentes, se encuentran en una disyuntiva importante: o se integran o se aíslan.

Es claro que, si bien en México aun no se alcanza a visualizar la magnitud de los múltiples impactos negativos del modelo de desarrollo del país que se ha impuesto en los últimos años, es evidente que en términos muy generales ha provocado al menos dos grandes tipos de manifestaciones. Por una parte, el retroceso en los avances del bienestar social y en la desarticulación productiva que ha impulsado el Estado en sectores estratégicos que son de interés transnacional: transporte, energía, banca, telecomunicaciones, puertos, ferrocarriles, electricidad y petroquímica básica; y la desregulación de la economía (Basave, 1995; Calva, 1995).

Ante esta síntesis forzada de elementos quedan en el tintero preguntas mucho más ligadas a la vida cotidiana, a las tareas vinculadas a la solución de la problemática vital de los millones de mexicanos que desde 1995 se empobrecieron lo que tardaron casi dos sexenios en recuperar.[15] Tareas que afectan la vida productiva de miles de jóvenes cuyas expectativas de vida futura descansan en la obtención de un empleo productivo y de alta calidad.

Preguntas no de índole macroeconómica, de cuyos indicadores los medios masivos de comunicación se han encargado de divulgar sus éxitos. Preguntas y respuestas que afectan al 85% de mexicanos y que no tienen posibilidad de movilizar un mercado interno que se encuentra profundamente contraído. Preguntas y respuestas que afectan al perfil futuro de las profesiones y que obligan a pensar en el diseño de una política de empleo profesional.

15 La Jornada. 11 de marzo de 1996. "En un año se redujo a la mitad el nivel de consumo de los mexicanos. Patricia Muñoz.

Las salidas de una crisis tan compleja y profunda como la que vive México en la actualidad exige múltiples estrategias, una gran diversidad de acciones de corto y largo alcance, la férrea voluntad política de resolver a fondo la inseguridad estructural del modelo de desarrollo, pero sobre todo, la claridad del rumbo al que México aspira llegar en el milenio que está por venir y en el porvenir.

Vistas las salidas de este modo, la primera impresión que provocan es la de estar enfrentando tareas francamente imposibles de alcanzar, que requieren de nuevas ópticas y de perspectivas innovadoras que permitan configurar escenarios de participación profesional futura. Quizá en su mayor parte, tales salidas se reduzcan al abandono del modelo económico y político que ha provocado la presencia de fuertes desigualdades sociales y que sólo podrán superarse en la medida en que se combinen programas específicos con medidas globales.

En este caso uno de los efectos más positivos que la crisis ha generado es el alto grado de consenso de diversos sectores sociales acerca de que el modelo de desarrollo provoca profundas iniquidades que exigen soluciones de fondo. Consensos que se dirigen a solucionar la ausencia de un proyecto de nación, de un proyecto de país de y para México que contenga oportunidades futuras para los casi 100 millones de mexicanos que poblamos su territorio.

Esto implica la posibilidad de estar viendo surgir a un país más concreto y participativo, conformado por los desplazados del sistema, los de siempre y los nuevos, desde las comunidades indígenas que se van poniendo de pie hasta los profesionales desempleados y los empresarios quebrados, pasando por una inmensa gama de agricultores, ganaderos, obreros, maestros, empleados públicos y privados, investigadores, académicos, trabajadores formales e informales, sindicalizados o no, amas de casa, jóvenes, mujeres y hombres que por millones, saben a ciencia cierta no sólo que las cosas van mal, sino que por la misma vía no van a ir mejor. Esto refleja la presencia de un cambio fundamental en la forma de pensar; así como, la emergencia de nuevos valores y actitudes más constructivas.

Psicología: las orientaciones de su futuro desarrollo

Los claros signos de una severa descomposición interna del país, la agudización de fuertes contradicciones económicas, la polarización exacerbada de la riqueza, la presencia de posiciones divergentes y profundamente antagónicas acerca del rumbo y rutas que el país deberá desarrollar, son sólo algunos de los elementos que juegan en el entorno en el que han de tomarse decisiones concretas acerca de la orientación de la Psicología y de los rasgos científicos que sus profesionales deberán adquirir para hacer frente a los desafíos emergentes de un país que se encuentra trastocando los pilares en los que descansan *los ideales de generaciones completas.*

En este nuevo México los psicólogos tendrán que considerar que no sólo hay más población; sino que está presente una reconfiguración cualitativa del perfil sociodemográfico porque su población es más vieja y sus necesidades de participación política, transporte, empleo, alimentación, seguridad social y urbanización son cualitativamente distintas (Alonso, 1987).

En este marco el psicólogo está llamado a articularse orgánicamente con las demás ciencias sociales promoviendo nuevos esquemas de participación con los principales núcleos de la sociedad: familias, escuelas, organismos no gubernamentales nacionales e internacionales, empresas, entre otros.

Tales esquemas de participación desde luego tendrán que apuntar hacia el logro de grados más altos de calidad de vida; en este sentido "la armonía con la naturaleza deberá ser eje de articulación donde el hombre justifique su presencia en la tierra como la de un elemento innovador, moderador y protector del flujo de la vida, y no como árbitro obsoleto que se ha arrogado el derecho de vida y muerte sobre todas las demás especies" (Peccei, 1981 p. 84). Pensar en ello implica insertar orgánicamente a la ética y la moral profesional.

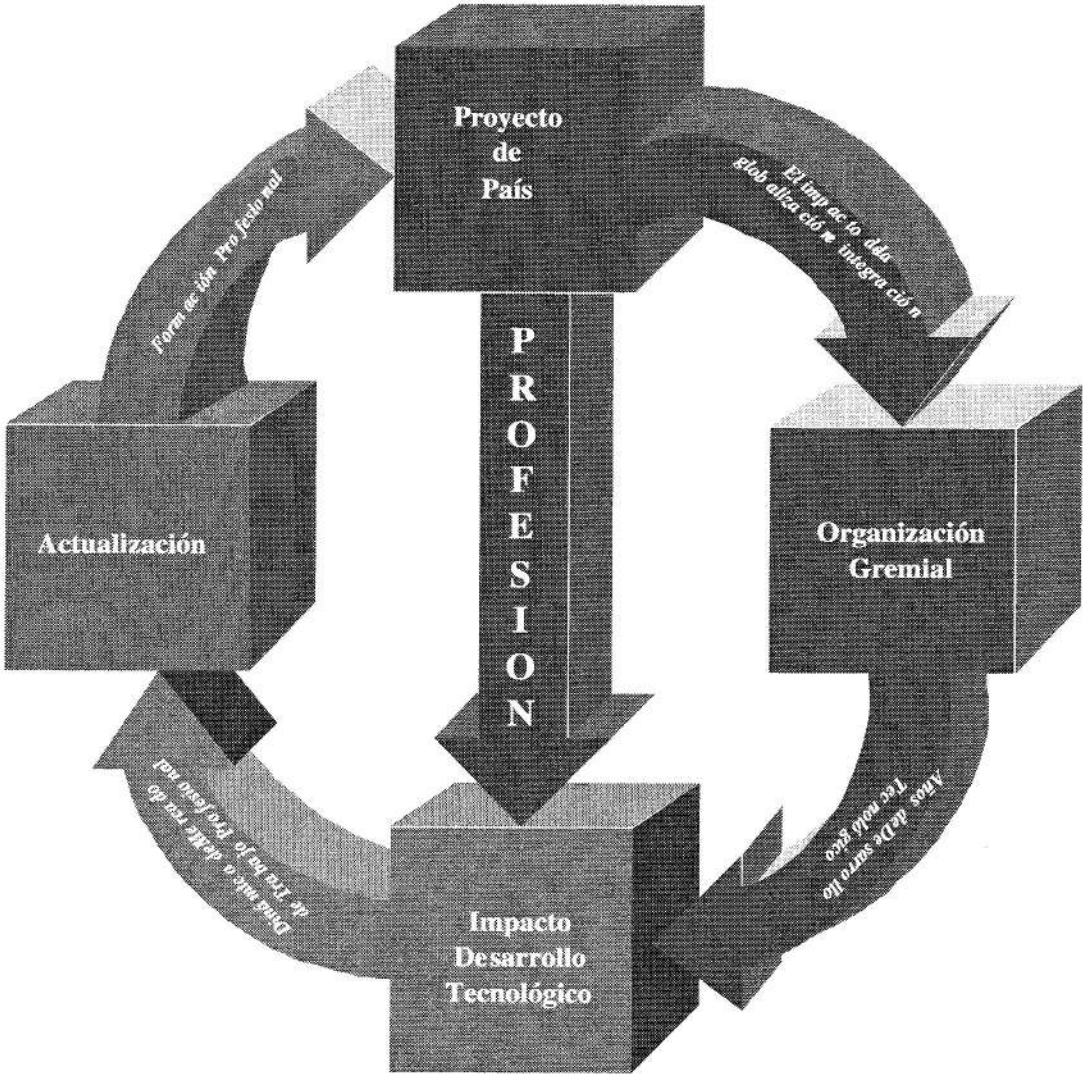
El diseño de un proyecto de profesión debe iniciar con el análisis del papel de la Psicología en el modelo de sociedad que se pretende alcanzar, así como el tipo y carácter de profesional que bajo este marco se debe formar. Ello implica la definición precisa de las nuevas habilidades, competencias y conocimientos que puedan apuntalar esquemas alternativos de convivencia humana basados en la redefinición de las diferencias y convergencias de género, la búsqueda de formas de relación humana más democrática y la promoción de nuevos esquemas de participación en los diversos sectores de la sociedad.

Esto determina la necesidad de estimular el debate de los grandes problemas de la sociedad y de las tendencias estructurales ligadas a prioridades nacionales que aún definidas en el marco de la globalización y de los instrumentos de integración no pierden de vista una perspectiva propia.

Asimismo, implica el diseño de instrumentos que caractericen el ejercicio profesional a partir de estándares más realistas que al mismo tiempo que vigilen el ejercicio profesional lo reorienten y estimulen su desarrollo a partir de al menos ocho dimensiones que se encuentran orgánicamente articuladas (Figura 1):

1. Proyecto de País
2. Impacto de la Globalización Económica.
3. Organización Gremial.
4. Desarrollo Científico.
5. Impacto del Desarrollo Tecnológico.
6. Dinámica del Mercado de Trabajo Profesional.
7. Actualización.
8. Formación Científico Profesional.

Figura 1 – Modelo de desarrollo social de la psicologia



Es pertinente plantear cuatro aspectos que pueden nutrir este modelo. En primer lugar la organización gremial, la cual deberá articular a las asociaciones y colegios del país con el objetivo de que sin perder su autonomía, puedan representar una fuerza capaz de impulsar la importancia social de la profesión. A ello puede contribuir la presencia de organizaciones como la Federación Nacional de Colegios, Sociedades y Asociaciones de Psicólogos de México A.C, que en el futuro podrán establecer políticas que regulen el crecimiento de la profesión, así como mecanismos de control y concertación con los distintos sectores de la sociedad.

En segundo lugar está la especificación de los criterios que definan los elementos fundamentales de una formación científico-profesional de calidad, no para competir con psicólogos extranjeros, ni para ser aceptados por ellos, sino para resolver efectivamente las problemáticas y retos inherentes a nuestra profesión en este país. En el caso de los psicólogos que hayan egresado generaciones atrás y que cuenten con años de experiencia laboral es preciso, que tanto las asociaciones gremiales como las instituciones de educación superior incorporen mecanismos de recalificación permanente tendientes a mejorar la capacidad de adaptación a las transformaciones geopolíticas, sociales y laborales del momento. La orientación de los programas de actualización dirigidos a los psicólogos en ejercicio no deberán centrarse en el dominio de capacidades específicas; por el contrario, su objetivo será el desarrollo de competencias abstractas y genéricas basadas en el dominio de conocimientos generales y transferibles a distintas situaciones y problemáticas.

En un tercer plano, se encuentra la determinación de un proyecto de nación, que si bien no está en nuestras manos determinar, sí nos obliga a plantearnos con claridad qué clase de país queremos y qué debe hacer la Psicología para participar en su construcción. Esta situación plantea la necesidad de analizar el nuevo rumbo que deberá tomar esta profesión tanto en el desarrollo del conocimiento disciplinario, como en la calidad y capacidad de respuesta a los problemas de los sectores sociales que demandan de esta profesión la eficiencia de sus resultados con un alto sentido ético y profesional.

El último de los cuatro aspectos a considerar tiene que ver con el desarrollo científico-tecnológico en la sociedad. Aquí la Psicología tendrá que incorporar reflexiones acerca del impacto ético, cultural y moral de las innovaciones, partiendo de la idea de que la tercera revolución industrial también generará espacios de potenciación humana y de creatividad.

A este respecto es necesario agregar un profundo balance acerca del impacto de la tecnología en el mercado de trabajo porque si bien de manera general a nivel mundial, ha sustituido niveles de baja calificación, aún no se define explícitamente qué actividades, qué funciones y en qué campo específicamente el desarrollo tecnológico ha sustituido la participación del psicólogo. Lo mismo en sentido inverso; es decir, la manera en que la Psicología se ha fortalecido como profesión al emplear tecnología de punta.

La síntesis de todo ello implica que la Psicología que se haga en México tendrá que contribuir a que sus habitantes tengan una mejor calidad de vida tanto en la satisfacción de sus necesidades inmediatas como en las aspiraciones depositadas en el porvenir. De este modo será una profesión que responda a los intereses de la humanidad en el sentido más amplio de la palabra; es decir, que integre los intereses mundiales, regionales y nacionales en el diseño de nuevas formas de organización humana, las cuales incidirán en: la conservación del ambiente; la consolidación de esquemas organizativos con gran capacidad

de propuesta (destacan los organismos no gubernamentales, los grupos de autogestión para el empleo y las organizaciones vecinales); la promoción de la cultura para la paz; la disminución de la violencia; el desarrollo urbano; el uso crítico de la tecnología; el aprovechamiento de los medios masivos de comunicación en la formación humana; la promoción de la salud genérica; la disminución de la pobreza, el hambre y la desnutrición; el uso racional de la energía; y, la planificación social.

En el ámbito de la formación profesional, el modelo neoliberal está dicotomizando dos orientaciones fundamentales. Por un lado, promueve la idea de la superespecialización, asociando carreras profesionales a las exigencias técnicas del empleo y a las necesidades inmediatas del mercado de trabajo, que no requieren de disciplina para el trabajo intelectual, formación integral o promoción de actitudes favorables hacia el trabajo en equipos profesionales diversos.

Por otro lado, el proyecto de sociedad que pretende desarrollar el modelo neoliberal requiere una masa crítica sólidamente formada en el dominio de principios generales y de formas de razonamiento prospectivo, que no podrá permanecer pasiva a las exigencias que se le demandan; al contrario, se constituirá en el motor de importantes cuestionamientos de tal modelo de sociedad y de su impacto económico, social, cultural y científico tecnológico.

Por ello, es importante destacar que las instituciones que formen psicólogos deberán redefinir (no adecuar) su relación con la sociedad, ya que los proyectos académicos derivados de ellas deben articularse en nuestro tiempo a la realidad, rompiendo sus paredes de cristal a fin de que participen amplia y conscientemente en todos sus renglones.

En este marco, la relación que se establezca entre la educación de los profesionales y la sociedad no podrá ser académica únicamente porque tendrá que contemplar los aspectos hasta aquí planteados y que involucran el análisis del carácter, orientación e impacto de los proyectos neoliberales y modernizantes en la definición de políticas de educación superior y de desarrollo profesional.

Para empezar, se tendrán que propiciar salidas de formación profesional y de investigación que den lugar a que el país se inserte críticamente en una dinámica internacional en la que no ejerce ninguna hegemonía. La formación del psicólogo en este caso deberá ser más holista: científica, humanista y estética.

De esta manera los nuevos esquemas de organización curricular se articularán alrededor de campos sociales, científicos y tecnológicos presentes y futuros y combinarán el desarrollo tecnológico y la investigación de frontera con la comprensión de nuestro origen como pueblo, de nuestra identidad como cultura y de nuestro futuro como nación. El reto consiste entonces en no tecnocratizar la educación sino en propiciar un diálogo permanente con la sociedad que le da sustento. La formación científico-profesional implica entonces, la construcción

de mentalidades críticas y propositivas vinculadas a proyectos que tengan fines sociales explícitos y que anticipen sus tendencias.

En cuanto a la investigación que se genere en Psicología es evidente la necesidad de desarrollar políticas que incluyan los nuevos esquemas internacionales de organización basados en la conformación de redes de investigación y tecnología en los que se pueden integrar diversos sectores. Pero dichas redes tendrán que formarse a partir de la realidad de este país incorporando tanto los procesos históricos como los rasgos generales que le dan identidad. Esta advertencia es fundamental porque en el caso de investigación en Psicología lo mismo que en el resto de las disciplinas científicas muy pocos países participan en la definición de los estándares internacionales de conocimiento y en la determinación de las prioridades de un sistema científico internacional que parece dar respuesta favorablemente a las necesidades de las grandes transnacionales (Herrera 1996).

Otro ámbito que en este aspecto deberá considerarse es el relativo al equilibrio entre las prioridades de la sociedad y el desarrollo interno de su naturaleza científica ya que el amplio impacto de la investigación sólo se da en la medida en que hay madurez interna en las disciplinas; de otra forma es sólo pragmatismo y los alcances de las aplicaciones tecnológicas o sociales son demasiado cortos. Por otro lado, una ciencia que aún no logra madurez epistémica responde de manera mecánica a las demandas de la sociedad.

Al respecto es necesario señalar que la Psicología como ciencia se encuentra al igual que el resto de las ciencias sociales en el centro de redefiniciones profundas que apuntan a debilitar la tradición epistemológica de una ciencia unificada en cuyo vértice superior se encuentran las llamadas ciencias de la naturaleza con su derecho incuestionable de imponer sus normas de validación científica. Para la Psicología hoy día la objetividad, la certeza y la cuantificación ya no son suficientes para comprender vastos dominios de conocimiento que trascienden sus límites disciplinarios. "El primer desafío consiste en preguntarse qué es la ciencia o qué son las ciencias a fines del siglo XX. Pero no sólo eso es necesario preguntarse si debemos pensar en las ciencias sociales vinculadas a otras ciencias del hombre y de la naturaleza" (González Casanova, 1991 p.24).

Esta es la plataforma sobre la que se están repensando los conceptos de ciencia, sociedad y formación humana; también constituye la base que sirve como punto de partida en la redefinición de los grandes desafíos que la humanidad tiene que enfrentar y en los que la Psicología no se puede mantener ajena: pobreza crítica, hambre, regresión epidemiológica, conflictos interétnicos, contaminación y degradación ambiental, diversidad cultural, desempleo y vivienda, son sólo algunos de ellos.

La síntesis e integración de perspectivas permitirá crear una red de centros de investigación de carácter interdisciplinario que se articulen a las preocupacio-

nes fundamentales de la humanidad: valores, política, ambiente, hábitat, derechos y deberes, justicia y calidad de vida.

Resultado de todo ello será el diseño de un proyecto de investigación multidimensional que incorpore tres grandes líneas: la referida a la formación profesional, al curriculum y la enseñanza cuyo objetivo es el estudio de los modelos formativos de la disciplina. La segunda, tiene que ver con lo disciplinario y su naturaleza; esta línea es una invitación para realizar investigaciones que aporten elementos dirigidos a la comprensión de la lógica de construcción disciplinaria, determinando criterios precisos de selección y organización del conocimiento escolar. La última, se dirige fundamentalmente al ejercicio profesional y ofrece sugerencias tendientes a comprender tanto los procesos de reconfiguración del mercado de trabajo profesional como a plantear niveles de congruencia entre la formación recibida y las demandas profesionales y éticas exigidas por los distintos sectores sociales del país.

Esta perspectiva implica la necesidad de generar esquemas de organización curricular flexibles cuya orientación sea la polivalencia pero tomando como centro el desarrollo pleno del ser humano, es decir, ético, ideológico y político, y como estrategia la promoción permanente de la disciplina para el trabajo intelectual. De manera general, pudiera plantearse un esquema de formación profesional integrado por un área de conocimientos básicos orientada a que el psicólogo domine sistemas de información más complejos que le permitan organizar, clasificar e interpretar información.

Por otra parte tendrá que incorporar líneas de trabajo cuyo objetivo sea la construcción de marcos conceptuales y esquemas de variables e indicadores que aseguren una sólida formación metodológica. En cuanto a los procesos de aprendizaje estos deberán basarse en el estudio, análisis, reflexión y crítica de grandes núcleos de problemas; en este caso lo que se estimulará en el estudiante es el dominio de competencias académicas ligadas a la definición de prioridades y estrategias; al diseño y desarrollo de caminos y rutas alternas a la solución de un problema y a la construcción teórica. Aspectos como la autoconfianza para desarrollar nuevas habilidades y un alto nivel científico y de decisión serán eje en el proceso de formación de las futuras generaciones de psicólogos.

De manera general esto significa fortalecer en las estructuras curriculares los siguientes aspectos (Herrera, 1996):

- Formas de razonamiento y capacidad de trabajo en equipo.
- Capacidad de interacción simbólica.
- Visión globalizadora que desde perspectivas multidimensionales (conceptual, metodológica, técnica y ética) analicen el impacto de las decisiones profesionales tomadas.
- Conocimiento de la estructura del aparato productivo y de la reconfiguración del modelo de desarrollo social.

• Aprendizaje innovador, que se sintetiza en elementos como la polivalencia, el autoaprendizaje, el pensamiento crítico, la iniciativa y la versatilidad para enfrentar con éxito problemas complejos.

• Competencias académicas vinculadas a la creatividad y a la capacidad para desarrollar y adaptar tecnologías.

• Perspectivas holistas de los objetos de estudio y de los problemas sociales.

• Sólida formación ética.

Tales rasgos implican pensar en la posibilidad de generar nuevos esquemas de organización formal de las profesiones, concepciones innovadoras del ejercicio profesional y programas alternativos de participación en la vida del país. En todo caso, lo importante es que la definición de un proyecto de formación profesional del psicólogo considere la integración crítica de los siguientes aspectos: a) análisis de la naturaleza de la disciplina; b) apropiación de la lógica de construcción teórica y de investigación de la disciplina; c) determinación del nivel de aplicabilidad ético-profesional de la disciplina a macro problemas sociales; d) configuración de los niveles de articulación multidisciplinaria y e) desarrollo de planteamientos prospectivos de la profesión y la disciplina en función de tendencias sociales y científico-tecnológicas (Herrera, 1993).

En este marco sin duda la Psicología deberá integrarse con el resto de las ciencias sociales para propiciar que se desarrollen las siguientes líneas de trabajo, entre otras:

• Integrar a los nuevos esquemas y modelos sociales las perspectivas y necesidades de los grupos marginales.

• Enfatizar el papel crítico de la innovación social.

• Desarrollar la capacidad de previsión y vincularse con visiones de largo plazo.

• Iniciar procesos sociales en los que las personas sean estimuladas a imaginar los futuros escenarios en los que les gustaría vivir.

• Contribuir al diseño de un escenario en el que sea posible disminuir las asimetrías entre países desarrollados y en desarrollo.

• Realizar balances acerca de las acciones tendientes a reducir la pobreza general así con la conformación de nuevas formas de organización y empleo.

• Realizar balances en relación a los impactos psicosociales de la aplicación de políticas macroeconómicas, microeconómicas y sectoriales, por lo tanto, sus efectos en los grandes esquemas de comportamiento.

• Promover equipos de trabajo y coordinación de modelos de planeación prospectiva estratégica que se articulen a políticas de desarrollo social.

• Crear unidades de monitoreo que den seguimiento y apunten tendencias en las diversas problemáticas del país.

Finalmente sólo resta señalar que la Psicología en el futuro deberá contribuir a la construcción de un porvenir mejor, de una mejor manera de convivencialidad en un mundo que se está transformando ante nuestros ojos. La edad profesional de la Psicología lo asegura ya que a diferencia de profesiones cuya tradición se extiende más allá de cinco siglos, tiene la plasticidad necesaria para modificar y entender el surgimiento de las nuevas creencias, principios, postulados, marcos de referencia y normas.

De hecho el gran reto de la Psicología consiste en rescatar al hombre del vértigo de máquinas y ordenadores subordinándose a los objetos creados; de modo que el nuevo humanismo adaptado a la era cibernética promueva la generación de "nuevos sistemas de valores y de motivaciones espirituales, éticas, filosóficas, sociales, políticos, estéticas y artísticas que reconstituyan nuestros equilibrios internos" (Peccei, 1981 p. 143).

Bibliografia

ALONSO, C. (1987). *México: rasgos para una prospectiva.* México, Fundación Javier Barros Sierra.

APPLE, M. (1989). *Educación y poder.* México, Paidos.

BARBIERI, M. (1990). *Las futuras tendencias gobales en el debate Norte-Sur.* México, Ed. Centro de Estudios Prospectivos, A.C. Fundación Javier Barrios Sierra.

BASAVE, J. (1995). El capital financiero nacional e internacional: sustento del modelo neoliberal mexicano. *Problemas del Desarrollo,* n. 102, v. 26. México, Instituto de Investigaciones Económicas, pp. 57-69.

BONILLA, A. (1995). México: la primera gran crisis en la globalización financiera. *Problemas del Desarrollo,* n. 102, v. 26. México, Instituto de Investigaciones Económicas, pp. 85-108.

CALVA, J. (1995). Plan Nacional de desarrollo 1995-2000. Los fines, los medios y las alternativas. *Problemas del Desarrollo,* n. 102, v. 26. México, Instituto de Investigaciones Económicas, pp. 29-53.

CEPAL. (1992). *Educación y conocimiento: ejes de la transformación productiva con Eequidad.* Chile, Ed. Unesco.

DIDRIKSSON, A. (1992). "El complejo académico industrial. La universidad al borde del diglo XXI". In: DIDRIKSSON, A. (coord.). *Prospectiva de la educación superior.* México, Cise, Unam, pp. 47-77.

DIDRIKSSON, A. (1993). *La ciencia atada.* México, Cise, Unam.

GARCIA, C. (1991). Políticas culturales y relaciones centro-periferia en los 90. *Universidad de México,* n. 491, pp. 15-18.

GONZALEZ, Casanova (1991). El desafio de las ciencias sociales, hoy. *Universidad de México,* n. 491. pp. 23-25.

GONZALEZ, Casanova (1995). Ante la globalización, los mexicanos debemos cambiar sin olvidar nuestra historía. *Gaseta UNAM.*

HERRERA, A. (1996). Formación científico-profesional: propuesta para la Universidad Pública de México. *Perfiles Educativos,* n. 71. México, pp. 42-53.

HERRERA, M. (1993). La formación profesional del psicólogo. *Perfiles Educativos*, n. 59. Cise, Unam, pp. 31-34.

HUERTA, A. (1995). La crisis del neoliberalismo mexicano. *Problemas del Desarrollo,* n. 101, v. 26. México, Instituto de Investigaciones Económicas, pp. 7-27.

LABASTIDA, J. y DEL CAMPO, M. (1991). Globalización, cultura y modernidad. *Universidad de México,* n. 491, pp. 8-11.

MARX, C. y ENGELS, F. (1891). "Manifiesto del Partido Comunista". In: MARX, C. y ENGELS, F. (SIF). *Obras escogidas.* URSS, Progreso.

PECCEI, A. (1981). *Testimonio sobre el futuro.* España, Taurus Ediciones.

PROGRAMA DE LAS NACIONES UNIDAD PARA EL DESARROLLO. (1994). *Informe sobre desarrollo humano.* México, Fondo de Cultura Económica.

SAXE-FERNÁNDEZ, J. (1995). Plan de choque y la dialéctica entre macroregionalización y microregionalización. *Problemas de Desarrollo,* v. 26, n. 102. México, Instituto de Investigaciones Económicas, pp. 7-28.

SEP. (1994). *La globalización de la educación duperior y las profesiones: el vaso de América Latina del Norte.* México, Secretaría de Educación Pública.

SHAFF, A. (1985) *¿Qué guturo nos sguarda?* Barcelona, Crítica.

ZEMELMAN, H. (1992). "Formación de sujetos y perspectiva de futuro. In: PUIGGROS, A. y GÓMEZ, M. (coords). *Alternativas pedagógicas, sujetos y prospectiva de la rducación latinoamericana.* México, Unam, pp. 23-33.

Notas sobre as noções de doença, neurose e histeria na *Encyclopédie* (1751-1780) e no *Dictionnaire des Sciences Médicales* (1812-1822)

Sidnei José Cazeto*

RESUMO. O artigo compara as noções de doença, neurose e histeria em duas obras de referência para a intelectualidade francesa e para a classe médica na segunda metade do século XVIII e primeira metade do século XIX, a saber, respectivamente, a *Encyclopédie,* de Diderot e D'Alembert, e o *Dictionnaire des Sciences Médicales,* editado por Panckoucke. O exame dos verbetes sugere que a noção de neurose ou doença dos nervos teria sido sobreposta à antiga idéia de vapores, da teoria humoral. Mostra ainda como esta categoria nosológica (neurose), escapando ao paradigma da anátomo-patologia, permitiu à medicina reivindicar para o seu domínio uma série de fenômenos antes predominantemente considerados como sendo do campo religioso, num momento em que a noção de "psicológico" não estava ainda claramente constituída.

Palavras-chave: neurose, histeria, história da psicologia.

ABSTRACT. The present article compares the notion of disease, neurosis and hysteria in two works used as reference books by the intellectuals and the medical class in France in the second half of the 18th century and the first half of the 19th century. They are, respectively, *Encyclopédie*, by Diderot and D'Alembert and the *Dictionnaire des Sciences Médicales*, published by Panckoucke. The examination of the entries suggests that the notion of neurosis or nerve disease would have replaced the old idea of vapors, present in the humor theory. It also shows how this disease classification category (neurosis), escaping from the anatomy-pathology paradigm, permitted medicine to claim to its control a sequence of phenomena that used to be, predominantly, considered as belonging to the religious field, when the notion of "psychological" was not clearly formed yet.

Key-words: neurosis, hysteria, history of psychology.

A Enciclopédia[1] apresenta uma definição funcional de doença:

> Pode-se, por conseqüência, definir a doença como uma disposição viciosa, um impedimento do corpo ou de alguns de seus órgãos, que causa uma lesão mais ou menos sensível, no exercício de uma ou de diversas funções da vida sã, ou mesmo que faz cessar totalmente alguma, com exceção do movimento do coração. (1765, IX, p. 930)

Esta posição contrasta com outras definições citadas, algumas mais antigas, como a de que a doença seria um estado de contra-natureza, outras mais contemporâneas da Enciclopédia, como a de Sydenham, que sugeria tomar a doença como um esforço saudável do organismo contra a morte.

* Professor assistente-mestre do Departamento de Psicologia do Desenvolvimento da Faculdade de Psicologia da PUC-SP; doutorando em Psicologia Clínica pela mesma Universidade. E-mail: sidneicazeto@uol.com.br

1 O termo Enciclopédia será usado para fazer referência à *Encyclopédie, ou Dictionaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres,* de Diderot e D'Alembert, publicada entre 1751 e 1780, 21 volumes de texto. Os verbetes não apresentam o nome dos autores. Essa enciclopédia está sendo tomada como representativa do pensamento predominante na intelectualidade francesa da segunda metade do século XVIII.

Não se pode, neste período, falar em funcionamento do organismo sem se pensar no movimento dos humores: considera-se que seja no bom andamento de seus percursos e atribuições que se mantém a saúde. É nesta perspectiva que o artigo apresenta a proposição de Hoffmann, para quem a doença caracteriza-se pela perturbação nos movimentos das partes sólidas e fluidas do corpo humano, o que leva a lesões na secreção, excreção e outras funções da economia animal. Percebe-se que a doença é representada de modo geral como o impedimento de um movimento livre, que leva à estagnação ou ao represamento de algo em uma parte do organismo. Usa-se com freqüência, na medicina da época, o termo depósito (*dépôt*) que indica precisamente a acumulação de humores responsável pela formação de tumores e abcessos. Ele constitui também um verbete da Enciclopédia (1754, IV, p. 865).

Os humores constituem uma das duas partes que compõem o organismo. A outra são os sólidos. Estes sólidos têm a forma de canais, condutores, vasos ou reservatórios, ou seja, continentes dos líquidos humorais que devem circular para que se realizem as funções orgânicas. Há diferentes classes de humores, organizadas segundo suas funções (1765, VIII, p. 349).

A classificação das doenças em geral não é apresentada na Enciclopédia, mas indica-se o crivo a partir do qual ela procura ser realizada: o procedimento botânico de classificação.

No Dicionário[2] encontra-se uma definição mais complexa de doença. De início, ela é apresentada em negativo: seria um estado da economia animal oposto ao da saúde, esta existindo

> (...) quando os diferentes órgãos que compõem o corpo do homem conservam sua situação e suas relações naturais, a textura que lhes é própria, o modo de ação que lhes é designado, e quando todas as funções que lhes são atribuídas se exercem com liberdade, com facilidade e com um certo grau de prazer. (1818, XXX, p. 172)

É curioso encontrar a qualidade do prazer incrustrada nesta que poderia ser também considerada uma definição funcional. A doença, simetricamente, será compreendida como uma perturbação das funções, mas deverá ser acrescentado, agora, um outro tipo de lesão: a lesão dos tecidos. A anatomia patológica revolucionava, como se sabe, a clínica médica do século XIX, e é possível vê-la presente na definição a seguir:

> um obstáculo notável e perseverante ao exercício de uma ou várias funções necessárias à manutenção da vida: de modo que a doença consiste, propriamente falando, no deslocamento

2 Por Dicionário será entendido, aqui, o *Dictionnaire des Sciences Médicales, par une Société de Médicins et de Chirurgiens*, 60 volumes, editado por Panckouke de 1812 a 1822, e que seria representativo do pensamento hegemônico da classe médica francesa nas primeiras décadas do século XIX.

permanente de nossas partes, *na lesão notável de seus tecidos*, ou então na desordem ou embaraço notável e perseverante de nossas funções. (1818, XXX, p. 173; grifo meu)

Mesmo nos casos em que a inscrição anatômica é desconhecida, como ocorre nas doenças nervosas, supõe-se que ela deverá ser identificada no futuro.

A referência ao procedimento botânico para a classificação das doenças também é feita, mas as espécies, gêneros, ordens e classes não são apresentados. Por outro lado, chama a atenção a facilidade com que se reconhecia a influência do moral sobre o físico, de resto algo também perceptível no período anterior, como a sugerir uma representação do orgânico não divorciada das paixões[3]. Assim, afirma-se que o estado moral afeta a gravidade das doenças, mais freqüentemente no sentido negativo que positivo. A idéia é que um estado de ausência de paixões seria o mais benéfico; pelo menos é isso que se pode entender quando se lê que a paz de alma, a segurança, a confiança calma no futuro e a coragem tranqüila seriam as mais desejáveis. No sentido oposto, a tristeza, o medo, o ódio, o desejo, a ambição frustrada, a vergonha agravariam as doenças agudas, prolongariam as crônicas e poderiam tornar fatais doenças normalmente inofensivas. Como exemplo, cita-se o caso de um homem robusto de 22 anos, de excelente constituição, que convalescia no Hôtel-Dieu de uma febre gástrica leve, quando um aluno descuidadamente descobriu seus genitais ao examinar o seu ventre; um grande número de pessoas presentes viu, então, que ele tinha tido seu pênis amputado. O rapaz não quis mais comer nem sair de seu leito, tendo morrido no dia seguinte (Chamberet[4],1818, XXX, p. 187).

Mas o Dicionário nos oferece também o verbete *malade*, em que, como fonte básica das doenças, é apontada a depravação dos costumes promovida pela vida urbana; a civilização teria criado necessidades e alimentado as paixões que incidem negativamente sobre o coração dos homens e, em conseqüência, sobre sua saúde. Entretanto, sabe-se, diz o artigo, que há um instinto natural que indica ao homem como proceder no caso de uma doença. Observa-se, por exemplo, nas doenças leves ou indisposições, a vontade de repouso e a inclinação à dieta, que seriam como que sinais básicos que, se fossem seguidos, tornariam o médico dispensável. De um modo geral, os apetites que surgem na doença apontam os meios necessários para a cura: na asma busca-se o ar livre; nas doenças inflamatórias, as bebidas refrescantes; nas febres pútridas, as frutas ácidas, sentindo-se repugnância pelas carnes. Aparecem, é verdade, desejos que se atendidos podem prejudicar, ao invés de ajudar, o restabelecimento do doente, devendo-se, assim, discriminá-los das verdadeiras indicações da natureza. Em geral, a vontade por coisas simples tende a ser na-

3 Mesmo porque a noção de "paixão" não dizia respeito a algo da ordem do espírito, mas do indivíduo encarnado, sendo difícil de ser reduzida a apenas uma das polaridades mente-corpo. A partir daí seria possível perguntar-se o quanto o modelo filosófico cartesiano, da separação das substâncias, tinha conseguido penetrar na medicina.

4 É quem assina o verbete *maladie*.

tural, enquanto algo diretamente oposto ao gênero do doente, não. Porém, quanto mais se desenvolve o intelecto, mais surdo se é a esta voz do instinto, de modo que se acaba por perdê-la (Foderé, 1818, XXX, pp. 150-154).

Ora, isto nos mostra o quanto era razoável propor, na época, que o doente teria a possibilidade de encontrar em si mesmo uma espécie de médico-natureza, pronto, exato, desde que, atravessando sua casca civilizada, atingisse camadas mais "puras" do organismo.

É interessante notar também que, com a inserção da idéia de lesão anatômica relacionada à doença, parece declinar a importância da idéia de "depósito" na patologia. Esta se complexifica, embora a noção de *dépôt* se mantenha, apresentando-se como sinônimo de abcesso (Petit, 1814, VIII, p. 31); é como se de princípio geral ele passasse a caso particular. Os humores ainda continuam sendo considerados como uma das duas partes componentes dos corpos organizados (Adelon, 1818, XXII, p. 37), mas fica evidente a sua menor participação no mecanismo da doença quando o verbete correspondente discrimina uma categoria específica de humores mórbidos, que inclui o pus, os quistos e os vírus, o que não se havia visto na Enciclopédia.

Por fim, ainda no tópico sobre doença, cabe sublinhar o fato de as febres serem consideradas um de seus tipos. O Dicionário apresenta um longo artigo de Fournier e Vaidy sobre o tema, no qual se encontra a apresentação da febre intermitente, categoria geral para os tipos cotidiano, terça e quarta, por exemplo. A febre terça era uma forma de febre intermitente em que o acesso ocorria duas vezes em três dias, falhando no dia do meio; na febre quarta ocorriam dois acessos em quatro dias, falhando os dois dias intermediários. Citam-se no verbete, também, febres quintas, sextas, sétimas, oitavas, nonas e décimas, mais raras, além das complicadas febres duplo-terças, duplo-quartas e triplo-quartas. Mais interessante do que se deter nas equações algo exóticas destas regularidades é comentar que os autores sugerem que as causas destas febres sejam de origem nervosa. As afecções da alma seriam capazes de provocá-las, além de ser mais comum encontrá-las nas pessoas mais sensíveis e de aparelho nervoso mais instável (1816, XV, p. 506).

Não foram encontradas *nevrose, nevrotique* ou *maladie des nerfs* na Enciclopédia, mas o artigo *nevrose* do Dicionário é imenso, estando assinado por Pinel e Bricheteau. Nele, considera-se neurose uma categoria geral que incluiria todas as afecções do sistema nervoso sem causa material orgânica. Isto significa um grande número e, mais ainda, uma variedade enorme de doenças. Todas as doenças relativas aos sentidos, à atividade motora e à inteligência, as três grandes funções do sistema nervoso, respeitado o critério inicial, deveriam ser consideradas neuroses. Assim, os autores apresentam um quadro sinótico desta doença que reúne, no que se refere às funções cerebrais, a calalepsia, epilepsia, hipocondria, melancolia, mania, demência, idiotismo, sonambulismo, hidrofobia; no que se refere aos sentidos, vários tipos de perturbações da audição, da

visão; no que se refere à locomoção, as nevralgias, o tétano, convulsões, paralisias, etc.; perturbações da voz; perturbações da digestão, como espasmo do esôfago, vômitos, bulimia, cólica; perturbações da respiração e da circulação. Por fim, aparecem as neuroses da geração, relativas aos genitais do homem, como as ereções fracas ou inexistentes, a tendência irresistível a repetir freqüentemente o ato venéreo, etc.; e relativas aos genitais da mulher, como a ninfomania e a histeria. A histeria é descrita como a sensação de uma bola que sai do útero e vai até o pescoço, dificultando mais ou menos a respiração, além de movimentos convulsivos periódicos,[5] etc. (1819, XXXV, pp. 560-562).

Segundo os autores, além da ausência de lesão física, haveria uma outra característica em negativo comum a todos estes quadros: a não existência de estados febris, o que obviamente contradiz o autor do artigo sobre as febres. Os grandes candidatos às neuroses seriam as pessoas de constituição débil e sensibilidade refinada. As qualidades do espírito freqüentemente se associavam a este tipo de mal.

> O sistema nervoso continuamente em ação, a sensibilidade entregue a uma espécie de exaltação quase contínua, dispõe os indivíduos às doenças nervosas. Muito sensíveis, e procurando com avidez as impressões sempre novas que os fatigam e esgotam, caem num estado de excitação, de suscetibilidade nervosa, no qual a menor sensação, a menor contrariedade torna-se insuportável e causa graves acidentes. Lorry, em sua obra sobre a melancolia nervosa, dá um exemplo tocante desta espécie de perversão da sensibilidade de uma pessoa delicada, sensível e exposta durante muito tempo a múltiplas sensações que tinham desorganizado todas as funções do sistema nervoso. Uma jovem mulher, diz ele, de uma constituição muito delicada, com uma menstruação difícil, casou-se aos 15 anos, ou seja, muito precocemente: logo ela tem uma mágoa pela ausência de seu marido, que era militar, e pelo medo de perdê-lo; ela procura a solidão, abandona-se a idéias tristes e melancólicas: daí uma mobilidade extrema nos músculos; o que ainda se agravou, no retorno de seu marido, com dois partos, antes que seu corpo tivesse completado seu amadurecimento. A freqüência dos movimentos convulsivos aumenta gradualmente, ao ponto de que a simples queda de uma pedra, de uma altura medíocre, era suficiente para fazê-la cair em convulsões violentas, espasmos, e distorções da boca: tornava-se toda espécie de cuidado para evitar o menor ruído ao seu redor. A intensidade das afecções espasmódicas chegou ao ponto em que o menor alimento excitava convulsões em todos os músculos do abdômen. Um enfraquecimento e emagrecimento rápido colocaram um termo a esta infeliz existência (1819, XXXV, pp. 566-567).

Uma boa parte da responsabilidade na predisposição a esta doença estaria numa débil educação física praticada nas cidades. Isso se acentuaria no caso das mulheres e, aliada a uma constituição delicada, uma sensibilidade exaltada tenderia a torná-las uma presa preferencial desta doença. Segundo os autores, eram mulheres com este tipo de mal que faziam os espetáculos nos

5 Os autores não esclarecem qual a relação entre a *sensação* de uma bola que sai do útero e vai até o pescoço e os genitais da mulher. Voltaremos a isto quando formos apresentar o verbete *histeria*.

baquets de Mesmer[6]; elas também seriam os personagens de eventos considerados sobrenaturais, como os das convulsionárias de Saint Médard.[7]

Um certo tipo de vida também seria propício para as neuroses: a vida contemplativa, a solidão, as abstinências, as mortificações. Acrescentem-se os trabalhos literários longos e obstinados, associados ao abuso do café para prolongar as vigílias. O clima também seria importante: um clima mais quente e claro excitaria mais a sensibilidade do que um outro de sol mais leve, em que predominariam paixões refletidas e fleumáticas. Claro que seria preciso, então, explicar a alta incidência de neuroses nas ilhas britânicas, mas isto era feito atribuindo-se sua manifestação a outros fatores, como a umidade do ar, variações bruscas da temperatura, além de um patriotismo ardente, afecções morais vivas, etc.

As causas que recebem um grande destaque no arrazoado dos autores, no entanto, são as afecções da alma. Elas agiriam de modo especialmente contínuo, ativo e profundo no sistema nervoso. As fontes mais comuns da alienação mental seriam mágoas pelos revezes da fortunas, perdas de pessoas queridas, terrores religiosos, amores infelizes. Os delírios não febris deveriam, assim, ser associados a paixões contrariadas e alterações da sensibilidade moral, mais do que a vícios de organização do cérebro.

No que se refere ao tratamento das neuroses, ressalte-se a indicação quase exclusiva do tratamento moral[8] para as loucuras. Todavia, o uso de meios violentos, como banhos de surpresa, aplicações de gelo, etc., podia fazer desaparecer acessos de histeria, epilepsia, nevralgia, mania, etc. Boerhaave teria parado convulsões de crianças que se propagavam por imitação num hospital de Harlem, apresentando aos pequenos doentes cauteres incandescentes e dizendo-lhes que, infelizmente, precisaria lançar mão deste recurso extremo para tratar dos casos de recidivas das convulsões. Num outro exemplo de cura de epilepsia, comentou-se, em presença de um jovem epiléptico, que aquele tipo de problema ocorria com idiotas e imbecis, podendo-se evitar os ataques quando se desejasse. Impressionado, o jovem teria passado a dominá-los.

A Enciclopédia não oferece nenhum artigo sobre a histeria, exceto *hysterique*, definido como um termo aplicável a tudo que se relaciona com a matriz (o útero), chamando-se, assim, de histéricas a maior parte das doenças relativas a este órgão, as pessoas afetadas por estas doenças e os remédios empregados

6 Franz Anton Mesmer (1734-1815) tratava doentes a partir do que propunha ser um fluido magnético difundido no universo e presente, em condições variadas, nos homens (o magnetismo animal). Este fluido podia ser armazenado e concentrado em *baquets*, recipientes cilíndricos e largos, ao redor do quais reunia os doentes para as sessões terapêuticas.

7 Esta questão será retomada quando da análise do artigo *convulsionária*.

8 Modalidade não-medicamentosa de terapêutica praticada na Europa desde o século XVIII, mas sistematizada e tornada célebre por Pinel, no *Traité médico-philosophique sur l'aliénation mentale, ou la manie*, publicado em 1800.

especificamente no seu tratamento. Vê-se que não se discrimina, pelo artigo, um quadro nosológico com uma etiologia própria; a unidade das doenças histéricas parecia ser mais conseqüência do fato de se situarem no mesmo lugar do corpo do que da coincidência de causas. Em outras palavras, histéricas eram as doenças que, embora relativas ao útero, não necessariamente encontravam ali os seus determinantes (1756, VIII, p. 420).

À frente, o verbete discute a *passion* ou *afection hystérique*, em que fica clara a dificuldade de distinção entre histeria e hipocondria; a maior parte dos autores não faria diferença entre estas duas afecções, diz o artigo. O quadro complica-se ainda mais com a leitura de *hypocondriaque*, termo pelo qual se designam, segundo o texto, os doentes afetados pela melancolia, cuja sede estaria nas vísceras, sobretudo o fígado e o baço. O humor mórbido da paixão hipocondríaca ou melancolia seria a bílis que, além de infectar os demais fluidos, poderia fixar-se sobre órgãos do baixo-ventre, por exemplo, a matriz. Neste caso, ele provocaria a paixão histérica. Donde se vê que falar em afecção histérica, hipocondríaca e melancólica, no final do século XVIII, significava falar de três quadros de difícil diferenciação. Encontra-se algum esclarecimento ao se compreender que este conjunto correspondia aos *vapeurs*, uma doença que se supunha derivar de um vapor sutil elevado das partes inferiores do abdômen (sobretudo dos hipocôndrios ou matriz) através dos nervos que chegaria até o cérebro, perturbando-o e enchendo-o de idéias extravagantes e geralmente desagradáveis. Nos homens, chamava-se o mal de afecção hipocondríaca; nas mulheres, de afecção histérica.

Não se trata de supor uma espécie de fumaça transportando-se dentro do organismo, sublinha o texto, ainda que o termo favoreça este tipo de simplificação. A teoria que se oferece é mais propriamente nervosa, de modo que se vai percebendo por que não se havia encontrado, na Enciclopédia, um verbete sobre neurose ou doença dos nervos; é que estas parecem estar contempladas nos vapores. Assim, supõe-se que as perturbações dos órgãos abdominais, seja fígado, baço, estômago, seja matriz, irritariam as fibras nervosas e, simpaticamente, o cérebro, através do oitavo par de nervos com o grande nervo intercostal. Porém, o que, mais precisamente, seria isto que se comunica pelos nervos e faz o ventre influenciar tão diretamente o cérebro? O artigo ora fala em um vapor sutil, ora em espíritos animais, termo que, como se sabe, era utilizado em fisiologia para referir-se a partículas materiais infinitamente sutis que permitiam pensar a comunicação nervosa do organismo.

As causas dos vapores serão semelhantes às que, mais tarde, como visto no Dicionário, vão ser atribuídas às neuroses. Assim, eles atacam sobretudo às pessoas que exercitam mais o pensamento e a imaginação que o corpo. As pessoas ambiciosas, as que apreciam as facilidades da vida, as pessoas de letras, os eclesiásticos, os devotos, as pessoas esgotadas pela luxúria ou excesso de aplicação, mulheres ociosas e que comem muito são todos altos can-

didatos a estas afecções. Como compreender a relação entre estas condições e a irritação dos nervos? Não é muito simples encontrar um termo comum entre estes fatores, exceto se estes forem situados como hábitos desregrados que perturbariam a boa circulação dos humores. Tanto é que a terapêutica – e mesmo a prevenção – indicava condutas alimentares, de atividades e de pensamento, mais equilibradas e retas (1765, XVI, pp. 836-837).

Mantendo-se no mesmo tema, encontra-se, no Dicionário, um quadro em que a histeria já tem nome próprio e parece bem mais diferenciada como categoria nosológica. O autor do verbete, Louyer Villermay (1818, XXIII, p. 227), critica a posição de Sydenham que, no século anterior, teria afirmado que as afecções histéricas e hipocondríacas eram uma só doença, sendo, a histeria, a hipocondria das mulheres. Com Cullen e Pinel, Villermay situa a histeria entre as neuroses.

A leitura do texto vai mostrando que, em contraste com o que se discutia na Enciclopédia, a histeria do começo do século XIX não é algo que sobe para o cérebro, mas que se centraliza nos órgãos genitais da mulher. É ali que se encontrará a sua sede, mais precisamente no útero. Claro que os efeitos se estenderão ao corpo todo, e mesmo ao espírito, mas representa-se a histeria neste momento a partir de um *locus* privilegiado, bem definido, algo que não se via antes; uma certa geografia da doença se precisa.

Em conseqüência, a histeria será específica das mulheres. Mas o que haveria de particular nos órgãos femininos que fazia com que uma tal revolução não pudesse ser vista nos homens? Por que o sistema reprodutor masculino não teria a mesma força, o mesmo efeito explosivo? Trata-se, lê-se no artigo, da posição do útero no organismo. Ele é situado no interior, relacionando-se intimamente à economia geral do corpo. Está ligado a uma quantidade maior de vasos e nervos e é encarregado de funções mais importantes; os genitais masculinos são exteriores, parecendo formar um sistema isolado. A mulher, portanto, está completamente atravessada por esta função; no homem, o correspondente não passa de um suplemento.

A principal tese do artigo parece ser a seguinte: a histeria decorre de uma excitação excessiva do órgão uterino, o que poderia acontecer pelos motivos mais diversos. Excitado, o órgão desencadearia as reações nervosas que poderiam chegar às impressionantes convulsões. A idéia é que a violência das manifestações seria correspondente à força contida no aparelho genital. Note-se que não se trata de sexualidade tal como a entendemos; não se considera um desejo de ordem psicológica determinando os distúrbios. A excitação uterina não aparece como metáfora da excitação sexual, mas como instinto natural, algo que ultrapassa as possibilidades de controle do indivíduo quando atinge um certo patamar. Nesse sentido, como causas físicas, o texto indica as constituições delicadas, o temperamento nervoso, a sensibilidade refinada, uma educação pouco rígida, de cuidados exagerados, um sistema uterino ardente e

lascivo, a perturbação das regras, a continência voluntária ou forçada, eventualmente onanismo e irritação especial do útero. Ou seja: enfraquecida por uma educação frouxa, a mulher sucumbe mais facilmente à irritação do órgão; como se a histeria fosse o resultado de um combate entre os impulsos animais e o esforço de domínio, em que os primeiros saem vencedores.

Haveria ainda as causas morais, relacionadas àquilo que poderia exaltar os sentidos e, conseqüentemente, o ventre. Inverte-se, aqui, o sentido do vetor patológico em relação ao período anterior, quando se descreviam as perturbações abdominais como desorganizadoras das funções do intelecto. Agora, enfatiza-se, sobretudo, como a atividade do espírito pode provocar a matriz: uma imaginação intensa, um coração muito terno ou fácil de inflamar, as afecções penosas da alma, um amor contrariado, violentos sentimentos de ciúmes. Fatores ambientais, da mesma forma que vimos na neurose, teriam sua contribuição: quanto mais calor e sol, mais propício à doença era o clima. Mas um golpe de frio também poderia ser violento e, assim, igualmente capaz de satisfazer ao critério da excitação.

As excitações pareciam vir dos meios mais diversos, tais como as compressões do corpo, roupas apertadas, mas ainda banhos muito freqüentes, limpezas demasiadamente freqüentes do corpo. Uma grande importância era também atribuída à retenção ou supressão do fluxo menstrual; neste caso, usava-se prescrever sanguessugas na região inguinal ou na vulva da histérica, visando fazer "descer" a menstruação.

As mulheres de constituição forte geralmente tinham também um aparelho reprodutor-sexual altamente excitável, de modo que se uniam às donzelas pálidas no grupo suscetível à doença. O autor chega a dar a descrição física daquelas em que o quadro aparecia com freqüência: cútis morena, olhos negros e vivos, boca grande, dentes brancos, lábios vermelhos vivos, cabelos abundantes, sistema piloso bem desenvolvido e de cor negra.

A continência voluntária ou forçada era considerada como um dos principais fatores da histeria. Mas, ainda uma vez, seria preciso chamar a atenção para o fato de que não se entendia por isso uma necessidade psicológica que ficasse insatisfeita; pensava-se, mais propriamente, no sentido de uma força biológica que, expandida, aprisionava-se. Não era nada estranho que as vítimas convulsionassem. Sérapion atribuía a histeria à falta de atividades sexuais, mas Louyer Villermay considera tal proposta um reducionismo, porque mesmo o abuso de prazeres venéreos poderia ter igual efeito irritativo sobre as mulheres. Além disso, as prostitutas e as casadas que sabidamente gozavam do amor carnal não se imunizavam contra esta afecção nervosa. Nestas, as dores morais podiam fazer as vezes de desencadeadores.

Fácil é perceber o papel importante da imaginação na disposição patológica, até porque o autor sugere que a freqüentação de espetáculos, a leitura de romances, enfim, a cultura das belas artes não estariam do lado da saúde. Ou-

tras faculdades também entrariam na dinâmica, mas sempre relativas de algum modo à imaginação; a memória, por exemplo, reproduziria para a mulher as cenas do amante, suas palavras sussurradas, seus carinhos, além de imagens mais ardentes. Seria possível encontrar em Santa Tereza D'Ávila, diz o autor, um exemplo deste mal. No mesmo sentido, também seriam histéricos um bom número das convulsionárias do século anterior e dos magnetizados e sonâmbulos da época.

A histeria deveria ser discriminada da epilepsia e da hipocondria. Quanto à epilepsia, em que pese alguma semelhança quanto a manifestações, como as crises convulsivas, não era a continência, nem o mal de amor, nem as perturbações da menstruação que a provocavam, mas uma situação significativa de *medo* que se houvesse vivido. A sede da doença estaria no cérebro, enquanto, na histeria, a perturbação cerebral participaria apenas de modo secundário, como parte do sistema nervoso. O útero não teria nenhum papel na epilepsia. Quanto à hipocondria, as diferenças seriam várias. Primeiro, a idade mais propícia ao seu desenvolvimento seria a adulta, contra a puberdade e a época crítica (menopausa) para a histeria. Mas, principalmente no caso da hipocondria, os determinantes não seriam excitantes e sim *debilitantes*. A vida sedentária, os trabalhos muito seguidos de escritório, as meditações prolongadas, além das afecções penosas da alma, levariam a um esgotamento patogênico. É curioso verificar que, entre os fatores arrolados pelo autor, há um que não se consegue encaixar neste critério: a leitura de livros de medicina.

Caberia perguntar, por fim, se a histeria continuaria sendo doença vaporosa para os autores do Dicionário. No verbete *vapeur* (F.M.V., 1821, LVI, p. 508), o modelo explicativo contido nesta palavra parece um pouco depreciado, principalmente em relação à importância que tinha na Enciclopédia, pois lê-se, por exemplo, que se fala de vapores em patologia para designar doenças diferentes das quais não se conhece exatamente a causa. Funcionaria assim como uma espécie de coringa especializado em resolver lacunas do conhecimento. O autor, sempre parecendo sugerir que estaríamos diante de uma noção algo ultrapassada, conta que a histeria, dentre as doenças nervosas, foi a que mais particularmente recebeu o nome de vapores, porque a bola que os doentes diziam sentir supunha-se estar cheia de ar.

Em vários artigos relacionados às doenças nervosas, como vimos, encontra-se referência às convulsionárias de Saint-Médard. O Dicionário dedica-lhe um verbete, assinado por De Montegre, que relata a história que teria começado por volta de 1724 e durado mais de dez anos (1813, segunda parte, VI, p. 211). Um grupo de jansenistas que se opunha a uma bula papal e reivindicava um novo concílio passou a sofrer perseguições, e um deles, o diácono Pâris, teria morrido, segundo eles, em odor de santidade. De Montegre afirma que o quadro era de fanatismo, o que favoreceu que se criasse uma expectativa de

milagres: Deus lhes tomaria a defesa. Em pouco tempo, curas começaram a ocorrer com devotos que visitavam o túmulo do diácono, mas, antes das curas, convulsões.

Ao que parece, acreditava-se, diz o texto, que as convulsões eram freqüentemente o caminho tomado pela Providência para produzir os milagres. Muitos doentes, entretanto, foram curados sem convulsões. Estas só afetavam mulheres; elas, de todas as idades, aproximavam-se do túmulo na esperança de receber a graça e, instalando-se sobre ele e mesmo dormindo no local, começavam a ter movimentos involuntários violentos, intensificação das dores, evacuações abundantes, o que eventualmente levava à cura.

Boa parte do que se sabe sobre o episódio se deve ao livro de Montgeron, *La verité des miracles opérés à l'intercession de M. de Pâris, demontrée contre M. l'archevêque de Sens.* Montgeron era conselheiro do Parlamento e, sentido-se ele mesmo beneficiado por um milagre, o da sua conversão, assume o risco de relatar os casos confirmados, reunindo os documentos que os atestariam juridicamente. Ele apresenta o texto ao Rei; na epístola que encaminha a este, arrola muitos argumentos para demonstrar a legitimidade de sua iniciativa, o que mostra que ele estava fazendo algo que sabia ser perigoso (1737, p. VI). De fato, Luiz XV responde com uma ordem de prisão, sendo que, no cárcere, Montgéron aperfeiçoa seu trabalho, que faz publicar com gravuras, em 1737. A obra espalha-se clandestinamente.

Neste livro são relatados alguns episódios estranhos, que contribuíram, muito provavelmente, para fazer com que o acontecimento fosse comentado ainda no século seguinte. Algumas convulsionárias suplicavam para que outras pessoas, em geral homens, golpeassem seus corpos ou fizessem coisas que normalmente as machucariam, sob o argumento de que as aliviariam de seus males. De Montegre recolhe alguns exemplos, entre eles o de uma mulher que

> (...) deitada no chão, [pedia que] ela fosse pisada por homens os mais robustos; embora eles fizessem todos os esforços para afundar as solas de seus sapatos em seus lados, não se podia encontrar meio, nem desta maneira nem de outra, de pressioná-los tanto quanto ela solicitava; assim, o efeito destes socorros foi, em pouco tempo, de empurrar a espinha no meio das costas, e de recolocá-la onde ela deveria estar naturalmente: de modo que de uma pequena corcunda cujo corpo era todo entortado desde 1681, os socorros fizeram, em 1733, uma pessoa hoje bem reta... (citado por De Montegre, 1813, p. 216)

Uma outra doente pedia para que o maior número possível de homens subisse sobre uma prancha que ela colocava sobre si, chegando a caber mais de vinte, embora muitas vezes se queixasse de que não havia peso o bastante para tratar do inchaço que sentia nos músculos. Num caso mais impressionante, fala-se de uma convulsionária que, deitada de costas, recebia os golpes de uma pedra que um homem, ajoelhado a seu lado, levantava o mais alto que podia e descia com toda a força sobre o peito da moça, cem vezes seguidas (idem, 1813, p. 217).

Um exemplo também extremo é o de uma jovem de 22 ou 23 anos, chamada Jeanne Moulier, que, apoiada contra um muro, recebia no estômago os golpes de um homem com uma barra de ferro. Este homem conta o ocorrido:

> Eu tinha começado, seguindo meu hábito, de não dar de início, à convulsionária, senão golpes muito moderados; entretanto, excitado por suas queixas, que não deixavam nenhuma dúvida que a opressão que ela sentia no estômago não podia ser aliviada senão por golpes muito violentos, eu redobrei a força dos meus, mas foi em vão que eu empregava, no fim, toda a força que podia; a convulsionária continuava a se queixar que os golpes que eu lhe dava eram tão fracos que não lhe proporcionavam nenhum alívio, e ela me obriga a passar a barra de ferro para as mãos de um homem grande, forte e vigoroso que estava entre os expectadores. Este (...), instruído pelo ensaio que eu acabara de fazer, no qual eu não pudera dar-lhe golpes violentos o bastante, descarrega-lhe golpes tão terríveis, sempre no estômago, que estremeciam o muro contra o qual ela estava apoiada.
> A convulsionária se fez dar em seqüência, com esta força, os cem golpes que ela havia pedido de início, não contando para nada os sessenta que ela tinha recebido de mim. Assim, ela não parava de agradecer àquele que lhe proporcionara um socorro que ela dizia lhe fazer muito bem, e ao mesmo tempo, de recriminar minha fraqueza, minha falta de fé e minha pretensa timidez.
> (...) Quando os golpes eram dados com muita violência, a barra de ferro afundava no estômago da convulsionária, parecendo penetrar quase até as costas, e esmagar todas as vísceras que se encontravam sob o peso de seus golpes; era então que a convulsionária gritava com um ar de contentamento em seu rosto: Ah, como isso é bom! ah, como me faz bem! Coragem! meu irmão, redobrai ainda as forças, se sois capaz. (citado por De Montegre, 1813, p. 218)

Como explicar estes fenômenos? De Montegre parte do princípio de que eles são verídicos, seja por supor que pessoas como Montgeron não teriam motivo para mentir, seja por ter visto coisas extraordinárias ocorrerem em seu tempo através do magnetismo. Citando Cabanis, autor de um livro sobre as relações sobre o físico e o moral no homem, e Hecquet, que teria procurado mostrar que parte dos fatos das convulsionárias podia ser explicada pelas leis conhecidas do organismo, De Montegre defende a tese de que uma determinada disposição moral seria capaz de modificar a sensibilidade dos órgãos, considerando dispensável os modelos da religião e do magnetismo para explicar os milagres de Saint-Médard.

O esforço de De Montegre não parece um fenômeno isolado no século XIX; ao contrário, e ainda que na ausência do conceito de "psicológico", constituído tal como o conhecemos, uma série crescente de trabalhos procurara tratar de forma científica o que antes mais facilmente era remetido ao campo do exótico ou do sobrenatural. Estas novas perspectivas, ao mesmo tempo que constituíam objetos inéditos de investigação, procuravam recontar a história do passado segundo os mais recentes conceitos, fazendo com que a verdade do presente servisse também para iluminar os mistérios de antigamente; como foi visto, casos antigos de possessão, de êxtase religioso, de convulsões coletivas, foram sendo considerados como exemplos de estados patológicos que agora se compreendiam como fenômenos naturais.

Ora, estes estados patológicos foram, gradativamente, identificados como relativos ao psiquismo.[9] Donde ser possível indicar que, pela vertente da medicina, a patologização de fenômenos humanos (ou sobre-humanos) esteve associada aos primórdios da constituição do campo psicológico, na França dos anos oitocentos.

Referências bibliográficas

ADELON (1818). "Humeurs". In: *Dictionnaire des sciences médicales, par une société de médicins et de chirurgiens*, vol. XXII. Paris, C.L.F. Panckoucke, Editeur.

AZAM, E. (1893). *Hypnotisme et double conscience origine de leur étude et divers travaux sur des sujets analogues*. Felix Alcan Éditeur.

CHAMBERET (1818). "Maladie". In: *Dictionnaire des sciences médicales, par une societé de médicins et de chirurgiens*, vol. XXX. Paris, C.L.F. Panckoucke, Editeur.

DE MONTEGRE (1813). "Convulsionnaire". In: *Dictionnaire des sciences médicales, par une societé de médicins et de chirurgiens*, vol. VI. Paris, C.L.F. Panckoucke, Editeur.

F. M .V. (1821). "Vapeur". In: *Dictionnaire des sciences médicales, par une societé de médicins et de chirurgiens*, vol. LVI. Paris, C.L.F. Panckoucke, Editeur.

FODERÉ (1818). "Malade". In: *Dictionnaire des sciences médicales, par une societé de médicins et de chirurgiens*, vol. XXX. Paris, C.L.F. Panckoucke, Editeur.

FOURNIER e VAIDY (1826). "Fièvre". In: *Dictionnaire des sciences médicales, par une societé de médicins et de chirurgiens*, vol. XV. Paris, C.L.F. Panckoucke, Editeur.

LOUYER VILLERMAY (1818). "Hystérie". In: *Dictionnaire des sciences médicales, par une societé de médicins et de chirurgiens*, vol. XXIII. Paris, C.L.F. Panckoucke, Editeur.

PETIT (1814). "Dépot". In: *Dictionnaire des sciences médicales, par une societé de médicins et de chirurgiens*, vol. VIII. Paris, C.L.F. Panckoucke, Editeur.

PINEL e BRICHETEAU (1819). "Nevrose". In: *Dictionnaire des sciences médicales, par une société de médecins et de chirurgiens* (1812-1822), vol. XXXV. Paris, C.L.F. Panckoucke, Éditeur.

9 Demonstrar esta afirmação exigiria um outro artigo. Como compensação, podem ser citados os trabalhos de Eugène Azam, cirurgião de Bordeaux, sobre casos de dupla consciência e divisão de personalidade. Ver Azam (1893).

Encyclopédie, ou Dictionaire raisonné des sciences, des arts er des métiers, par une société de gens de lettres (1751-1780). Mis en ordre et publié par Mr. ***. A Neufchastel, Chez Samuel Faulche & Compagnie, Libraires & Imprimeurs. (Impressão em fac-símile da primeira edição.)

MONTGERON, L.-B. C. de (1737). *La verité des miracles opérés à l'intercession de M. de Pâris, demontrée contre M. l'archevêque de Sens. Ouvrage dedié au Roy par M. de Montgeron, conseiller au Parlement.* Utrecht, chez les Libraires de la Compagnie, MDCCXXXVII.

Famílias recasadas: uma análise da literatura psicológica

Iara C. Z. Guerriero*
Adriana Leônidas Oliveira**
Marilza T. S. Souza***

RESUMO. Este estudo teve como objetivo realizar uma revisão na literatura sobre famílias recasadas, abrangendo um período de 30 anos, incluindo artigos e dissertações. Foram utilizadas as bases de dados Medline, Lilacs, PsycINFO-APA e UMI. É apresentada uma breve exposição teórica sobre o tema e, em seguida, os resultados do levantamento bibliográfico agrupados em categorias desenvolvidas a partir da análise dos textos e que ilustram os principais aspectos pesquisados no tema. É realizada uma análise destas categorias quanto à freqüência e ao período em que aparecem na literatura, a evolução do tema "famílias recasadas" ao longo dos anos e um levantamento dos periódicos que trazem o maior número de material na área. Num contexto geral, existe na literatura grande ênfase em estudos e pesquisas sobre a conseqüência do recasamento na saúde mental dos filhos e sobre o recasamento e a saúde física dos cônjuges. As autoras discutem a necessidade e a importância de um maior número de pesquisas em determinadas áreas de estudo da família recasada, como a dinâmica, o funcionamento e a intervenção.

Palavras-chave: revisão de literatura, famílias não tradicionais, recasamento.

ABSTRACT. This study aimed to develop a literature review on remarried families, covering a period of 30 years and including journal articles, theses and dissertations . Medline, Lilacs, PsycINFO-APA and UMI were used as data bases. A brief theoretical explanation about the subject is offered and, afterwards, the study presents the results of the literature review grouped into categories which were developed from the analysis of the material and which illustrate the main aspects studied in this field. An analysis of these categories is developed in relation to the frequency and the period in which they appear in the literature, the evolution of the theme "remarried families" throughout the years and a survey of the journals which bring the highest number of articles about the subject. In general, it could be noticed in the literature a great emphasis on studies about the consequences of remarriage for the mental health of the children and about remarriage and the couple's physical health. The authors discuss the need and importance of more studies in specific areas of the remarried family, such as: its dynamics, functioning and intervention.

Key-words: literature review, remarriage, stepfamily.

Tem aumentado muito o número de famílias recasadas, e cada vez mais o recasamento passa a ser uma possibilidade, dentre várias, numa sociedade que tem caminhado no sentido da pluralidade de opções. Porém, muitas questões ainda se colocam. Esse trabalho discutirá, na primeira parte, a definição de fa-

* Mestranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. E-mail: iarag@uol.com.br

** Professora do Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté (Unitau). E-mail: ws@aquarius.com.br

*** Professora do Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté (Unitau). E-mail: adsouza@iconet.com.br

mília recasada. Em seguida, serão descritas algumas de suas características, bem como o processo do recasamento e seu impacto em diferentes fases do ciclo vital.

Uma família reconstituída é criada quando dois adultos se unem formando uma nova família, para a qual, um ou ambos trazem pelo menos um filho de uma relação anterior.

Um segundo casamento envolve o entrelaçamento de três, quatro ou mais famílias.

O processo através do qual o sistema familiar recasado se estabiliza e recupera a confiança é tão complexo que McGoldrick e Carter (1995) propõem pensar nesse processo como acrescentando uma outra fase ao ciclo vital da família. Essas mesmas autoras ressaltam a necessidade de um paradigma de família inteiramente novo com o recasamento, que leva em consideração os novos relacionamentos e papéis extremamente complexos.

A expressão escolhida por elas para definir as famílias nesta situação é *família recasada*, pois enfatiza o vínculo conjugal que forma a base para o complexo arranjo de várias famílias nessa constelação.

Placter e Velasco (1989) propõem a expressão *família simultânea*, substituindo outras amplamente empregadas, como *família reconstituída* ou *mista*. Eles enfatizam a importância da linguagem, uma vez que o uso dos conceitos *família reconstituída* ou *mista* traz uma série de significados.

O termo *reconstituída* implica voltar a constituir, supondo uma família constituída e desfeita pelo divórcio e que, posteriormente, voltou a se refazer em suas condições originais. Os autores consideram este termo inadequado por invocar a mitologia da família nuclear.

O termo *mista* é muito vago, pois quer dizer que a família é composta por vários elementos, não estabelecendo diferenças na organização de uma classe de família em particular.

O conceito *simultânea* expressa o ponto central que rege estes sistemas, ou seja, a coexistência de pelo menos dois sistemas familiares. Trata-se de uma simultaneidade de pertinências que não existe na família intacta.

Certas dinâmicas, geralmente observadas nas famílias simultâneas, que freqüentemente aparecem nas situações de conflito ou sofrimento, têm sua origem na tentativa de recriar o modelo da família nuclear, no qual as relações de convivência são definidas por funções, expectativas e papéis parentais e filiais.

Para esses autores, os conflitos nas famílias simultâneas surgem mediante a negação da coexistência ou através da negação das diferenças entre esses sistemas. Afirmam a existência de algumas expectativas e crenças compartilhadas pelos membros dessas famílias, quais sejam:

- expectativa com respeito ao amor: os cônjuges "combinam" que um gostará dos filhos do outro como se fossem seus;

• expectativa a respeito de responsabilidade sem direitos: o padrasto ou a madrasta tem direito de assumir toda e qualquer responsabilidade em relação aos enteados, sem, porém, poder frustrá-los ou limitá-los;

• expectativa a respeito da igualdade: todas as crianças devem ser consideradas como se fossem filhos;

• expectativa a respeito da lealdade: diante da dificuldade de aceitar a coexistência de sistemas familiares simultâneos, torna-se difícil sentir-se pertinente a dois sistemas que se pretendem mutuamente exclusivos;

Ainda pela mesma fonte, existe uma mitologia da família nuclear, que é vista com as seguintes características:

• os principais afetos se realizam dentro desse sistema familiar;

• todos os componentes dessa família devem se gostar da mesma maneira;

• os dois membros do casal devem desempenhar as funções de pais biológicos e atender às necessidades psicológicas de todas as crianças da casa;

• existe uma só cultura familiar.

Essas expectativas são impossíveis de serem alcançadas e estão associadas ao desejo de constituir uma família perfeita. Esse modelo idealizado de família nuclear pode ser usado como uma tentativa de refazer o que foi desfeito pelo divórcio.

Placter e Velasco (1989) consideram que, num sistema recasado funcional, cada cônjuge assume a responsabilidade primária pela criação de seus filhos biológicos. O relacionamento dos filhos com o padrasto/madrasta será então definido e elaborado à luz de fatores como a idade e residência principal dos filhos e as circunstâncias e os desejos de todos os envolvidos.

Um fator que dificulta as relações entre enteados e padrastos/madrastas é que nem as normas da família nuclear, nem as normas sociais preparam um/a homem/mulher para ser padrasto/madrasta. Além disso, esses termos habitualmente são utilizados pejorativamente.

As interações carregam questões não resolvidas de relacionamentos passados. No caso do recasamento, há pelo menos três aspectos do passado que precisam ser reelaborados emocionalmente: a família de origem, o primeiro casamento e a separação e o divórcio.

Em geral, os conflitos e perigos encobertos das famílias reconstituídas incluem "fantasmas" do passado. Pode haver a negação de padrões de relação da antiga família. É uma tentativa de negar que houve um progenitor que moldou os padrões de comportamento que influencia a família, mesmo não fazendo mais parte dela, o que pode provocar reações negativas nos filhos.

Nessas famílias, as fronteiras são complexas e ambíguas. Minuchin e Nichols (1995) afirmam que as famílias por recasamento devem passar pelos mesmos processos de acomodação e construção de fronteiras que as novas famílias atravessam, mas com a grande diferença de que, nas famílias de primeiro casamento, os pais têm tempo de criar vínculo antes de nascerem seus

filhos. É nessas famílias que se estabelecem os triângulos mais problemáticos. Ao mesmo tempo, essas famílias são ricas em possibilidades. Para poten- cializar essa riqueza é necessário respeitar a integridade de cada novo relacionamento.

A formação de uma família por recasamento não é uma mistura de famílias. É uma unidade combinada, um amálgama complexo, constituído de vários acasalamentos, cada qual com forma própria, cada um requerendo uma fronteira para permitir o funcionamento dos pares de irmãos, cônjuges e padrastos/madrastas e crianças. Os novos parceiros poderão ser intrusos amistosos, mas permanecem intrusos, pois a escolha aconteceu apenas entre os parceiros e não entre os filhos.

Os filhos do divórcio têm medo de serem abandonados. Eles viram seus pais deixarem de amar um ao outro. A permissividade muitas vezes torna-se um problema especial para os pais divorciados. As crianças exploram as inconsistências entre as famílias. As famílias de genitor único são como uma equipe desfalcada, e os pais divorciados muitas vezes ficam desmoralizados e deprimidos, dificultando a afirmação da autoridade parental.

Os estudos sobre famílias recasadas mostram a importância crítica de se reforçarem os vínculos entre os parceiros recasados e não deixar que as diversas necessidades dos filhos destruam a intimidade do novo casal. É fundamental que o casal possa proteger sua privacidade.

O processo de recasamento

O recasamento é um processo emocional que remonta, pelo menos, à desintegração do primeiro casamento. São pontos tensos deste processo:

- ilusão de separar-se;
- separação concreta;
- divórcio legal;
- recasamento de um dos cônjuges;
- mudança na custódia de algum dos filhos;
- mudança de casa de um dos cônjuges;
- doença ou morte de um dos ex-cônjuges;
- transições de estilo de vida dos filhos.

A família recasada precisa lidar com esses diferentes momentos e resolver essas situações, caso contrário o processo pode ficar paralisado, impedindo o desenvolvimento da nova família.

A partir da experiência clínica podem-se perceber alguns fatores que dificultam a transição para o recasamento. São eles:

- uma diferença grande entre os ciclos de vida das famílias;
- negação da separação anterior e/ou intervalo curto entre os casamentos;

- incapacidade de resolver questões de relacionamento do primeiro casamento, em especial se existirem pendências legais;
- negação das dificuldades emocionais que os filhos poderão ter com o recasamento;
- dificuldade de passar a um novo modelo de família, abandonando o ideal da família intacta;
- esforços para estabelecer fronteiras rígidas em torno da nova família e exigência de lealdade de seus membros;
- oposição à influência dos avós biológicos;
- negação das dificuldades e diferenças;
- mudança na custódia dos filhos próximo ao recasamento;
- impacto do recasamento em várias fases do ciclo vital familiar;
- cônjuges em diferentes fases do ciclo de vida.

O recasamento pode unir dois subsistemas em fases muito distintas do ciclo vital. Isso pode trazer uma grande dificuldade, caso não seja conversado claramente entre os cônjuges. Em geral, quanto maior a diferença de momentos de vida, maior será a dificuldade de transição e mais demorada será a integração da nova família. Essa dificuldade poderá ser bastante agravada se um dos cônjuges negar ou tentar impedir que o outro realize tarefas de sua fase.

Considerando-se que é impossível, em termos emocionais, ganhar ou perder experiência instantaneamente, pode-se conceituar a união de duas pessoas em fases discrepantes do ciclo vital como um processo em que ambos precisam aprender a conviver com essas diferentes fases, simultaneamente e fora da seqüência normal. Assim, uma jovem esposa pode tornar-se madrasta de adolescentes, antes de ter se tornado uma esposa experiente e antes de ter tido seus próprios filhos. O marido, por sua vez, possivelmente passará novamente por fases já vividas: a lua de mel, o novo casamento com ênfase no romance e nas atividades sociais e o nascimento e criação dos filhos desse casal. É importante que o casal esteja consciente que reviver essas fases reativa questões que foram problemáticas da primeira vez.

O relacionamento pode ficar sobrecarregado se for usado para reparar erros do passado. Um enfoque mais funcional seria o de ter essas experiência novamente e não o de anular ou refazer o passado.

A passagem simultânea por várias fases pode enriquecer a vida de cada membro do casal, rejuvenescendo o mais velho e tornando mais experiente o mais jovem. Mas, se as dificuldades não forem bem superadas, elas poderão surgir como conflitos ou distância emocional em cada transição do ciclo vital, em todos os subsistemas da família recasada.

A inexistência de modelos para as famílias simultâneas coloca as pessoas que vivem essa situação num processo ao mesmo tempo difícil e criativo. Difícil, pois os parâmetros conhecidos não se aplicam a essas famílias. Criativo, pois a busca desses caminhos resulta necessariamente numa nova família.

É interessante ressaltar que cada vez mais cresce o número de pessoas que vivem em famílias recasadas e que as mesmas estão deixando de ter uma condição de "famílias não-tradicionais" e tornado-se mais uma opção de organização familiar possível e freqüente na sociedade contemporânea.

Levantamento bibliográfico

MEDLINE

Após o refinamento da pesquisa, na qual se utilizou como descritores *remarried/stepfamily*, foram encontrados 130 artigos na Medline, cujo tema central é recasamento.

Percebeu-se que o tema começou a surgir no cenário científico na década de 70, e o primeiro trabalho encontrado foi datado de 1973. Este teve como objetivo apresentar dados demográficos acerca do recasamento nos Estados Unidos, e o título evidencia claramente a revolução que a questão do recasamento estava causando na sociedade da época: "Perspectivas da recente reviravolta no divórcio e no recasamento"[1].

Ao longo dos anos, novas temáticas foram surgindo em torno do assunto recasamento, o que reflete justamente a demanda de uma sociedade em constante transformação, que solicita cada vez mais estudos sobre diferentes aspectos, a fim de se compreender a questão do recasamento e poder atuar nela.

Dentre os estudos encontrados, procuramos agrupar os temas segundo suas similaridades e podemos apontar as seguintes categorias e subcategorias:

1. *Dados demográficos e revisão bibliográfica*
2. *Opinião/percepção/visão/crenças/valores*
   - 2.1. Percepção da criança
   - 2.2. Percepção dos recasados
   - 2.3. Percepção em geral
3. *Intervenção*
   - 3.1. Trabalhos preventivos
   - 3.2. Terapia/ Aconselhamento
4. *Funcionamento da família recasada*
   - 4.1. Dinâmica/relacionamento (conjugalidade, parentalidade, fases da família recasada)
   - 4.2. Recasamento nos diferentes momentos do ciclo vital
   - 4.3. Viuvez e recasamento
5. *Conseqüências do recasamento no desenvolvimento dos filhos*
   - 5.1. Efeitos sobre a criança

1 Título original: *Perspectives on the recent upturn in divorce and remarriage.*

5.2. Efeitos sobre o adolescente
5.3. Efeitos sobre o adulto
6. *Conseqüência do* status *marital*
6.1. Para a mulher/homem
6.2. Para o aspecto econômico
7. *Recasamento e saúde*
7.1. Saúde reprodutiva
7.2. Saúde geral
8. *Questões legais*
8.1. Custódia
8.2. Seguro social
9. *Casos específicos de famílias recasadas*
9.1. Famílias homossexuais
9.2. Famílias imigrantes

A evolução do tema

De 1973 a 1979

Foram encontrados 15 artigos sobre recasamento neste período.

Conforme pode se visualizar na Figura 1, em primeiro lugar aparecem as pesquisas que buscam demonstrar dados demográficos e/ou buscam fazer revisão da literatura existente sobre o assunto (6 trabalhos). Há um interesse em levantar dados e/ou fazer projeções acerca do recasamento. Assim, estudos da época buscaram levantar a incidência do número de recasamento nos Estados Unidos, associando-o a variáveis como sexo, idade, nível econômico, idade do primeiro casamento, idade em que teve o primeiro filho, etc. Buscou-se também fazer projeções estatísticas com relação a determinadas variáveis como, por exemplo, a questão da viuvez (qual a probabilidade de se casar após a viuvez?).

Percebe-se, também, que começa a surgir o interesse em entender melhor "essa tal família recasada". Assim, surgem, em segundo lugar, trabalhos que buscaram estudar o funcionamento da família (4 trabalhos), que enfocaram o relacionamento dos seus membros (a dissolução e reconstrução das fronteiras e papéis familiares); a questão do recasamento nas diferentes fases do ciclo vital (com especial interesse pelo recasamento na terceira idade).

Em terceiro lugar aparece o tema *saúde e recasamento* (3 trabalhos), que se preocupa com a questão da reprodução (até que ponto o recasamento interfere no número de nascimento de crianças e no período de reprodução; questões de reversão de esterilização, entre outros) e também com a saúde em geral.

Percebe-se, aqui, uma ênfase acentuada na metodologia quantitativa, uma vez que a maioria dos estudos busca levantar números e ou fazer projeções estatísticas acerca do assunto.

Encontramos um trabalho que pretende mostrar o efeito do recasamento na criança e um que aborda a questão da psicoprofilaxia com casais que irão casar-se pela segunda vez (*Preparation for remarried following divorce: the use of group techniques - American Journal of Orthopsychiatry*). Vale a pena observar que este estudo surge já no final da década de 70 (1978).

Medline 1973 a 1979

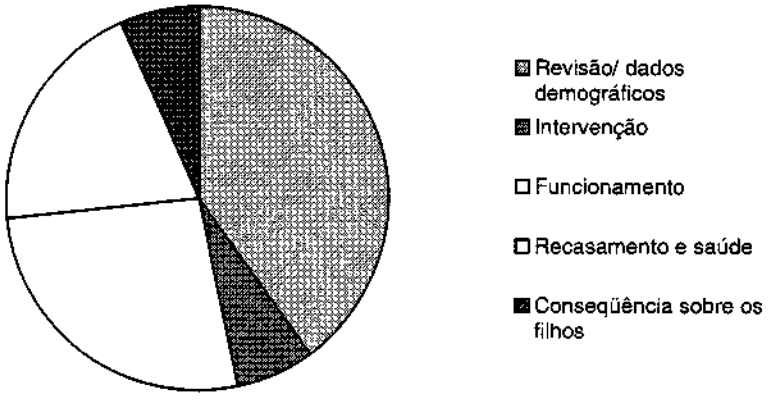


Figura 1 – Consultas à Medline, de 1973 a 1979

De 1980 a 1987

Foram encontrados 32 artigos neste período.

Conforme demonstrado na Figura 2, o maior número de artigos gira em torno de *Recasamento e Saúde* (12 trabalhos), que continuam abordando a saúde reprodutiva (questões de reversão de esterilidade) ou a saúde em geral (buscando relacionar variáveis como hipertensão, depressão, problemas cadíacos, etc. à questão do recasamento).

Gostaríamos de salientar que o grande número de artigos sobre recasamento e saúde está intimamente ligado à fonte que está sendo pesquisada (Medline), cuja maior ênfase recai indubitavelmente sobre as questões médicas.

Uma categoria de assunto que indica grande força e interesse entre os pesquisadores da área é o efeito e a conseqüência do recasamento no desenvolvimento dos filhos (7 trabalhos). Percebe-se que o grande interesse está no desenvolvimento da criança (5 trabalhos), embora também surjam trabalhos sobre filhos adolescentes e adultos.

Aparecem, em terceiro lugar, trabalhos que procuram explicar o funcionamento da família recasada (6 trabalhos), enfocando a dinâmica da família, relacionamentos conjugais e parentais, viuvez e recasamento na terceira idade. Nota-se que o grande foco das pesquisas continua sendo quantitativo e não interpretativo.

Foram encontrados dois trabalhos que buscaram rever a literatura; outros temas que surgem, embora com número bem menos significativo, são: a custódia no recasamento (1), o seguro social (1), conseqüência do recasamento no nível econômico dos ex-cônjuges (2) e a terapia em casais recasados (enfocando questões parentais) (1).

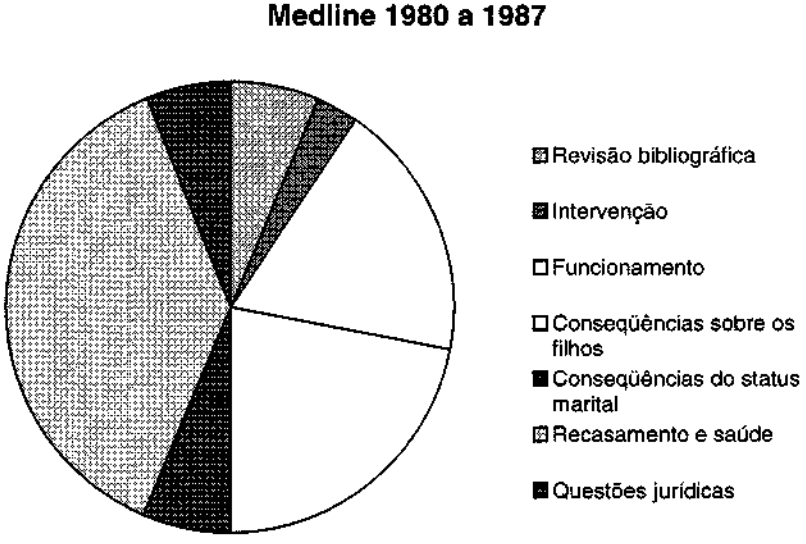


Figura 2 – Consulta à Medline, de 1980 a 1987

De 1988 a 1992

Neste período foram encontrados 30 trabalhos e como se pode observar na Figura 3, o panorama de interesse científico não se modificou muito em relação aos 5 anos anteriores.

Continuam em primeiro lugar trabalhos sobre *recasamento e saúde* (9 trabalhos) abordando tanto questões da saúde reprodutiva como da saúde em geral.

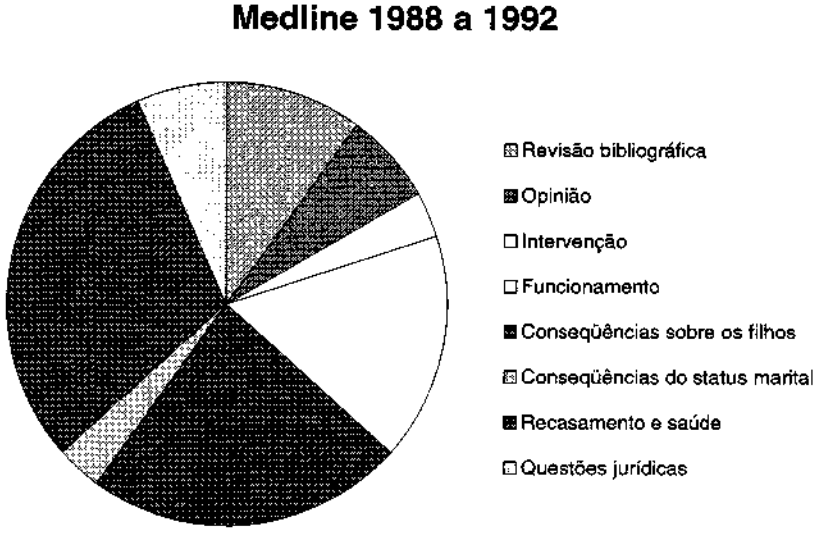


Figura 3 – Consulta à Medline, de 1988 a 1992

Em segundo lugar, aparecem também estudos sobre o efeito do recasamento sobre os filhos (7 artigos), havendo um equilíbrio entre o interesse de estudar a criança (4 trabalhos) e o adolescente (3 trabalhos).

Em terceiro lugar, aparecem novamente os trabalhos sobre o funcionamento da família recasada (5 trabalhos). Começam a surgir estudos com ênfase também qualitativa, procurando compreender e descrever a dinâmica de relacionamento, sem a preocupação de quantificar. Destacamos um estudo interessante sobre o significado dos avós substitutos (*The Significance of stepgrandparents*, 1989).

Foram encontrados 3 trabalhos que buscaram realizar levantamento de dados demográficos sobre recasamento e revisão bibliográfica.

Outros temas que aparecem em menor número são: a visão de crianças e de recasados sobre o recasamento (2 trabalhos), questões legais (2) e prevenção (1).

De 1993 a 1997

Esses aparecem como os anos em que a produção científica acerca do recasamento foi mais acentuada (35 trabalhos publicados). Os temas estudados e a ordem de interesse dos mesmos indicada pelo número de publicações em cada categoria também não se modificam:

1º *Recasamento e saúde*: 14 publicações

2º *Conseqüências do recasamento sobre os filhos*: 10 publicações

3º *Funcionamento da família recasada*: 4 publicações

Acerca da saúde, foram abordadas as seguintes questões: a forma como o recasamento protege a mulher contra o câncer de seio, como o recasamento

reduz a mortalidade, a inseminação artificial como solução para vasectomia após recasamento, entre outros.

Dentre as pesquisas a respeito dos efeitos sobre os filhos, percebe-se o interesse em estudos sobre o efeito a mais longo prazo (filhos adultos) através de estudos longitudinais.

Sobre o funcionamento da família, percebe-se que permanece o interesse em se estudar o recasamento na terceira idade e também que se busca comparar o nível de satisfação marital na meia-idade e na terceira-idade. Foi também encontrado estudo que compara a qualidade de relacionamento entre pais, com e sem custódia, e filhos, após recasamento.

Outros temas também abordados foram: revisão bibliográfica e dados demográficos (3 trabalhos), questões legais relativas a seguro social (2 trabalhos) e visão geral sobre a família recasada (1 trabalho)

Medline 1993 a 1997

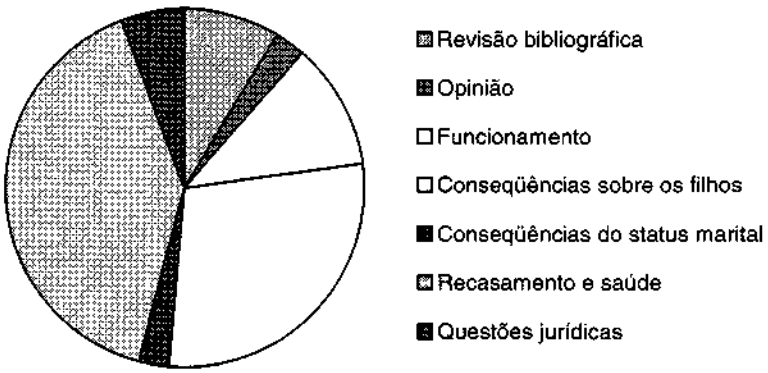


Figura 4 – Consulta à Medline, de 1993 a 1997.

1988

Em 1998, os três grandes temas estudados sobre recasamento foram: conseqüência sobre os filhos, recasamento e saúde e funcionamento da família recasada.

Conforme nos mostra a Figura 5, neste ano há um maior número de pesquisas em torno da questão dos *efeitos do recasamento sobre os filhos* (10 trabalhos), com interesse bastante acentuado no adolescente, juntamente com a criança (5 e 4 trabalhos, respectivamente). Percebe-se nesses estudos a tentantiva de se analisar a relação de variáveis como hiperatividade, agressividade, ansiedade, delinqüência juvenil, entre outros aspectos, e o recasamento.

No tema recasamento e saúde aparece com destaque a questão do suicídio em adolescentes (3 trabalhos).

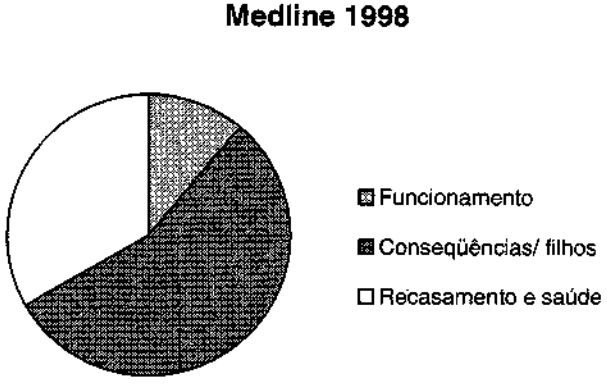


Figura 5 – Consulta à Medline, 1998

Uma visão geral

Para uma melhor visualização do que foi discutido anteriormente, apresentaremos, a seguir, um quadro geral das publicações sobre recasamento encontradas na Medline (Tabela 1) e um gráfico (Figura 6) demonstrando a evolução do tema ao longo dos anos.

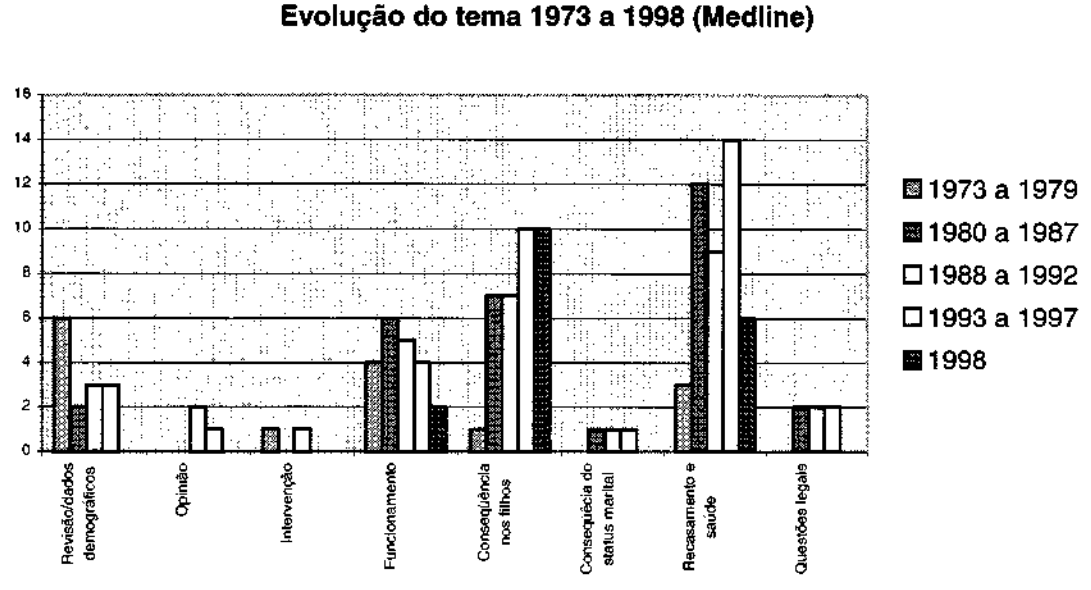


Figura 6 - Evolução do tema 1973-1998 Medline

Tabela 1 – Medline 1973 a 1998

Categoria	Subcategoria	1998	1993 a 1997	1988 a 1992	1980 a 1987	1973 a 1979	Total por assunto
Revisão/ dados demográficos	–	0	3	3	2	6	11
Opinião	Visão da criança	0	0	1	0	0	1
	Visão recasado	0	0	1	0	0	1
	Visão geral	0	1	0	0	0	1
Intervenção	Prevenção	0	0	1	0	1	2
	Terapia	0	0	0	1	0	1
Funcionamento	Relacionamento	1	1	1	2	1	7
	Ciclo vital	1	2	2	2	3	10
	Viuvez	0	1	2	2	0	6
Conseqüência sobre os filhos	Criança	4	5	4	5	1	20
	Adolescente	5	3	3	1	0	12
	Adulto	1	2	0	1	0	4
Conseqüência do *status* marital	Sobre os pais	0	1	1	0	0	2
	Econômico	0	0	0	2	0	2
Recasamento e saúde	Reprodutiva	2	4	3	5	2	15
	Geral	4	10	6	7	1	30
Questões legais	Custódia	0	0	1	1	0	2
	Seguro Social	0	2	1	1	0	4
Total por período		18	35	30	32	15	130

Fonte: Medline; Descritor: remarried/ stepfamily; Período: de 1973 a 1998; Total de artigos: 130.

Tabela 2 – Lilacs

Como pode se perceber na Tabela 2, embora seja grande o número de produções sobre "recasamento", ao nos centrarmos na base de dados do LILACS nos deparamos com um número pequeníssimo de trabalhos: 3. Isso mostra um fato já bastante conhecido entre nós, ou seja, que na América do Sul o número de pesquisas em geral é muito inferior ao da Europa e, principalmente, àquele da América do Norte, por questões também já bastante discutidas – menos recursos, uma cultura que incentiva e valoriza menos a atividade de pesquisa, etc.

Dentre as 3 pesquisas encontradas, conforme pode se observar na Tabela 2, foram estudados os seguintes temas: funcionamento da família, focando-se na questão do relacionamento conjugal e da sexualidade, e questões metodológicas da pesquisa sobre recasamento.

Os três estudos representam, sem dúvida, uma contribuição para compreendermos melhor o recasamento na nossa cultura. Os dois textos sobre funcionamento procuram fazer uma comparação de casais casados e casais

Tabela 2

Categoria	subcategoria	1992	1990	1987
Funcionamento	Relacionamento	1	–	1
Questões metodológicas	–	–	1	–

Fonte: LILACS; Descritor: recasamento; Total de artigos: 3.

recasados, buscando apontar as principais diferenças destas duas dimensões da vida conjugal, elucidando implicações importantes para a prática clínica.

O estudo de Bucher e Rodrigues (1990) leva-nos a uma reflexão sobre as pesquisas na área de recasamento, avaliando questões metodológicas imprescindíveis e que devem ser levadas em conta em futuros estudos na área.

American Psychological Association - APA

Utilizando-se como descritor *stepfamily* e *remarried*, foram levantados 51 artigos nos últimos 3 anos, sendo 15 de 1996, 19 de 1997 e 17 de 1998. Na tabela abaixo (Tabela 3) pode ser visualizada a distribuição dos artigos por categorias e subcategorias.

Tabela 3 – APA 1996 a 1998

Categoria	Subcategoria	1998	1997	1996	Total tema
Famílias específicas	Homossexual	1	–	–	2
	Imigrante	–	1	–	
Saúde	Geral	2	1	–	3
Revisão bibliográfica	–	–	2	1	3
Opinião	Visão da criança	–	2	–	12
	Visão dos recasados	4	1	1	
	Visão geral	1	2	1	
Intervenção	Prevenção	1	1	–	12
	Aconselhamento/ Terapia	3	4	3	
Funcionamento	Relacionamento	1	1	2	4
Conseqüências sobre os filhos	Criança	3	2	2	14
	Adolescente	1	2	4	
Conseqüência do *status* marital	Mulher	–	–	1	1
Total no período		17	19	15	51

Descritor: *Stepfamily/ remarried*; Período: de 1996 a 1998; Total de Artigos: 51.

APA 1998/1997/1996

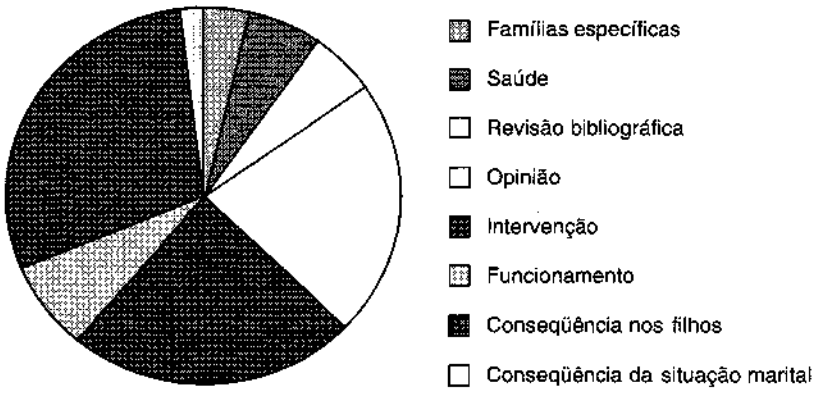


Figura 7 – Apa 1998/1997/1996

Conforme pode ser observado na Figura 7, o tema que aparece em primeiro lugar com o maior número de trabalhos é *conseqüência do recasamento sobre os filhos* (14 artigos). Percebe-se um interesse equilibrado em estudar tanto os efeitos do *recasamento sobre a criança* (7) como sobre *o filho adolescente* (7).

Foi observado que tais estudos buscam relacionar o recasamento com variáveis como risco para delinqüência, problemas de comportamento (hiperatividade, agressividade); os efeitos do recasamento sobre a saúde física, sobre o bem-estar geral do filho e também sobre os pensamentos de suicídio. A grande maioria constitui-se em estudo comparativo que analisa os efeitos de vários tipos de estrutura familiar sobre os filhos: família intacta, divorciada e recasada. Em todos, procura-se relacionar a idade em que ocorreu o divórcio e/ou o recasamento, sendo que muitos estudos concluem que os efeitos dependem da idade da criança e do tipo de relacionamento desenvolvido com os pais.

Em segundo lugar aparecem empatados dois temas de estudo: intervenção e opinião, ambos com 12 trabalhos cada. No tema intervenção, existem mais trabalhos direcionados para aconselhamento e terapia (10) do que para a prevenção (2).

Foram encontrados dois trabalhos sobre psicoprofilaxia com famílias recasadas. Um deles descreve um trabalho de aconselhamento pré-marital, com o objetivo de preparar a família para enfrentar o processo de transição (*Pre-marital counseling* – Meyerstein, Israela – 1996 – USA), procurando trabalhar os sentimentos ambivalentes, a mudança de papéis, o ajustamento conjugal e os novos desafios que a família deverá enfrentar.

Em outro estudo, é descrita uma técnica muito interessante de aconselhamento que pode ser utilizada tanto no nível preventivo, como no terapêutico: *The Problem Box Ritual* (*The problem Box Ritual: helping families prepare for remarried – Meyerstein, Israela – 1997 – USA).*

Na área de terapia, são descritos trabalhos bastante interessantes direcionados à família recasada. São apresentados trabalhos principalmente na área de terapia familiar.

Como variação, encontramos trabalhos de mediação convencional e de mediação pelo telefone, trabalho terapêutico, que combina técnicas de terapia individual e familiar. Alguns são voltados para questões mais de ajustamento marital, outros para questões de parentalidade; outros, de forma mais ampla, denominam-se *Stepfamily Therapy.*

Na categoria Opinião, encontramos trabalhos que buscaram descrever e compreender como a família recasada é vista tanto pela criança, quanto pelos recasados e pela sociedade em geral. São descritos os valores, as crenças, os mitos que existem com relação à família recasada.

Sobre a percepção da criança acerca da família recasada, foram encontrados apenas dois trabalhos, e os autores unanimemente apontam a necessidade de mais pesquisas que analisem a família recasada sob a ótica da criança, como uma fonte rica para compreender as peculiaridades dessa família.

Na visão dos recasados, foi estudado como eles percebem os papéis dentro da família, suas crenças sobre casamento, parentalidade e vida familiar.

Foi encontrado também um estudo interessante que compara a percepção de avós e *stepgrandparents* sobre seus papéis com relação ao cuidado e apoio financeiro aos netos e *stepgrandchildren.*

Na perspectiva da sociedade em geral, foram encontrados estudos que analisam as crenças sobre o papel do homem, da mulher e do filho no recasamento e sobre a vida familiar nesse contexto. Muitos estudos analisam e criticam a perspectiva cultural de que o recasamento é uma instituição incompleta e o estigma cultural existente, que faz perceber a família recasada de forma sempre deficitária, relacionando a ela atributos negativos, estereótipos e mitos culturais.

Aparecem, em quarto lugar, os estudos sobre o funcionamento da família recasada (4). Estes enfocam questões do relacionamento e dinâmica familiar. São abordados assuntos como: sentimentos presentes na relação, tensões e dilemas comuns na família recasada, a qualidade de relacionamento conjugal, os papéis familiares, o relacionamento entre irmãos, a parentalidade e a busca de identidade da família recasada.

Outros temas trazidos em estudos da APA, em menor quantidade, foram:

- *recasamento e saúde*: 3 trabalhos (enfocando principalmente aspectos da saúde mental: depressão, suicídio e tendência maníaco-depressiva).
- *Revisão bibliográfica*: 3 trabalhos.

• *Famílias específicas*: um dos estudos abordou a família recasada de *gays*, discutindo aspectos da dupla estigmatização, a culpa, o estresse e as perdas desse tipo de união. Outro estudo abordou famílias recasadas de imigrantes, analisando os efeitos da experiência simultânea de imigração e recasamento.

• *Conseqüência da situação marital:* 1 trabalho analisando os efeitos do recasamento no bem-estar da mulher.

UMI

Através de pesquisa no banco de dados da UMI, no seu acervo de teses e dissertações americanas dos últimos 2 anos, foram encontrados 5 trabalhos pelos descritores *stepfamily* e *remarried*, sendo todos teses de doutorado.

Tabela 4 – UMI

Ano	Nível	Universidade	Autor	Título	Assunto
1998	PHD	Cornell University	Gennetian, Lisa	Resource Allocation to Children in families: a comparative analysis using Stepfamillies	Comparação entre famílias intactas e famílias recasadas com relação à mobilização de recursos para a criança.
1999	PHD	The University of Tennessee	Carter, Susan Alford	Couples'beliefs in myths about marriage, remarriage and parenting	Analisa as crenças e mitos sobre casamento, recasamento e paternidade, fazendo uma comparação entre casais de primeiro casamento e casais recasados.
1998	PHD	The Pennsylvania State University	Tracy, Allison	Eye to Eye: the Association between agreement regarding the stepparenting role and well-being in stepparenting couples	Traz um modelo de intervenção terapêutica para casais recasados.
1998	PHD	The Union State	Lejeune, Jo Dold	A Study of Positive Coping Strategies in Stepmothers (Parenting Stepchildren)	Faz uma análise das estratégias positivas de enfrentamento utilizadas por madrastas.
1999	PHD	Andrews University	Carter, Susan Marie	A Study of the Internal Family Systems Model applied to remarried couples of stepfamilies in diferent stages of adjustment	O estudo faz análise de uma técnica (The Internal Family Systems Model) para avaliar o estágio de ajustamento da família reconstituída.

Publicações sobre *Stepfamilies* - periódicos

Medline

• J. Child Psychol. Psychiatry
• J. Am. Acad. Child Psychiatry
• Demography

- Am. J. Orthopsychiatry
- Family Process
- Res. Aging
- Adolesc. Psychiatry
- J. Gerontol. Nurs.
- Gerontologist.

Lilacs
- Psicol. Teor. Pesq.
- Rev. Psicol.

APA – Psycinfo
- Marriage & Familiy Review
- J. of Divorce & Remarriage
- J. of Marital & Family Therapy
- *Family Relations*
- J. of Child and Psychology & Psychiatry
- J. of Family Psychol.
- J. of Social & Personal Relationships
- J. of Family Psychoterapy
- Gerontologist

Observamos que a maior parte dos periódicos da fonte *Medline* que abordam o assunto é da área psiquiátrica, publicando, portanto, mais pesquisas sobre saúde física e mental e aspectos psicopatológicos relacionados ao recasamento.

A *APA-Psychinfo* abrange, em sua maioria, periódicos sobre família recasamento, psicologia e psicoterapia, enfocando conseqüências psicológicas, dinâmica familiar nos ciclos de vida e principalmente intervenções de caráter psicoterápico.

Encontramos somente dois periódicos brasileiros através da fonte *Lilacs,* os quais abrangem pesquisas de modo geral, o que nos sugere a escassez de pesquisas e/ou publicações sobre o assunto.

Conclusão

Após estudo do tema "recasamento", pode-se concluir que este tem sido exaustivamente estudado sob vários aspectos descritos e discutidos ao longo deste trabalho. Acreditamos que alguns destes – tais como os efeitos do recasamento nos filhos e a questão da saúde e recasamento – já tenham atingido um nível de análise e um consenso satisfatório, não demonstrando mais uma real demanda de pesquisa. Outros, porém, ainda necessitam de um maior nú-

mero de pesquisas, principalmente em nossa realidade, que é bastante diferente da realidade americana, onde a grande maioria dos estudos apontados nesse trabalho foram realizados.

Aspectos ainda pouco explorados a nosso ver são:

1. a dinâmica de funcionamento da família reconstituída, principalmente com relação aos recursos e formas para lidar com a situação por parte das crianças;

2. a questão da paternidade na família reconstituída, não apenas do ponto de vista da *stepmother* (já mais investigada), como também do *stepfather*, analisando-se os recursos e estratégias para lidar com a situação, as maiores dificuldades, etc.

3. ainda no que se refere à questão da paternidade, análise do relacionamento entre mães e madrastas, uma vez que irão "co-educar"/ "co-paternar" os filhos.

4. estudos sobre casos mais específicos de famílias reconstituídas, como famílias homossexuais, de diferente etnia, diferentes raças e de nível socioeconômico diferente.

5. estudos sobre diferentes estratégias de lidar com a família reconstituída, tanto no nível terapêutico, quanto, principalmente, *no nível preventivo*. Percebeu-se que existem poucas pesquisas que analisem a psicoprofilaxia da família reconstituída, e este é um ponto muito importante, pois sabemos da complexidade do processo de formação da mesma.

De uma forma geral, acreditamos que em nossa realidade ainda existe muito a ser pesquisado acerca da família reconstituída, a fim de se compreenderem suas características únicas de adaptação e funcionamento. Essa compreensão propiciará, indubitavelmente, uma base mais segura para desenvolvermos trabalhos interventivos que atendam às reais demandas dessas famílias.

Referências bibliográficas

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION – Usa. *Psycinfo Selected Abstracts, 1996 a 1999.* Disponível na Internet: http://www.apa.org (15/5/99).

BUCHER, J. S. N. F. e RODRIGUES, M. A. (1990). Recasamento e recomposição familiar: questões metodológicas, de linguagem e das teorias. *Psicologia: Teoria e Pesquisa,* v. 6, n. 2, pp. 155-169.

CARBONE, A., GUERRIERO, I. C. Z., PONTES, J. M. S. B. e SAITO, J. K. (1994). *Famílias reconstituídas.* (Mimeo.)

CENTRO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE: BIREME. *Sistema Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde: descrição do sistema. (1964 a 1999).* Disponível na internet: http://www.bireme.br (15/5/99).

MCGOLDRICK, M. e CARTER, B. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar.* 2. ed., Porto Alegre, Artes Médicas.

MINUCHIN, S. e NICHOLS, M. (1995). *A cura da família.* Porto Alegre, Artes Médicas.

PLACTER, F. C. e VELASCO, C. L. M. (1989). Família simultânea: una perspectiva diferente de familia mixta o reconstituída. *Revista Chilena de Psicologia*, 10, pp. 7-12.

UMI PROQUEST DIGITAL DISSERTATIONS (1999). Disponível na internet: http://www.umi.com (22/5/99).

Quadro de referências sobre a história da psicologia no Brasil: 1930-1962

Mitsuko Aparecida Makino Antunes*
e Colaboradores**

RESUMO. Este trabalho apresenta parte dos resultados da pesquisa *Referências sobre a História da Psicologia no Brasil*, abordando especificamente os dados relativos ao período 1930-1962. A pesquisa tem como objetivo elaborar um quadro contendo referências sobre personagens, instituições, obras, realizações e eventos citados em obras sobre a história da psicologia no Brasil. O período 1930-1962, apesar da proximidade temporal, retrata um momento histórico de vital importância para a compreensão dos desdobramentos posteriores, particularmente a regulamentação da profissão e o estabelecimento de cursos específicos para a formação dos profissionais brasileiros. O quadro foi elaborado a partir da leitura sistemática de obras que abordam a psicologia no Brasil e posterior esquadrinhamento destas, visando a identificar: data, nome/autor; instituição; local; obra/realização; comentários específicos.

Palavras-chave: história da psicologia, psicologia no Brasil.

ABSTRACT. This paper presents part of the results collected in the research "References about the History of Psychology in Brazil". The data are related to the period 1930-1962. The aim was to develop a framework containing references of characters, institutions, works, accomplishments and events quoted in works about the History of Psychology in Brazil. Despite the temporal proximity, the period 1930-1962 shows a historical moment of vital importance to the understanding of later events; particularly, the regulation of the profession and the establishment of specific courses for the formation of Brazilian professionals. The framework was outlined based on systematic readings of works about psychology in Brazil. Afterwards, the works were revised to identify: date, name/author, institution, location, work/accomplishment and specific comments.

Key-words: history of psychology, psychology in Brazil.

Este trabalho tem a finalidade de apresentar parte dos resultados da pesquisa *Referências sobre a História da Psicologia no Brasil*, abordando especificamente os dados relativos ao período 1930-1962. Esta pesquisa foi realizada com a colaboração de alunos de mestrado e doutorado dos Programas de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação e Psicologia Social da PUC-

* Professora associada do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação da PUC-SP. E-mail: pedpos@exatas.pucsp.br

** A pesquisa que deu base para este trabalho foi realizada por Eveline Bouteiller Kavakama e Rita de Cássia Maskell Rapold (doutorandas em Educação: Psicologia da Educação), Carmem Rotondano Taverna (doutoranda em Psicologia Social), Ana Cristina G. Teixeira Arzabe, Maria de Fátima F. de O. Peruchi e Sandra Regina de Souza Pesce (mestrandas em Educação: Psicologia da Educação), Alessandra Argolo Maruto, André da Silva Mello, Claudia Gil Ryckebusch, Jane Persinotti Trujillo, Lilia Midori S. P. Santos, Lina Maria de M. Carvalho, Maria Lucia A. G. Lima, Regina C. Norkus, Silvia Mendes Pessôa e Sonia Regina Bueno (mestres em Educação: Psicologia da Educação), da PUC-SP. Deve-se ressaltar também que vários dos co-autores acima citados eram mestrandos na época da realização da pesquisa. A pesquisa foi coordenada por Mitsuko Aparecida Makino Antunes, professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação.

SP e teve por objetivo elaborar um quadro contendo referências sobre personagens, instituições, obras, realizações e eventos citados em obras sobre a história da psicologia no Brasil. Os dados foram organizados cronologicamente e compreendendo toda a extensão do período para o qual existem referências, embora aqui estejam apenas os dados relativos ao período citado. A iniciativa de realizar esta pesquisa baseou-se na idéia de oferecer aos estudiosos e interessados em história da psicologia no Brasil um quadro sistematizado dos dados disponíveis nessa área, identificar tendências nesse processo e explicitar as possibilidades de elaboração de futuras pesquisas que possam ampliar e aprofundar o conhecimento nesse campo.

O quadro produzido por esta pesquisa é bastante extenso, dificultando a apresentação de todos os dados neste espaço; assim, decidiu-se pela apresentação dos dados referentes ao período 1930-1962, sobretudo por ser este, apesar da proximidade temporal, um momento histórico da psicologia no Brasil de vital importância para a compreensão dos desdobramentos posteriores, particularmente a regulamentação da profissão e o estabelecimento de cursos específicos para a formação de seus profissionais, além do fato de que são escassas as pesquisas e estudos que dêem conta de abordá-lo de maneira mais global. Deve-se sublinhar, entretanto, que essa dificuldade decorre sobretudo da expansão da produção da psicologia no Brasil nesse momento, que podemos considerar como aquele em que esta se consolida como ciência e profissão em nossa cultura.

O quadro foi elaborado a partir da leitura sistemática de obras que abordam a psicologia no Brasil e posterior esquadrinhamento destas, visando a identificar: data, nome/autor; instituição; local; obra/realização; comentários (quando houvesse necessidade de explicitação de alguma informação) e a referência bibliográfica na qual o dado foi encontrado (autor e página do texto-base). Foram excluídas as obras que tratam da história de ciências afins e que eventualmente referem-se à psicologia ou ao seu objeto de estudo. Por outro lado, foram incluídos alguns dados presentes nos Anais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1946), no Catálogo de Cursos do Instituto Sedes Sapientiae (1998) e na relação de obras e realizações de Lourenço Filho no periódico *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada* (1971) para complementar informações dúbias ou incompletas nas obras pesquisadas. Foram, portanto, trabalhadas, nesta parte, as seguintes obras: Olinto (1944), Anais da PUC-SP (1946), Cabral (1950), *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada* (1971), Lourenço Filho (1971 e 1971b), Pessotti (1975), Pfromm Netto (1981), Patto (1984), Pessotti (1986), Botelho (1989), Massimi (1990), Antunes (1991), Penna (1992), Lourenço Filho (1994), Rosas (1995), Pimentel (1997), Campos (1998) e Sedes Sapientiae (1998). Outras obras pesquisadas não estão presentes no quadro ora apresentado, pois não contêm referências ao período abordado neste trabalho.

As referências (contidas na 7ª coluna do quadro) obedecem aos seguintes critérios: 1. as duas primeiras letras referem-se às iniciais dos autores das obras pesquisadas; 2. o número entre parênteses refere-se à data da obra pesquisada; 3. o número em seguida refere-se à página da obra que contém a referência. Os autores pesquisados estão indicados como segue:

PO(44) Plinio Olinto, 1944
PU(46) Anais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1946
AC(50) Anita de Castilho e Marcondes Cabral, 1950
AB(71) *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 1971
LF(71) Lourenço Filho, 1971
LF(71b) Lourenço Filho, 1971b
IP (75) Isaias Pessotti, 1975
SP(81) Samuel Pfromm Netto, 1981
IP (88) Isaias Pessotti, 1988
MM(90) Marina Massimi, 90
MP (84) Maria Helena Patto, 84
EB (89) Ester Zita Botelho, 89
MA(91) Mitsuko Aparecida Makino Antunes, 1991
AG(92) Antonio Gomes Penna, 1992
PR (95) Paulo Rosas, 1995
VG(96) Virginia Sales Gebrim, 1996
AP(97) Alessandra Pimentel, 1997
RC(sd) Regina Helena de Freitas Campos, 1998
SS (98) Instituto Sedes Sapientiae – catálogo de cursos, 1998

DATA	LOCAL	INSTITUIÇÃO	PERSONAGEM	OBRA/REALIZAÇÃO	COMENTÁRIOS	REFERÊNCIAS
1930	SP		Roberto Mange	Incentivou e liderou o movimento que valorizava a aplicação da Psicologia à organização racional do trabalho	Educadores, médicos, engenheiros e administradores tomaram a si esta tarefa	LF(71b) 145
1930	SP		Roberto Mange Geraldo de Paula Souza, Monteiro Camargo e	Por volta desta data, participaram de comissão que definiu objetivos para uma instituição que deveria voltar-se para as questões do trabalho		MA(91) 235 e n.r
1930	DF	Instituto de Educação do Rio de Janeiro	Plinio Olinto	Criou Gabinete de Psicologia Experimental para os cursos de Psicologia Geral e Psicologia Educacional		PO(44) 92 IP(75) 2
1930	DF	Instituto de Educação do Rio de Janeiro	Lourenço Filho	Catedrático de Psicologia	Utilizou obras de Warren	AC(50) 34 AB(71) 169
1930	DF	Fundação Gaffré-Guinle	Nilton Campos	Obra: *Psicologia da vida afetiva* (contém prólogo elogioso de Köhler)	Autor, médico, foi também formador de inúmeros pesquisadores em diversas áreas da Psicologia	IP(75) 6 SP(81) 260 e nr AG(92) 17
1930	BA		Isaias Alves	Obra: *Os testes e a reorganização escolar*	No prólogo, o autor agradece a três mestres: Medeiros de Albuquerque, Sud Menucci e Hermes Lima; também contribuiu com a Escola Normal do Rio de Janeiro; com José Calazans, na Bahia, realizou e publicou pesquisas	PO(44) 92 AC(50) 11 IP(75) 9 SP(81) 263 IP(88) 26
1930	PE	Instituto de Seleção e Orientação Profissional – ISOP	Nelson Pires	Especializou-se no psicodiagnóstico de Rorscharch	Mudou-se posteriormente para a Bahia. Robert Veit e José Leme Lopes também especializaram-se nessa área	AC(50) 30 IP(75) 5 SP(81) 260 IP(88) 24 MA(91) 175
1930	MG	Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte	Edouard Claparède; Th. Simon; Leon Walther; Helena Antipoff (colaboradores)	Possuía "laboratórios", cada um com uma família de pesquisadores	Helena Antipoff permaneceu no Brasil	PO(44) 92, 93 SP(81) 267 LF(71) 324
1930	MG	Laboratório da Escola Normal de Minas Gerais (ligado à Escola de Aperfeiçoamento de Professores)	Helena Antipoff (diretora) e Ana Lodi, Lucia Schmidt, Irene Lustosa, Elisa Dias Veloso, Amélia C. Mata Machado, M. Angélica de C. e Silva, M. Luisa de Almeida Cunha, Naytres Rezende, Zilda Assunção (colaboradoras)	Antipoff substituiu Claparède no referido laboratório; iniciou o ensino de Psicologia; realizou pesquisas; publicou muitos trabalhos no Brasil e na Suiça; formou muitos pesquisadores e profissionais em Psicologia; foi influenciada pela Psicologia interacionista e sócio-histórico russa; promoveu programas de reeducação	Muitos dos profissionais formados por Antipoff vieram a constituir-se no quadro docente das Universidades Católica e Federal de Minas Gerais	AC(50) 32 IP(75) 12 SP(81) 263 IP(88) 27 RC(sd) 98
1930	PE	ISOP	Ulysses Pernambucano	Trabalhou com testes de Ballard	Médico, realizou estudos psicológicos	AC(50) 35 SP(81) 260

DATA	LOCAL	INSTITUIÇÃO	PERSONAGEM	OBRA/REALIZAÇÃO	COMENTÁRIOS	REFERÊNCIAS
1930	SP		Roberto Mange	Realizou estudos e prestou serviços pioneiros em seleção e orientação profissional		AC(50) 40 SP(81) 263, 264 EB(89) 114
1930			Lourenço Filho	Traduziu obras de Binet e Wallon		AC(50) 27, 34
1930	SP	Liga Paulista de Higiene Mental	Bonifácio Castro Filho	Obra: *Higiene Mental nas Fábricas*	Trata da higiene mental no trabalho	MA(91) 131 e nr
1930	SP	Mackenzie College	Nilton Campos	Discurso de recepção a Wolfgang Köhler	Publicado nos principais jornais paulistas	AG(92) 132
1930	SP		Nilton Campos	Palestra: A Psicologia em face da Psiquiatria, Criminologia e da Pedagogia		AG(92) 132
1930	BR			A Partir dessa época, é notado um desenvolvimento acelerado da Psicologia Aplicada ao Trabalho		MA(91) 253
1930	BR			A partir dessa época, é notada a diferenciação, em vários aspectos, entre Psicologia e Psiquiatria		MA(91) 263, 264
1930	BR	Escolas Normais		Até esta data o ensino de Psicologia figurava apenas no currículo dessas escolas		LF(71) 326
1930	SP	Estrada de Ferro Sorocabana	Roberto Mange	Realizou estudos e aplicação de seleção profissional e psicotécnica		SP(81) 264
1930	DF		Maurício Campos de Medeiros	Tese sobre supranormais		MA(91) 114, 149, 150 nr
1930 (déc.)	SP	Escola Livre de Sociologia e Política	Durval Marcondes, Raul Briquet, Betti Katzenstein, Aniela Ginsberg, Lourdes Viegas	Atuaram no ensino e produziram pesquisas	Marcondes e Briquet, médicos, realizaram estudos psicológicos	AC(50) 31, 37 SP(81) 259
1930 (déc.)	SP		Franco da Rocha	Pioneiro na formação de núcleos de estudo e formação psicanalítica		AC(50) 30
1930 (déc.)	PE		M. Cerqueira	Discípulo de Ulysses Pernambucano; contribuiu para o movimento dos testes		AC(50) 30
1930 (dessa década em diante)	DF	Instituto de Educação do Rio de Janeiro	Heloísa Marinho, Iva Weisberg, Carmen Alonso, Paulo Maranhão, Bueno de Andrade, Celsina F. da Rocha, J. B. Fontenelle, Ofelia B. Cardoso, Murilo Braga, Maria Junqueira Schmidt, Riva Bauzer, Ethel B. Medeiros, com Lourenço Filho e Isaias Alves	Renovaram o ensino de Psicologia e realizaram pesquisas na área		AC(50) 36, 41 SP(81) 263 LF(71) 319

DATA	LOCAL	INSTITUIÇÃO	PERSONAGEM	OBRA/REALIZAÇÃO	COMENTÁRIOS	REFERÊNCIAS
1930 (depois dessa data)	BA	Escola Normal da Bahia	Isaias Alves, Simone Araujo Bensabath (mais tarde) e João Inacio de Mendonça (mais tarde)	Contribuíram com estudos psicológicos		SP(81) 263
1931 (por volta dessa época)			Lourenço Filho	Antes gestaltista e inspirado em James e Warren, sofreu influência behaviorista, tratando a aprendizagem sob os princípios de Pavlov e Watson		AC(50) 35 IP(75) 8, 9
1931	SP	Diretoria do Ensino do Estado de São Paulo – Instituto Pedagógico	Lourenço Filho	Assume a direção da educação paulista, criando o referido instituto; aí são oferecidos cursos de aperfeiçoamento para professores, nos quais pela primeira vez são incluídas as disciplinas: Psicologia, Sociologia e Biologia da Educação em nível superior	A disciplina Psicologia aparece pela primeira vez como disciplina de curso superior, especificamente como Psicologia da Educação	IP(75) 8 LF(71) 306, 315
1931	SP	Diretoria do Ensino do Estado de São Paulo – Instituto Pedagógico	Noemi Silveira	Criação de um Serviço de Psicologia Aplicada; Silveira assume a direção do referido serviço	Surgimento dos primeiros serviços oficiais de Psicologia Aplicada	LF(71) 306, 315 AG(92) 72
1931	SP	Instituto de Organização Racional do Trabalho – Idort	Roberto Mange (um de seus fundadores), Aniela Ginsberg e Betti Katzenstein (colaboradoras)	Fundação da referida instituição; foram realizados serviços de Psicologia Aplicada ao Trabalho		PO(44) 92 IP(75) 10 SP(81) 264 LF(71) 319, 320 PR(95) 72
1931			Silvio Rabelo	Obra: *Psicologia da Infância*		AC(50) 38 SP(81) 262 LF(71) 336
1931	SP	Instituição Médico-Pedagógica Paulista	Nilton Campos (fundador e diretor) e Joaquim Penido (colaborador)	Criação do referido instituto		AG(92) 130
1931	PE	Isop	Ulysses Pernambucano (diretor) e Anita Paes Barreto, Silvio Rabelo, Estevão Pinto, Aníbal Bruno, Olivio Montenegro, Alda Campos, Cirene Coutinho, Anita P. da Costa, M. Leopoldina de Oliveira, Celina Pessoa, J. C. Cavalcanti Borges (colaboradores)	Isop foi anexado ao Serviço de Higiene Mental do Hospital de Alienados; mais tarde Instituto de Psicologia	A anexação possibilitou ampliar os serviços do instituto, especialmente ao Manicômio Judiciário, Serviço Aberto e ao próprio hospital	SP(81) 263 MA(91) 174

DATA	LOCAL	INSTITUIÇÃO	PERSONAGEM	OBRA/REALIZAÇÃO	COMENTÁRIOS	REFERÊNCIAS
1931	BR	Ministério da Educação	Francisco Campos (ministro)	Reforma Francisco Campos estabeleceu o ensino de Psicologia no 2º. ciclo de estudos que habilitava para o ingresso nos cursos de Medicina e Direito	Essa exigência foi extinta pela Lei Orgânica do Ensino Secundário de 1942	LF(71) 327
1931	RJ		Celsina Faria Rocha e Bueno de Andrade	Obra: *Testes: como medir a inteligência dos escolares*		LF(71) 336
1931	MG	Escola de Aperfeiçoamento de Professores	Helena Antipoff e colaboradores	Obra: *Escolalogia – ensaio de Pedagogia Escolar Experimental*		IP(75) 12 IP(88) 27 LF(71) 336
1931	SP		Noemi Silveira Rudolfler	Obra: *Introdução à Psicologia Educacional*		LF(71) 338
1932	DF	Liga Brasileira de Higiene Mental		Propôs ao Ministério da Educação e Saúde Pública a presença obrigatória de "gabinetes de Psicologia" junto às clínicas psiquiátricas	O referido ministério acolheu a proposta	IP(75) 3 MA(91) 30
1932	DF	Instituto de Psicologia da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro – Instituto de Psicologia	Waclaw Radecki, Nilton Campos, Jaime Grabois, Eurílalo Canabrava, Ubirajara da Rocha, Halina Radecka (membros participantes)	Transformação da referida instituição em Instituto de Psicologia, subordinada ao Ministério da Educação e Saúde Pública, sendo a primeira em nível federal destinada à pesquisa pura; seria extinta 7 meses depois	As pesquisas de Radecki tinham como finalidade desenvolver sua teoria do "descriminacionismo afetivo"	PO(44) 91 AC(50) 44 MA(91) 117 LF(71) 306 PR(95) 70
1932	DF	Instituto de Psicologia	Waclaw Radecki, Edgar Sanches, Ubirajara da Rocha, Jaime Grabois, Euryalo Canabrava, Lucília Tavares, Halina Radecka, Araud Bretas	Ofereceu curso de Psicologia; personagens foram professores do referido curso	Cursos podem ser considerados como sendo de nível superior	SP(81) 266 AG(92) 20, 21 LF(71) 306
1932	DF	Instituto de Psicologia – Laboratório de Psicologia da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro	Nilton Campos	Dirigiu o referido laboratório a partir dessa data		IP(75) 6
1932	SP	Escolas Normais do Estado de São Paulo	Noemi Silveira Rudolfler (Escola Normal de São Paulo), Antonio D'Avila e Adolfo Paker (capital), João Vieira de Carvalho (Itapetininga), Antonio Norberto de Souza Pinto (Campinas), Tércio Epeneto Emerique (Mococa e Piracicaba), Agostinho Minicucci (Botucatu), Elza Barra (Ribeirão Preto)	Personagens que realizaram estudos psicológicos nas referidas escolas	Rudolfler (ref. de data)	IP(75) 9 SP(81) 256, 262 IP(88) 26 MA(91) 194, 195, 216

DATA	LOCAL	INSTITUIÇÃO	PERSONAGEM	OBRA/REALIZAÇÃO	COMENTÁRIOS	REFERÊNCIAS
1932	SP	Escola Normal de São Paulo	Noemi S. Rudolfler	Sucedeu Lourenço Filho na cátedra de Psicologia e Pedagogia e no laboratório da referida instituição; lecionou teorias da aprendizagem com ênfase no conexionismo de Thorndike e Gates; sofreu influências também de Gesell, Büller e Hollingworth	Rudolfler havia sido aluna e assistente de Lourenço Filho	AC(50) 36 IP(75) 9 SP(81) 256, 262 IP(88) 26 MA(91) 194, 195, 216
1932	PE	Assistência a Psicopatas de Pernambuco	Anita Paes Barreto	Publicações: *Ensaio de padronagem do Teste Columbia*; Um Teste de Inteligência; Revisão pernambucana da Escala Binet- Simon-Terman	Publicados em *Arquivos da Assistência a Psicopatas* de Pernambuco em abril de 32, outubro de 32, junho de 34 e dezembro de 34	AC(50) 37 SP(81) 262 LF(71) 335
1932	SP	Idort	Aniela Ginsberg e Betti Katzenstein	Trabalharam com Mange na referida instituição	Aniela Ginsberg (psicóloga polonesa) e Betti Katzenstein (alemã, doutora pela Universidade de Hamburgo, foi assistente de W. Stern, realizou pesquisas sobre Psicologia Infantil quando ocupou a chefia da Cruzada Pró-Infância)	AC(50) 11, 37 IP(75) 10 SP(81) 267 IP(88) 28 LF(71) 325, 326
1932	SP		Nilton Campos	Artigo: "Psicologia da Estrutura"	Publicado no vol. 1 da revista *Política*, editada em São Paulo	AG(92) 132
1932	MG	Sociedade Pestalozzi	Helena Antipoff (fundadora)	Criação da referida instituição, a partir do trabalho realizado na Escola de Aperfeiçoamento	Finalidade: promover a educação de crianças "excepcionais" e assessorar professores de classes especiais	MA(91) 187, 190 e nr RC(sd) 98
1932	DF	Escola Normal do Distrito Federal / Instituto de Educação	Anisio Teixeira (realizador da transformação e diretor da instituição entre 1932 e 1935); Lourenço Filho (professor de Psicologia Educacional); Isaias Alves (responsável pelo serviço de Testes) e J. P. Fontenelle (professor de Estatística aplicada à Educação)	Transformada em Instituto de Educação, foram aí estabelecidos cursos de especialização e aperfeiçoamento para diretores e orientadores do ensino e criado um Serviço de Testes e Medidas Escolares	Foi um dos marcos do aparecimento do psicólogo escolar no sistema educacional brasileiro	IP(75) 9 MP(64) 75 IP(88) 25 LF(71) 317
1932	SP	Diretoria do Ensino do Estado de São Paulo – Instituto Pedagógico	Noemi Silveira	Publicação do relatório: *Da organização do Serviço de Psicologia Aplicada*		LF(71) 336
1932	DF		José Leme Lopes, Robert Veit e Anibal da Silveira	Introdutores das provas de Rorscharch no país	Médicos que realizaram estudos psicológicos; Lopes foi o primeiro a ensaiar as provas de Rorscharch no Brasil	AC(50) 30 SP(81) 260 LF(71) 339
1933	SP	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Sedes Sapientiae		Criação da referida instituição		SS(98) 4
1933	RS		Martim Gomes	Transferiu-se de São Paulo para a referida cidade nessa data, realizou numerosas pesquisas em Psicologia Médica	Dedicou-se à Psicologia em virtude de suas observações na clínica ginecológica	IP(75) 6 PO(44) 92

DATA	LOCAL	INSTITUIÇÃO	PERSONAGEM	OBRA/REALIZAÇÃO	COMENTÁRIOS	REFERÊNCIAS
1933	PE		Ulysses Pernambucano e Anita Paes Barreto	Revisão do teste Binet-Simon para a realidade pernambucana		PR(95) 66
1933	DF	Universidade do Brasil	Nilton Campos	Proferiu 5 conferências sobre a nova orientação no estudo da vida afetiva em curso de extensão universitária		AG(92) 132
1933	DF		Nilton Campos	Relatório: *Caráter e personalidade da criança*	Relativo às 5 conferências proferidas na Universidade do Brasil em curso de extensão universitária	AG(92) 132
1933	DF		Nilton Campos	Relatório: *O problema médico-pedagógico da asssistência aos menores abandonados e delinqüentes*	Apresentado na Conferência de Proteção à Infância	AG(92) 132
1933	SP	Laboratório de Psicologia do Instituto de Educação (evolução do Instituto Pedagógico)	Noemi Silveira (chefe do laboratório de Psicologia Educacional) e Anita Cabral (colaboradora)	Criação e organização do referido laboratório em 4 seções: medidas mentais, medida do trabalho escolar, orientação educacional e profissional e estatística	O laboratório foi criado a partir do Serviço de Psicologia Aplicada	PO(44) 92 LF(71) 315
1934	SP	Universidade de São Paulo – USP		Criação da referida instituição		LF(71b) 144 MM(90) 72, 73
1934	SP	USP	Lourenço Filho	Nomeado professor de Psicologia		LF(71) 341
1934	SP	USP		Ensaiou estudos de Psicologia em cursos de formação de professores secundários e de Filosofia	Foram contratados alguns professores estrangeiros	LF(71b) 144
1934	DF	Universidade do Rio de Janeiro (depois Universidade do Brasil)	Waclaw Radecki (especialista polonês, diretor do referido laboratório)	Pouco antes desta data, anexou a seus serviços o antigo Laboratório de Psicologia da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro		LF(71b) 144
1934	SP	USP / Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – FFCL / seção de Pedagogia	Noemi Silveira	Criação da cátedra de Psicologia Educacional, à qual foi incorporado o laboratório da Escola Normal de São Paulo; Silveira foi nomeada catedrática	O laboratório funcionou até 1941, gerando um expressivo movimento de orientação vocacional de alunos universitários	MP(75) MM(90) 72, 73 MA(91) 194

DATA	LOCAL	INSTITUIÇÃO	PERSONAGEM	OBRA/REALIZAÇÃO	COMENTÁRIOS	REFERÊNCIAS
1934	SP	USP – cátedra de Psicologia Educacional	Rudolfler, Angelini, Aguirre, Garcez, Bori, Barros Santos, Almeida, Van Kolck, Toledo, Macedo, Pfromm Netto, Rosamilha, Martins, Leite, Silva, Witter, Lomonaco, Agatti (mais tarde destacaram-se como pesquisadores nessa cátedra)	Produção de pesquisas em Psicologia Educacional	Personagens citados produziram pesquisas sobre: Psicologia da Aprendizagem, motivação, desenvolvimento humano, História da Psicologia, personalidade e testes psicológicos (publicadas nos boletins da cadeira e da Sociedade de Psicologia de São Paulo)	tP(75) 9 SP(81) 268, 269
1934	DF		Plínio Olinto	Obra: *Psicologia*		AC(50) 24, 25 LF(71) 335 tP(75) 7 IP(88) 24 MA(91) 130, 149, 150, 219
1934			Fernando de Azevedo	Obra na qual faz um resumo dos traços fundamentais da psicologia do brasileiro		AC(50) 24, 25
1934	DF	Universidade do Brasil	Nilton Campos (ensino de Psicologia) Décio de Souza e Brito Velho (colaboradores)	Assumiu o ensino de Psicologia; criou o *Boletim de Psicologia*	Médicos que realizaram estudos psicológicos; Décio de Souza foi também o responsável pela introdução da Psicologia nos cursos de Medicina; estudou com Köhler e Wertheimer nos EUA; Nilton Campos estudou com Köhler na Alemanha	AC(50) 11, 30, 31 IP(75) 6 SP(81) 260
1934	DF	Serviço Neuropsicológico da Secretaria de Saúde e Assistência a Psicopatas do Distrito Federal	Nilton Campos (colaborador)			AG(92) 130
1934	SP	USP / FFCL / Seção de Filosofia	Jean Maugué e Otto Klineberg (sucessivamente professores da disciplina)	Inserida a disciplina Psicologia no currículo do curso	A disciplina era oferecida em 3 dos 4 anos do referido curso; Klineberg lecionou de 1945 a 1947	AC(50) 44, 45 LF(71) 306, 318; 327 SP(81) 266, 267
1934	SP	USP / FFCL / Seção de Filosofia	Anita Cabral, Cícero Cristiano de Souza, João Cruz Costa e Aníbal Silveira	Assistentes de Jean Maugué na disciplina de Psicologia na FFCL da USP	Souza e Silveira, médicos que realizaram estudos psicológicos	AC(50) 15 EB(89) 61 SP(81) 259

DATA	LOCAL	INSTITUIÇÃO	PERSONAGEM	OBRA/REALIZAÇÃO	COMENTÁRIOS	REFERÊNCIAS
1934	DF		Nilton Campos	Artigo: "Ensaio de análise estrutural somatopsíquica na esquizofrenia"	Publicado no *Boletim da Secretaria de Saúde e Assistência*, no. 2, 1934	AG(92) 132
1934	SP	USP	Noemi Silveira Rudolfler e J. B. Damasco Penna, Branca Caldeira, Irene Muniz, Odalivia Toledo, A. Cabral, Judith Hallier, Jovino Guedes Macedo, M. da Penha Pompeu de Toledo, Eulalia Siqueira, Beatriz Freitas Vey e outros	Personagens foram consideradas membros da "Escola Paulista de Psicologia Educacional"		EB(89) 113 SP(81) 262
1934	SP	Ed. Melhoramentos	Lourenço Filho	Obra: Testes ABC (1ª ed.)	Esta obra teve várias edições brasileiras e estrangeiras	AB(71) 153
1934	DF	Universidade do Distrito Federal	Etienne Souriau	Desenvolveu curso de Psicologia Geral; desenvolveu idéias da Psicologia Social e fez vários discípulos, que continuaram seu trabalho	Na "mesma época" que a USP [LF] : estabelecendo-se, portanto, a data em 1934	LF(71) 318, 324 SP(81) 266
1934	MG	Escola de Aperfeiçoamento de Professores	Helena Antipoff	Publicação: *Relatório do Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento e do Ensino de Psicologia nessa escola*	Trabalho mimeografado	LF(71) 336
1934			Tavares Bastos, Robert Veit e E. de Aguiar Whitaker	As personagens foram os primeiros autores a publicar trabalhos sobre Rorscharch		LF(71) 339 SP(81) 259, 267
1934	SP	Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional – CFESP	Roberto Mange	Criação da referida instituição, que foi um dos centros irradiadores da Psicologia Industrial; Mange teve aí ativa participação	A criação da referida instituição teve colaboração do Idort	MA(91) 251, 252 PR(95) 73 IP(75) 10 SP(81) 264
1935	DF	Universidade do Distrito Federal		Ensaiou estudos de Psicologia em cursos de formação de professores secundários e de Filosofia	Para isso foram contratados alguns professores europeus	LF(71b) 144 AG(92) 16
1935	SP		Raul Briquet	Obra: *Psicologia Social*	Provável primeiro livro de Psicologia Social no país; o autor também ministrou curso sobre o tema na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, que teria sido o primeiro no Brasil	IP(75) 5 MA(91) 219 LF(71) 335 AC(50) 30
1935	DF	Escola Amaro Cavalcanti		Organizou um serviço próprio de Orientação Vocacional	Teria sido a primeira escola a organizar um serviço desse tipo	IP(75) 10
1935	SP	USP	Jean Maugué	Assumiu a cátedra de Psicologia, desenvolveu estudos e fez vários discípulos	Permaneceu na instituição até 1944	IP(75) 11 IP(88) 26 LF(71) 324 EB(89) 64

DATA	LOCAL	INSTITUIÇÃO	PERSONAGEM	OBRA/REALIZAÇÃO	COMENTÁRIOS	REFERÊNCIAS
1935	DF	Universidade do Brasil		Criação da cadeira de Psicologia, incorporada como disciplina obrigatória nos três primeiros anos do curso de Filosofia		IP(75) 11
1935	MG		Helena Antipoff	Obra: *Desenvolvimento mental da criança*		IP(75) 12 IP(88) 27
1935	DF		Nilton Campos	Artigo: "Os fundamentos positivos da Psicologia Moderna"	Publicado no *Boletim da Secretaria de Saúde e Assistência*, no. 3, 1935	AG(92) 132
1935	DF	Núcleo de Pesquisas Educacionais da Municipalidade		Realização de pesquisas em Psicologia	Dotado de boa aparelhagem para trabalhos de Psicologia Experimental	PO(44) 92
1935	PE		Silvio Rabelo	Obra: *Psicologia do desenho infantil*	Sua formação realizou-se no Instituto de Psicologia de Pernambuco (antigo Isop); realizou vários trabalhos de investigação; trabalhou na Universidade de Pernambuco	MA(91) 175 LF(71) 329, 336 IP(75) 12 IP(88) 24
1935	DF	Instituto de Educação	Heloísa Marinho e Murilo Braga	Ministraram cursos para administradores de ensino e realizaram investigações sobre Psicologia das matérias de ensino	O referido Instituto foi incorporado à Universidade do Distrito Federal, aí foram ministrados cursos e realizadas investigações no campo da Psicologia	LF(71) 317
1935	PE	Instituto de Psicologia	Anita Pais Barreto e Alda Campos	Obra: *Um decênio de atividades no Instituto de Psicologia*	Publicado em: *Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco*	LF(71) 335 SP(81) 262
1935	DF	Escola de Educação da Universidade do Distrito Federal	Lourenço Filho	Organizou e dirigiu a instituição; aí lecionou Psicologia		LF(71) 341
1935	CE	Escola Normal do Ceará	Djacir Menezes	Obra: *Dicionário Psico-Pedagógico*		SP(81) 263, 276
1936	DF	Faculdade de Medicina	Antonio de Bulhões Pedreira	Tese: *Contribuição Experimental à Psicologia da fixação mnemônica subconsciente*		AG(92) 17
1936	DF	Universidade do Distrito Federal	Plinio Olinto (com a colaboração de Etienne Souriau)	Ministrou o primeiro curso de Psicologia do Trabalho	Plinio Olinto havia estudado com Piéron, em 1921	IP(75) 2
1936	DF	Biblioteca da Academia Nacional de Medicina		Publicação: *Annaes da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro*		AG(92) 20
1936	SP	Instituto de Educação Caetano de Campos (antiga Escola Normal de São Paulo)	Noemi Silveira	Assumiu a cátedra de Psicologia, que foi depois incorporada pela USP		IP(75) 11
1936	PE	Escola para Anormais	Ulysses Pernambucano (fundador)	Criação da referida instituição no Sanatório de Recife	A finalidade era dar assistência educacional e psicológica às crianças portadoras de deficiência mental	AC(50) 30 MA(91) 137, 139
1936	DF		Nilton Campos	Artigo: "Projeto do Código Criminal do Brasil e as ciências médicas"	Publicado nos *Arquivos do Manicômio Judiciário*, nos. 1 e 2, 1936	AG(92) 132
1936	DF		Nilton Campos	Artigo: "Estado atual dos estudos sobre a etiologia geral da epilepsia"	Publicado no *Boletim da Secretaria de Saúde e Assistência*, no. 4, 1936	AG(92) 132
1936	DF			Realização do Seminário Brasileiro de Psicologia		PO(44) 92
1936	DF	Escola de Economia e Direito	Etienne Souriau e Plinio Olinto	Ministraram curso de Psicologia do Trabalho, com demonstrações práticas		PO(44) 92

DATA	LOCAL	INSTITUIÇÃO	PERSONAGEM	OBRA/REALIZAÇÃO	COMENTÁRIOS	REFERÊNCIAS
1936	DF	Laboratório de Biologia Infantil	Leonídio Ribeiro (criador)	Finalidade: analisar as causas físicas e mentais da criminalidade juvenil e apurar as técnicas de tratamento de menores delinqüentes		LF(71) 312
1936	DF	Comissão do Serviço Público Civil – Governo Federal	João Carlos Vital (engenheiro, colaborador)	Realização de trabalho de seleção profissional		LF(71) 320
1937	DF	Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários	João Carlos Vital (diretor)	Realização de trabalhos de seleção profissional em várias empresas	Grupo similar ao Idort	LF(71b) 145
1937	SP	Instituto Profissional Masculino, depois escola Técnica Getúlio Vargas	Alfredo de Barros Santos (diretor do Instituto)	Solicitou serviços de Orientação Profissional ao Idort	No mesmo ano, a escola congênere para moças também fez semelhante solicitação	IP(75) 10
1937		Cia. de Jesus	Pe. Leonel Franca	Obra: *Psicologia da fé*	Obra editada pela Ed. Civilização Brasileira, 1935	AC(50) 26 LF(71) 322, 337 SP(81) 275
1937	DF	Instituto de Psicologia (reativado) – Universidade do Brasil		Realização de tarefas teóricas e seleção de diplomatas		PR(95) 71
1937	DF		Nilton Campos	Conferências: *Processos Científicos e Pesquisa da veracidade nos depoimentos*	Conferências proferidas na Sociedade Brasileira de Criminologia	AG(92) 132
1937	DF	Faculdade de Medicina	Nilton Campos	Professor de Psicologia do curso complementar da referida faculdade		AG(92) 141
1937	DF	Escola de Enfermeiros Alfredo Pinto – Serviço Nacional de Doenças Mentais	Nilton Campos	Professor de Psicologia		AG(92) 141
1937	DF	Colégio Pedro II	Nilton Campos	Professor de Psicologia e Lógica		AG(92) 141
1937	DF	Instituto de Psicologia do Ministério da Educação	Nilton Campos, Eliezer Schneider, Antonio Gomes Penna, I. C. Pereira, R. S. Bittencourt, O. S. Leite, C. V. Guerra	O referido instituto, que fora o laboratório da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro, foi incorporado à Universidade do Brasil; aí foram produzidas pesquisas em Psicologia	Antes dessa data, o laboratório fora chefiado por: Carneiro Airosa, Nilton Campos e Jaime Grabois; nesse ano a direção volta para Nilton Campos. Há referência a um laboratório montado no Departamento Médico da Aeronáutica do Exército, chefiado por Godinho dos Santos, no qual destacou-se Arauld Bretas; no Hospital da Marinha, houve também um laboratório, no qual Porto Carreiro iniciou suas atividades de pesquisa	PO(44) 91, 92 AC(50) 44 IP(75) 4 IP(88) 27 MM(90) 66 MA(91) 117 LF(71) 329, 334, 337 SP(81) 260 nr
1937	DF		Pierre Janet, Henri Wallon e Rudolf Dreikurs (adleriano)	Desta data até 1940, os personagens proferiram palestras no Rio de Janeiro		LF(71) 324 SP(81) 267
1937			Helena Antipoff e Zilda Assunção	Obra: *Contribuition typologique a l'étude de l'ergographie*		LF(71) 336
1937	DF	Instituto de Educação – Universidade do Distrito Federal		Técnicos do referido instituto participaram da seleção de candidatos aos postos de escritório para o Instituto de Previdência e Assistência Social	O referido serviço deu-se a pedido de João Carlos Vital	LF(71) 317, 336

DATA	LOCAL	INSTITUIÇÃO	PERSONAGEM	OBRA/REALIZAÇÃO	COMENTÁRIOS	REFERÊNCIAS
1938	PE		Silvio Rabelo	Obra: *A representação do tempo na criança*	Início da pesquisa piagetiana, só mais tarde retomada por Chiarotino, Americano, Castro, Macedo, Battro e outros	IP(75) 5 IP(88) 24 MA(91) 150 SP(81) 262, 276
1938	DF	Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos – Inep	Anisio Teixeira (criador) Lourenço Filho (diretor)	Criação da referida instituição	Segundo Penna, a referida instituição deu continuidade ao "Pedagogium", que havia sido extinto em 1919; produziu grandes e variadas realizações em Psicologia; e iniciaram-se a orientação e a seleção profissional em nível nacional	IP(75) 9 MP(84) 75 SP(81) 263 MA(91) 173 PR(95) 73
1938	DF	Inep	Murilo Braga, Jacir Maia, Manuel Marques de Carvalho e Armando Hildebrand	Foram criadas as seções de Seleção e Orientação Profissional Profissional e de Psicologia Aplicada		IP(75) 9 LF(71) 317
1938	DF		Nilton Campos	Artigo: "Mentalidade Primitiva"	Publicado em *Ata Médica*, no. 1, 1938	AG(92) 132
1938	DF		Nilton Campos	Conferência: *Estados súbitos de excitação psicomotora*	Conferência Radiofônica na "Hora Médica do Brasil"	AG(92) 132
1938	DF		Nilton Campos	Artigo: "As aquisições da Moderna Psicologia"	Publicado no *Boletim da Secretaria de Saúde e Assistência*	AG(92) 132
1938	DF		Nilton Campos	Artigo: "Aspectos da Psicologia"	Publicado no *Boletim da Secretaria de Saúde e Assistência*, no. 7, 1938	AG(92) 132
1938	DF	Antiga Universidade do Distrito Federal	Nilton Campos	Professor catedrático de Psicologia Educacional		AG(92) 141
1938	SP	Clínica de Orientação Infantil / Seção de Higiene Mental da Diretoria de Saúde Escolar da Secretaria de Educação de São Paulo	Durval Marcondes (criador), Virginia L. Bicudo, Clarisse Fleury, Alcinda Ferrari, Jacy Arruda, Margarida Lisboa, Ligia de Souza, Lygia A. Amaral, Margarida Vieira da Cunha, Maria Rita G. Lobo, Jacira Leite, Belkiss M. (colaboradoras)	Criação da primeira instituição desse gênero	Durval Marcondes, com Virginia L. Bicudo e Lygia Alcantara Amaral trabalharam antes na Faculdade de Higiene e Saúde Pública de São Paulo. Durval Marcondes foi também o fundador do Instituto de Psicanálise no Rio de Janeiro.	AC(50) 30, 31, 40 IP(75) 5 IP(88) 24 MA(91) 133, 267 IP(75) 4 IP(88) 24 EB(89) 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 86 MP(84) 75
1938	DF	Departamento Administrativo do Serviço Público – Dasp	Mario Paulo de Brito e Murilo Braga (sucessivamente diretores da referida divisão)	Instalada uma divisão de seleção, com a utilização de procedimentos da Psicologia Aplicada para fins de seleção de pessoal	Assimilação de uma comissão que, pouco antes, havia empreendido estudos sobre seleção do funcionalismo civil da União	LF(71b) LF(71) 320 SP(81) 264
1938	SP			Primeiro congresso de Psicologia realizado no país	As atas do I Congresso Paulista de Psicologia, Neurologia, Psiquiatria, Endocrinologia, Identificação, Medicina Legal e Criminologia encontram-se em Whitaker, 1938	SP(81) 270

DATA	LOCAL	INSTITUIÇÃO	PERSONAGEM	OBRA/REALIZAÇÃO	COMENTÁRIOS	REFERÊNCIAS
1938	SP – Pira-cicaba		João R. Arruda	Obra: *Da aprendizagem das línguas vivas e mortas*	Tip. Jornal de Piracicaba	SP(81) 273
1938	CE	Escola Normal do Ceará	Djacir Menezes	Publicação de um compêndio de Psicologia Educacional	Publica posteriormente um dicionário psicopedagógico	LF(71) 319 IP(75) 10 IP(88) 25 SP(81) 263
1938			A. B. Alves da Silva	Publicação de extensa obra sobre a filosofia aristotélica	O primeiro volume é dedicado à Psicologia Empírica	LF(71) 322
1938	DF		Leonídio Ribeiro	Obra: *A criança e o crime*	Publicado em: *Arquivos de Medicina Legal e Identificação*	LF(71) 335
1938	DF	Clínica de Orientação Infantil	Arthur Ramos (diretor)		Médico, realizou estudos psicológicos	AC(50) 30 MA(91) 133, 267 SP(81) 260
1939	BR			Ensino de Psicologia passou a fazer parte do currículo para licenciados e candidatos ao magistério secundário e normal	Estabelecido como padrão federal para os bacharelandos de Filosofia e Pedagogia, tendo a duração de 3 anos; no curso de Didática, para complementação da formação de licenciados, tem a duração de 1 ano; a disciplina é lecionada também nos cursos de Administração, Jornalismo, Educação Física, Sociologia e Política e Direito	LF(71b) 143 LF(71) 327
1939	DF	Estrada de Ferro Central do Brasil		Criação do Serviço de Seleção Profissional		LF(71b) 145 LF(71) 320 SP(81) 264
1939	DF	Instituto de Pesquisas Educacionais	Arthur Ramos	Obra: *A criança problema*	Ofelia Boisson Cardoso foi também colaboradora no referido instituto	IP(75) 9 IP(88) 26 LF(71) 317
1939	DF	Faculdade Nacional de Filosofia	Nilton Campos	Professor catedrático de Psicologia Educacional	Até 1944	AG(92) 141
1939	DF	Universidade Federal do Rio de Janeiro	André Ombredane (belga)	Primeiro professor a ocupar a cátedra de Psicologia Geral	Também desenvolveu estudos sobre Psicologia da Linguagem	PO(44) 93 AG(92) 144 LF(71) 324
1939	DF	Escola Nacional de Educação Física e Desportos	Nilton Campos	Catedrático de Psicologia Aplicada		AG(92) 143
1939	DF	Faculdade Nacional de Filosofia	Nilton Campos	Fundação da instituição, na qual o personagem viria a ser professor catedrático de Psicologia Social e Econômica		AG(92) 142, 143
1939	DF	Faculdade Nacional de Filosofia		Estabeleceram-se cursos de Psicologia Geral e Aplicada		LF(71) 306
1939	DF	Universidade do Brasil	Etienne Souriau e André Ombredane (sucessivamente, professores de Psicologia)	Instituída a Faculdade Nacional de Filosofia	Psicologia fazia parte do currículo	LF(71) 318

DATA	LOCAL	INSTITUIÇÃO	PERSONAGEM	OBRA/REALIZAÇÃO	COMENTÁRIOS	REFERÊNCIAS
1939			Lourenço Filho	Obra: *La pensée de Ribot dans la Psychologie sud-americaine.*	Apresentado em: Centennaire de Th. Ribot et Jubilé de la Psychologie Scientifique Française	LF(71) 333
1939	DF	Universidade do Brasil	Lourenço Filho	Nomeado catedrático de Psicologia Educacional		LF(71) 341
1939			Frei Damião Berge	Obra: *A estrutura fundamental do sentimento religioso à luz da Psicologia Experimental*	Citações de : Starbeck, James, Gingershon, Gruhen e Gemelli	LF(71) 322, 337
1940	SP	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Sedes Sapientiae		Gestação de um projeto para a formação de psicólogos através de programas teóricos	Mais tarde, pela necessidade da prática, viria a ser criada a Clínica Psicológica	SS(98) 4
1940	BR			Até essa data, a Psicologia era ensinada nas Faculdades de Medicina como complemento dos cursos de Biologia e Neurologia, antes de serem instituídas as cátedras de Psiquiatria		IP(75) 6
1940		Associação Brasileira de Engenharia Ferroviária	Roberto Mange, Pelágio Rodrigues dos Santos, José Moacir Andrade Sobrinho, Italo Bologna e Vitor R. de Gouveia (membros da referida comissão)	Criada a Comissão de Psicotécnica da referida associação; publicação do *Boletim da Comissão de Psicotécnica da Associação Brasileira de Engenharia Ferroviária*		AC(50) 40 LF(71) 320, 337 SP(81) 264
1940	DF	Instituto de Psicologia	Jaime Grabois	Ofereceu cursos livres de Psicotécnica		PR(95) 96
1940	DF		Nilton Campos	Artigo: "Exame psicológico da personalidade"	Publicado na *Revista do IRB*, no. 2, 1940	AG(92) 132
1940	DF		Nilton Campos	Artigo: "Fundamentos da análise científica da vida afetiva"	Publicado no *Anuário Brasileiro de Medicina*, 1940	AG(92) 132
1940	MG	Escola da Fazenda do Rosário	Helena Antipoff (fundadora)	Sociedade Pestalozzi instalou escola na fazenda, com o objetivo de educar e reeducar crianças "excepcionais"ou abandonadas, com uma metodologia centrada na atividade espontânea da criança		RC (sd) 98 LF(71) 324
1940	MG	Universidade de Minas Gerais	Helena Antipoff	Criou a cadeira de Psicologia Educacional		RC (sd) 98
1940	DF		Antonio Gomes Penna	Identificava como importante o estudo de História Social e História do Trabalho para os que se dedicam à Psicologia do Trabalho		AG (97) 130, 131
1940	DF	Instituto Nacional de Surdos-Mudos	André Ombredane	Desta data até 1945, aí realizou pesquisas		LF(71) 324
1940	DF	Dasp	Lourenço Filho	Ministrou curso sobre Psicologia das relações humanas no trabalho; realizou as primeiras pesquisas sobre Relações Humanas	USP e Universidade Católica do Rio de Janeiro têm patrocinado pesquisas sobre o assunto; Eliezer Schneider, do Instituto de Psicologia da Universidade do Brasil, tem trabalhado também com o tema	LF(71) 330 AB(71) 169

DATA	LOCAL	INSTITUIÇÃO	PERSONAGEM	OBRA/REALIZAÇÃO	COMENTÁRIOS	REFERÊNCIAS
1940	DF		Miguel Osório de Almeida	Investigou Fisiologia Nervosa e Psicofisiologia	Trabalho descrito em "Os irmãos Osório e a evolução da Fisiologia no Brasil" de Thales Martins	LF(71) 309, 334
1940 (década)	SP	Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da USP – Setor de Psicologia Aplicada do Instituto de Administração	Mario Wagner Vieira da Cunha (diretor do Instituto), Raul de Morais (diretor do Serviço de Psicologia) e Jovino Macedo, Eugênia M. de Andrade, Dulce de Godói Alves, Zilá Wendel Abramo, Ivone Espindola e Miriam L. M. Leite Wendel (colaboradores)	Realização de pesquisas sobre processos de seleção		AC(50) 41 LF(71) 321 SP(81) 265
1940 (década)	RS	Instituto de Educação de Porto Alegre	Olga Gweyer e Marieta Silva	Realizaram pesquisas	Outros nomes do RS citados: Malvina Rosat Cordeiro, Mario Martins (psicanalista), Graciema Pacheco, Ida Silveira, Eloah Brodt Ribeiro	AC(50) 11, 31, 37 LF(71) 319 SP(81) 260, 263
1940 (década)	SP		Durval Marcondes, Cecilia Castro e Silva, Olimpia de Freitas e Olga Strehneck	Realizaram atividades de Psicologia Aplicada		PO(44) 92
1941	SP – Limeira	Escola Normal de Limeira	João de Souza Ferraz	Elaborou textos de Psicologia para o ensino normal; publicou um compêndio de Psicologia, também traduzido para o espanhol	Há referências a Dilthey e Spranger na obra citada	AC(50) 38 LF(71) 319 IP(75) 10 SP(81) 262
1941	SP – Piracicaba	Escola Normal de Piracicaba	José Rodrigues Arruda	Pioneiro da Estatística Educacional		LF(71) 319 IP(75) 10 SP(81) 262
1941		Cia. De Jesus		Prescreveu o ensino de Psicologia Experimental no curso de Filosofia	Prescrição faz parte da legislação jesuítica de ensino	LF(71) 321
1941	DF	Faculdade de Ciências Médicas (depois incorporada à Universidade do Distrito Federal)	Adauto Botelho	Criação da cadeira de Psicologia Normal e Patológica, por iniciativa de Botelho		LF(71) 328
1941	RJ – Nova friburgo	Faculdade Pontifícia de Filosofia do Colégio Máximo Anchieta / Cia. de Jesus	Pe. Henrique C. de Lima Vaz (professor de Psicologia)	Ensino de Psicologia e instalação de laboratório	É citado "outro professor", que teria estudado em Louvain – Bélgica, para dirigir o referido laboratório	LF(71) 321, 322
1942	BR			Leis do Ensino fazem referência a serviços de Orientação Educacional nos estabelecimentos de grau médio		LF(71b) 145,146

DATA	LOCAL	INSTITUIÇÃO	PERSONAGEM	OBRA/REALIZAÇÃO	COMENTÁRIOS	REFERÊNCIAS
1942	SP	Departamento Regional do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – senai	Roberto Mange (organizador e diretor), Otávio Martins, Italo Bologna, Osvaldo de Barros Santos, Valter Barioni, Nelson Campos Pires, Joaquim Machado de Melo, Jason Ribeiro da Silva, Robert Veit e Betty Katzenstein (colaboradores)	Criação do Laboratório de Psicotécnica	Introdução da referida equipe de psicólogos	AC(50) 40 LF(71b) 145 IP(75) 11 SP(81) 264, 265 LF(71) 320 PR(95) 73
1942		Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – Senac		Criação do Laboratório de Psicotécnica	Ocorrência após a do Senai	LF(71b) 145
1944	BR			Desenvolvimento considerável do ensino e das atividades de aplicação	Dessa data até a elaboração do artigo (1969)	LF(71b) 143 LF(71) 332
1944	BR			Transformações do país trazem necessidades que reclamam a aplicação da Psicologia		LF(71b) 143,144
1944	DF		Plínio Olinto	Obra: "A Psicologia Experimental no Brasil" (in: *Imprensa Médica* RJ, 20, 363: maio de 1944)	Esboço sobre a história da disciplina; seria a primeira obra sobre História da Psicologia no Brasil	LF(71b) 145 IP(75) 2 IP(88) 22
1944	DF	Fundação Getúlio Vargas – FGV		Criação da referida instituição	Ampliação do movimento de organização e racionalização do trabalho	LF(71b) 146
1944	DF	Faculdade Nacional de Filosofia	André Ombredane	Professor de Psicologia Geral		AG(92) 14 SP(81) 266
1944	DF e SP	Universidades de São Paulo, do Distrito Federal e do Rio de Janeiro	Até por volta desta data, aí permaneceram alguns dos seguintes especialistas estrangeiros: Etienne Souriau, André Ombredane, Jean Maugé, Roger Bastide, Paul Bastide		Foram substituídos por brasileiros (seus assistentes ou formados no exterior)	AC(50) 25 LF(71b) 144
1944	DF	Inep	Lourenço Filho, Heloisa Marinho, Betti Katzenstein e Helena Antipoff (autores de muitos artigos para a revista)	Criação da *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* – RBEP	Veículo de divulgação de trabalhos e experiências educacionais; há extensa produção de artigos na área da Psicologia, voltados principalmente para o diagnóstico do educando por meio da psicometria	PR(95) 73 VG(96) 74, 75, 76, 103 a 110
1944	DF	Instituto de Seleção e Orientação Profissional – Isop, da Fundação Getúlio Vargas – FGV		Criação da referida instituição	Inicialmente denominada Instituto Nacional de Seleção e Orientação Profissional – Insop	PR(95) 73

DATA	LOCAL	INSTITUIÇÃO	PERSONAGEM	OBRA/REALIZAÇÃO	COMENTÁRIOS	REFERÊNCIAS
1944	BA	Escola Normal da Bahia e Universidade da Bahia	Isaias Alves	Obra: Dados da Psicologia da Criança	Realizou muitos trabalhos de investigação em Psicologia Educacional; é citado o nome de Simone Araujo Bensabath, como sua assistente	AC(50) 37 LF(71) 329, 336
1944	DF	Inep – RBEP	Helena Antipoff	Artigo: Como pode a escola contribuir para a formação de atitudes democráticas?		VG(96) 126
1944	DF	Inep – RBEP	Heloisa Marinho	Artigo: A linguagem no pré-escolar		VG(96) 126
1944	DF	Inep – RBEP	Heloisa Marinho	Artigo: Assuntos predominantes da linguagem do pré-escolar		LF(71) 334 VG(96) 126
1944	DF	Inep – RBEP	Jacyr Maia	Artigo: Provas mentais na seleção de servidores públicos		VG(96) 126
1944	DF	Inep – RBEP	Emile Planchard	Artigo: Aspectos atuais da Psicologia e Pedagogia no Trabalho		VG(96) 126
1944	DF	Inep – RBEP	Elisa D. Veloso	Artigo: Apresentação das questões nas provas de nível mental		VG(96) 126
1944	DF	Departamento Nacional da Criança – Ministério da Saúde / Sociedade Pestalozzi do Brasil	Helena Antipoff (trabalhou no referido departamento e fundou no Brasil a referida sociedade)	Institucionalização do Departamento Nacional da Criança e criação da Sociedade Pestalozzi do Brasil		RC(sd) 98 LF(71) 324
1944	DF	Faculdade Nacional de Filosofia	Nilton Campos	Professor catedrático de Psicologia	Até 1963	AG(92) 135, 141, 142
1945			Emilio Mira y Lopez (Universidade de Barcelona – Espanha)	Chega ao Brasil	Foi organizador e diretor dos Serviços de Seleção e Orientação Profissional do Isop – FGV e da Secretaria da Educação de Minas Gerais; criou a Associação Brasileira de Psicotécnica e seu periódico	PR(95) 7 LF(71) 325 SP(81) 267
1945	DF	Dasp	Emilio Mira y Lopez	Ministrou um "curso especial sobre seleção, orientação e readaptação profissional e problemas correlatos"		LF(71b) 146 PR(95) 54
1945	SP	USP – FFCL – Seção de Filosofia	Otto Klineberg (psicólogo social norte-americano)	Professor convidado de Psicologia Social e Experimental, aí lecionou até 1947		AC(50) 26 LF(71) 325 IP(75) 11 IP(88) 26 EB(89) 97
1945		Senai	Mira y Lopez	Ofereceu curso de Psicologia Aplicada ao Trabalho		PR(95) 92
1945	SP	Sociedade de Psicologia de São Paulo	Otto Klineberg e Anita Cabral (criadores)	Criação da referida instituição		PR(95) 104 IP(88) 26
1945	DF	Inep – RBEP	Betti Katzenstein	Artigo: "Observações do pré-escolar"		VG(96) 127
1945	DF	Inep – RBEP	Irene Lustosa	Artigo: "A criança de 7 anos através dos testes mentais aplicados em Belo Horizonte"		VG(96) 127
1945	DF	Inep – RBEP	Maria Alice M. Pessoa	Artigo: "Aplicação do teste ABC em crianças indígenas terenas e canuas de Mato Grosso"		VG(96) 127
1945	DF	Inep – RBEP	Heloisa Marinho	Artigo: "O vocabulário ativo na criança pré-escolar"		VG(96) 127
1945	DF	Inep – RBEP	Lourenço Filho	Artigo: "Orientação Educacional"		VG(96) 127

DATA	LOCAL	INSTITUIÇÃO	PERSONAGEM	OBRA/REALIZAÇÃO	COMENTÁRIOS	REFERÊNCIAS
1945	DF	Inep – RBEP	Manoel M. Carvalho	Artigo: "Orientação educacional e oportunidades de educação"		VG(96) 127
1945	DF	Inep – RBEP	Jacyr Maia	Artigo: "Orientação e nível mental"		VG(96) 127
1945	DF	Inep – RBEP	Adrian Rondileau	Artigo: "Orientação e problema das aptidões"		VG(96) 128
1945	DF	Inep – RBEP	Isabel J. Schmdt	Artigo: "A formação do orientador educacional"		VG(96) 128
1945	DF	Inep – RBEP	Emile Planchard	Artigo: "Dificuldades escolares e Pedagogia Clínica"		VG(96) 128
1945	DF	Inep – RBEP	Helena Antipoff	Artigo: "Dos perfis caracterológicos como elemento de educação democrática"		VG(96) 128
1945	DF	Inep – RBEP	Lourenço Filho	Artigo: "A Psicologia a serviço da organização"		VG(96) 128
1945	DF	Inep – RBEP	Ernesto Nelson	Artigo: "Necessidade do estudo da criança no lar e na escola"		VG(96) 128
1945	DF	Inep – RBEP	Betti Katzenstein	Artigo: "Concepção e expressão na criança"		VG(96) 128
1945	DF	Inep – RBEP	Gertrudes Driscoll	Artigo: "A conduta da criança na escola e como observá-la"		VG(96) 128
1945	DF	Inep – RBEP	Ofélia Boisson Cardoso	Artigo: "Alguns problemas de perturbação do caráter"		PO(44) 93 AC(50) 37 VG(96) 127
1945	DF	Instituto de Psicologia	Nilton Campos	Tese: *O método fenomenológico na Psicologia*	Tese de concurso para cátedra efetiva de Psicologia do Departamento de Filosofia da Faculdade Nacional; editada em 1945, mas defendida apenas em 1948	AG(92) 133, 134 LF(71) 340
1946				Foram criados vários cursos de especialização em Psicologia Aplicada		LF(71b) 151
1946	DF	Departamento Nacional da Criança – Ministério da Saúde	Helena Antipoff, Mira y Lopez e Reba Campbell (psiquiatra norte-americana, colaborou na formação de psicologistas clínicos)	Criação do Centro de Orientação Juvenil, com serviços de Psicologia Clínica		LF(71b) 146 LF(71) 326 PR(95) 102 SP(81) 267
1946	SP	Instituto de Administração da Faculdade de Ciências Econômicas da USP	Raul de Morais (líder), Jovino Macedo, Eugênia M. de Andrade, Dulce de Godói Alves, Zilá Wendel e Ivone Espíndola (colaboradores)	Foi instalado um Setor de Psicologia Aplicada, no qual foram realizadas pesquisas sobre processos de seleção		SP(79) 81) 265 LF(71) 321, 337
1946	DF	Ministério da Educação		Portaria n. 328, relativa a cursos de pós-graduação para especialização em Psicologia Educacional, Clínica e Aplicada ao Trabalho		LF(71b) 146
1946	DF		Mira y Lopez	Obra: *Psicologia Evolutiva da criança e do adolescente*		IP(75) 10 IP(88) 28 PR(95)97

DATA	LOCAL	INSTITUIÇÃO	PERSONAGEM	OBRA/REALIZAÇÃO	COMENTÁRIOS	REFERÊNCIAS
1946	MG	Escola de Filosofia (mais tarde federalizada)	Helena Antipoff (cátedra de Psicologia educacional) e Hermelindo Rodrigues e Flávio Neves (cátedra de Psicologia Geral)	Criação da referida instituição	Depois de 3 a 4 anos, Antipoff transferiu-se para o Rio de Janeiro, sendo substituída por Maria Angélica de Castro e, um ano depois, por Pedro Parafita Bessa	IP(75) 12 IP(88) 27
1946	SP	Universidade Católica de São Paulo		Criada a referida instituição	Em 1947 é elevada à condição de Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	PU(46) III
1946	SP – Cam-pinas	FFCL de Campinas – Universidade Católica de São Paulo	Maria José Peters (belga)	Professora de Psicologia Educacional e Orientação Profissional		AC(50) 37 PU(46) 182 SP(81) 267
1946	DF	Inep – RBEP	Betti Katzenstein	Artigo: "A margem de um congresso juvenil"		VG(96) 129
1946	DF	Inep – RBEP	João Carvalhaes	Artigo: "A Psicologia e o Trabalho"		VG(96) 129
1946	DF	Inep – RBEP	Paulo Sonnewend	Artigo: "O trabalho escolar por equipes"		VG(96) 129
1946	DF	Inep – RBEP	Maria A. Carbonell Grampone	Artigo: "Signos de inteligência no psicodiagnóstico miocinético de Mira"		VG(96) 129
1946	DF	Inep – RBEP	Walter Leser e Hélio Lourenço	Artigo: "Emprego de testes de escolaridade na Escola Paulista de Medicina"		VG(96) 129
1946	DF	Inep – RBEP	Margareth Hall	Artigo: "A importância do diagnóstico educacional"		VG(96) 129
1946	DF	Inep – RBEP	Maria I. L. da Costa	Artigo: "O valor do labirinto manual de Rey para avaliação da educabilidade"		VG(96) 129
1946	DF	Inep – RBEP	Ruth Gouvêa	Artigo: "Os jogos dirigidos na educação integral"		VG(96) 129
1946	DF	Inep – RBEP	Iza Goulart Macedo	Artigo: "Medidas de aproveitamento"		VG(96) 129
1946	DF	Inep– RBEP	Maria I. L. da Costa	Artigo: "Aplicação dos métodos psico-pedagógicos no estudo das fugas infantis"		VG(96) 129
1946	DF	Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas do Rio de Janeiro	Nilton Campos (professor) Carlos Sanches de Queiroz (assistente)	Lecionaram a disciplina Psicologia Social e Econômica	A referida faculdade, vinculada à Fundação Mauá, foi absorvida pela Universidade do Brasil nessa data	AG(92) 143
1946	DF	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Lourenço Filho, Nilton Campos e Carlos Sanches de Queiroz	Responsáveis pela cátedra de Psicologia Educacional	A cátedra sempre pertenceu a Lourenço Filho, tendo sido ocupada inteirinamente por Nilton Campos e Carlos Sanches de Queiroz, quando o primeiro dirigiu o Inep	AG(92) 144
1946	SP	Universidade Católica de São Paulo	D. Beda Kruse	Professor de Psicologia Educacional da FFCL de São Bento		PU(46) 164
1946	SP	Universidade Católica de São Paulo	Pe. José Dantí	Catedrático de Filosofia, Sociologia e Psicologia		PU(46) 170
1946	SP	Universidade Católica de São Paulo	Ana Maria M. de Morais, CR	Assistente da cadeira de Estatística Educacional, Psicologia Educacional e da Criança		PU(46) 171
1946	SP	Universidade Católica de São Paulo	Maria Helena Monteiro	Assistente da cadeira de Psicologia Educacional		PU(46) 171
1946	SP – Cam-pinas	FFCL de Campinas – Universidade Católica de São Paulo	René Penna Chaves	Catedrático de Psicologia		PU(46) 181

DATA	LOCAL	INSTITUIÇÃO	PERSONAGEM	OBRA/REALIZAÇÃO	COMENTÁRIOS	REFERÊNCIAS
1946	SP – Campinas	FFCL de Campinas – Universidade Católica de São Paulo	Ciro Prado	Catedrático de Psicologia Educacional		PU(46) 182
1946	SP – Campinas	FFCL de Campinas – Universidade Católica de São Paulo	Cesario Hossri	Assistente de Orientação Profissional		PU(46) 182
1946	SP – Campinas	Faculdade de Ciências Econômicas de Campinas – Universidade Católica de São Paulo	Luciano Prestes Perroni	Professor de Psicologia e Lógica		PU(46) 189
1946	DF	Ministério da Educação		Leis Orgânicas do Ensino	Extinção da obrigatoriedade do ensino da Psicologia no curso secundário, segundo a Reforma Francisco Campos; porém estabelece o ensino de Filosofia, em cujo programa aparecem rudimentos de Psicologia	LF(71) 327
1946	DF	Faculdade Nacional de Medicina	Maurício Campos de Medeiros (autor da iniciativa)	Obrigatoriedade de ensino de Psicologia Normal para o estudo de Clínica Psiquiátrica	Essa prática foi também adotada na Faculdade de Medicina de Recife	LF(71) 328
1946	SP			Criação do *Boletim da FFCL da USP*		LF(71) 331
1946	SP	USP		*Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras*, dedica os números 74 e 76 à Psicologia Educacional		LF(71) 331
1946 (por volta de)			Anibal Silveira e Durval Marcondes	Anibal Silveira teria afirmado num congresso no exterior que não havia trabalho em Psicologia no Brasil; Durval Marcondes rebateu		EB(89) 85
1947	DF	Instituto de Seleção e Orientação Profissional – Isop, da Fundação Getúlio Vargas – FGV	Mira y Lopez (diretor), Eurílalo Canabrava, Glória Quintela, Ofélia Boisson Cardoso, Dora de Barros Cullinan, Carmen Alonso, Ester França, Inês Besouchet, Cinira Menezes, Noemi S. Rudolfler, Leonilda Braga, Edviges Florence, José da Silveira Pontual, J. Andrade Sobrinho, Alfredo Oliveira Pereira, Francisco Campos, Fernando de Villemor Amaral (psicologistas que trabalharam na referida insitutição)	Criação do referido instituto. Possuía duas dezenas de técnicos e auxiliares, entre médicos, psicologistas e estatísticos. Era aberto ao público para exames de orientação educacional e profissional; realizava serviços de seleção para empresas e realizava os exames psicotécnicos de condutores de veículos do Rio de Janeiro, origem da exigência de exames psicotécnicos para motoristas.	Instituição de prestação de serviços aberta ao público. A Eurílalo Canabrava se devem os primeiros estudos, no país, de associação da lógica matemática à mensuração dos fatores psíquicos.	AC(50) 41 LF(71b) 146 IP(75) 10 SP(81) 265, 266 IP(88) 28 LF(71) 320, 325 PR(95) 98

DATA	LOCAL	INSTITUIÇÃO	PERSONAGEM	OBRA/REALIZAÇÃO	COMENTÁRIOS	REFERÊNCIAS
1947	SP	Sociedade de Psicologia de São Paulo		Registrados os estatutos da associação pouco antes criada		LF(71b) 146 LF(71) 331
1947	SP	USP	Anita Cabral (catedrática), Dante Moreira Leite, M. H. F. Steiner, Walther H. A. Cunha, Arno Engelmann, D. Marcondes, Silveira, M. de Lourdes O. Pavan, M. Margarida J. de Carvalho (pesquisadores que, ao longo do tempo, contribuíram com a cátedra)	Cabral assumiu a cátedra de Psicologia nos cursos de Filosofia e Ciências Sociais, sucedendo Otto Klineberg	Cabral foi aluna de Lourenço Filho; realizou estudos de aperfeiçoamento com Wertheimer, Koffka, Solomon e Kris; trabalhou com Noemi Silveira no Serviço de Psicologia Aplicada. A cátedra publicou o *Jornal Brasileiro de Psicologia.*	IP(75) 11 IP(88) 25, 26 EB(89) 64, 88, 96, 99 SP(81) 269
1947	DF	Inep – RBEP	Helena Antipoff	Artigo: "As duas atitudes"		VG(96) 130
1947	DF	Inep – RBEP	Tranquilo Bertamini	Artigo: "Orientações metodológicas da Psicologia Experimental da infância"		VG(96) 130
1947	DF	Inep – RBEP	Margareth Hall	Artigo: "Da clínica de leitura em um sistema escolar"		VG(96) 130
1947	DF	Inep – RBEP	Luiz Ciulla	Artigo: "Menores anormais de caráter"		VG(96) 130
1947	DF	Inep – RBEP	Maurício de Medeiros	Artigo: "Desajustamentos Infantil"		VG(96) 130
1947	DF	Inep – RBEP	Oscar Clark	Artigo: "Jardins de Infância"		VG(96) 130
1947	DF	Inep – RBEP	Margareth Hall	Artigo: "Clínica para defeitos da fala"		VG(96) 130
1947	DF	Inep – RBEP	Betti Katzenstein	Artigo: "Relações Humanas num congresso juvenil"		VG(96) 130
1947	DF	Inep – RBEP	Inezil P. Marinho	Artigo: "A Educação Física para portadores de defeitos físicos"		VG(96) 130
1947	DF	Inep – RBEP	Emile Planchard	Artigo: "Novas orientações no ensino universitário de Psicologia"		VG(96) 130
1947			Mira y Lopez	Obra: *El niño que no aprende*	Publicada em Buenos Aires	PR(95) 156
1947	DF			Publicação de *Psyké*; revista didática e científica de Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise; distribuiu vários números nesse ano e depois cessou		LF(71) 331
1947			I. da Cunha Lopes	Obra: *Antecedentes Históricos da Higiene Mental*		LF(71) 332
1947			H. Rorscharch	Edição francesa da obra indica, em apêndice, 13 títulos de pesquisas realizadas no Brasil		LF(71) 339
1948	MG	Faculdade de Filosofia	Pedro Paralita Bessa (catedrático de Psicologia)	Convida Mira y Lopez para dar curso de férias na instituição		IP(75) 12 IP(88) 27 SP(81) 263
1948	DF	Inep – RBEP	Maria I. L. da Costa	Artigo: "Complexos infantis"		VG(96) 130
1948	DF	Inep – RBEP	Roger Bastide	Artigo: "Educação dos educadores"		VG(96) 131 SP(81) 266
1948	DF	Inep – RBEP	Ana Rimoli de Faria Dória	Artigo: "Problemas da adolescência"		VG(96) 131

DATA	LOCAL	INSTITUIÇÃO	PERSONAGEM	OBRA/REALIZAÇÃO	COMENTÁRIOS	REFERÊNCIAS
1948	DF	Inep – RBEP	Murilo Braga	Artigo: "Validade e fidedignidade"		VG(96) 131
1948	DF	Inep – RBEP	Rui C. Costa	Artigo: "Quociente de inteligência de Stern ou constante pessoal de Heins"		VG(96) 131
1948	DF	Inep – RBEP	Lúcia M. Pinheiro	Artigo: "A homogeneização de classes na escola primária"		VG(96) 131
1948	DF	Inep – RBEP	Helena Antipoff	Artigo: "Teste de redação"		VG(96) 131
1948	DF	Inep – RBEP	Cinira Menezes	Artigo: "Psicodiagnóstico Miocinético"		VG(96) 132
1948			Mira y Lopez	Obra: *Como estudiar y como aprender*	Publicada em Buenos Aires	PR(95) 157
1949	DF	Associação Brasileira de Psicotécnica	Lourenço Filho (presidente por 3 gestões)	Criação da referida associação	Filiada à associação internacional de mesmo nome; mais tarde Associação Brasileira de Psicilogia Aplicada	LF(71b) 147 LF(71) 331 PR(95) 104
1949	DF	FGV		Criação do periódico trimestral *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*	Mais tarde, *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada* e *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. Nessa época, periódicos não exclusivamente da área publicam artigos sobre Psicologia: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, Idort, *Imprensa Médica, Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria, Revista do ensino, Revista Senac*	LF(71b) 146 LF(71) 331 PR(95) 102
1949	SP	Sociedade de Psicologia de São Paulo		Criação do periódico *Boletim de Psicologia*		LF(71) 331
1949	DF	Ministério da Guerra		Criação do Curso de Classificação de Pessoal, com programa de Psicologia Aplicada	Portaria n. 171/ 1949	LF(71b) 146
1949	MG	Serviço de Orientação e Seleção Profissional – Sosp	Pedro Parafita Bessa e Mira y Lopez (planejadores)	Criação da referida instituição	Ligada ao ISOP-FGV	IP(75) 12 IP(88) 27 PR(95) 101
1949	DF	Isop-FGV	Alfredo de Oliveira Pereira e Lourenço Filho	Dirigem o periódico *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*		PR(95) 102
1949		Senac	Leon Walther (criador), Pierre Weil, Maurício de Carvalho, Raul Lellis, Jacir Maia e Otacílio Rainho (colaboradores)	Instalados os Serviços de Psicotécnica		LF(71) 320, 323 SP(81) 265, 267

DATA	LOCAL	INSTITUIÇÃO	PERSONAGEM	OBRA/REALIZAÇÃO	COMENTÁRIOS	REFERÊNCIAS
1949	DF	ISOP-FGV	Isabel Adrados, Celso Arruda, Monique Augras, Francisco Campos, Leonilda Braga, Ester França e Silva, Eurídice Freitas, Lourenço Filho, Alice Mira, Eva Mick, Gloria Quintela, Athaide Ribeiro da Silva, Fany Tchaikowski, Maria Helena Novaes, Arrigo L. Angelini, Walter Barioni, Oswaldo de Barros Santos, Otavio Freitas Jr., Aniela Ginsberg, Elisa Dias Veloso, Fernanda Villemor do Amaral, J. Roberto Moreira, Jacir Maia, Betty Katzenstein, José Nava	Foram colaboradores nessa instituição	De 1964 até sua extinção, em 1990, presidiram a instituição: Athaide Ribeiro da Silva, Ruth Scheffer, Wedder Mondenezi Wanderlei e Franco Lo Presti Seminério	AC(50) 41 PR(95) 100, 105
1949	DF	Instituto de Psicologia	Antonio Gomes Penna	Obra: *Behaviorismo*	Obra realizada em homenagem a Nilton Campos	AP (97) 111
1949	DF	Inep – RBEP	Mauricio Medeiros	Artigo: "Aspectos da Psicologia Infantil"		VG(96) 132
1949	DF	Inep – RBEP	Maria I. L. da Costa	Artigo: "O diagnóstico psicológico das crianças difíceis"		VG(96) 132
1949	DF	Inep – RBEP	Ofelia Boisson Cardoso	Artigo: "O problema da repetência na escola primária"		VG(96) 132
1949	DF	Inep – RBEP	Otávio Martins	Artigo: "Análise fatorial do teste ABC"		VG(96) 132 LF(71) 337
1949	DF		Mira y Lopez	Padronização do teste PMK		PR(95) 135
1949			Mira y Lopez	Obra: *Quatro Gigantes da Alma*		PR(95) 145
1949			Mira y Lopez	Obra: *Psicologia Militar*		PR(95) 163
1949			Pierre Weil	Obra: *O Afetivo Diagnóstico*		LF(71) 337
1949			Pe. Paulo Siwek	Obra: *Psicologia Experimental*		LF(71) 338 SP(81) 267
1949			Alceu Amoroso Lima	Obra: *Idade, sexo e tempo: três aspectos da Psicologia Humana*	O autor e outros educadores católicos, como Everardo Backhewser e Teobaldo Miranda Santos têm trabalhado outros temas semelhantes	LF(71) 322, 338

DATA	LOCAL	INSTITUIÇÃO	PERSONAGEM	OBRA/REALIZAÇÃO	COMENTÁRIOS	REFERÊNCIAS
1950	SP	Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto		Criação de um departamento de Psicologia Médica	Compreendia o ensino de Psicologia, Psicanálise, Medicina Psicossomática e Higiene Mental	LF(71b) 147 LF(71) 328
1950	SP	Instituto de Psicologia da PUC-SP	Ana Maria (Belotti) Poppovic (pedagoga, com doutorado em Psicologia Clínica)	Trabalhou no referido instituto	Tentou estabelecer articulações efetivas entre Psicologia e Educação, procurando solucionar os problemas de ensino-aprendizagem na alfabetização, com base na teoria da marginalização cultural e com abordagem teórico-metodológica da Psicologia	AP(97) 17
1950	RS	Universidade do Rio Grande do Sul	Décio de Souza	Criação da cadeira de Psicologia no Curso de Medicina (por influência de Souza)		IP(75) 5
1950	RS		Décio de Souza	Empreendeu gestões para a criação da cadeira de Psicologia nos cursos de Medicina	O referido projeto foi apresentado por Marcondes Filho e recebeu parecer favorável de Mauricio de Medeiros	IP(75) 6
1950	SP	FFCL da USP	Dante Moreira Leite	Empreendeu análise psicológica de conteúdos de obras da literatura brasileira		AC(50) 6
1950	SP	FFCL da USP	Maria da Penha Pompeu de Toledo	Artigo: "Métodos de Análise de conteúdos"		AC(50) 6
1950			Arthur Ramos	Obra: *A criança problema*	Obra considerada como sendo de Psicologia Social	AC(50) 39 LF(71) 335
1950	SP	FFCL da USP	Carolina M. Bori	Artigo: "Distância Social"	Análise de atitudes de universitários paulistas	AC(50) 6, 46
1950	SP	União Estadual de Estudantes – UEE		Reivindicaram ampliação do Curso de Psicologia		EB(89) 98
1950	SP	Instituto de Psicologia da PUC-SP – IPUC-SP	Enzo Azzi (psicologista e médico; chefe do referido instituto)	Recentemente inaugurado, iniciou programa de pesquisas de grande significação	Possivelmente as melhores instalações; apresentava material atualizado e de qualidade	LF(71) 329 SP(81) 259, 266, 268
1950	SP	USP	Noemi S. Rudolfler (pela cátedra de Psicologia Educacional) e Anita Cabral (pela cátedra de Psicologia Geral)	Produção de pesquisas em Psicologia Diferencial e Social	Tinha melhores condições que o Instituto de Psicologia da Universidade do Brasil	LF(71) 329
1950	SP	USP		Periódico *Boletim*, da FFCL da USP, dedicou o número 119 à Psicologia Social		LF(71) 331
1950	DF	Inep – RBEP	Werner Kemper	Artigo: "Problema de anormalidade no desenvolvimento psíquico"		LF(71) 335 SP(81) 267
1950			Nilton Campos	Obra: *Psicologia da vida afetiva*	Publicação do Laboratório de Psicologia da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro	LF(71) 335
1950			Eurialo Canabrava	Obra: *Contribuição da lógica matemática à mensuração dos fatores psíquicos*		LF(71) 337
1950	SP	USP	Anita de C. e M. Cabral	Publicação de *A Psicologia no Brasil*		MA(91) 59, 191 nr. 216 LF(71) 331,332 AG(92) 14

DATA	LOCAL	INSTITUIÇÃO	PERSONAGEM	OBRA/REALIZAÇÃO	COMENTÁRIOS	REFERÊNCIAS
1950 (década)	SP	USP – FFCL		Criado um curso de bacharelado em Psicologia		LF(71) 338
1950 (década)	RS	Universidade do Rio Grande do Sul	Décio de Souza	Dedicação ao ensino, pesquisa e defesa da Psicologia	Foi discípulo de Wertheimer, Köhler, Solomon e Murphy	IP(88) 27
1950 (década)				Expressiva aplicação da Psicologia à capacitação de professores	Utilização de dinâmica de grupo, treinamento em observação de variáveis psicológicas intraclasse, métodos de instrução programada individualizada, desenvolvimento de habilidades e aplicação da Psicologia às questões relativas à alfabetização	AP(97) 27
1950 (década)	BR			Por essa época, expansão do ensino de Psicologia em diversos cursos superiores (Medicina, Administração, Sociologia e Política, Enfermagem, Serviço Social)		LF(71) 306
1950 (década)	SP, RJ, PE, BA, MG e RS			Criação de institutos de aplicação com alto cunho técnico		LF(71) 306
1950 (década)	BR	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC		Foram incluídos temas de Psicologia em suas reuniões anuais		LF(71) 306
1950 (década)	DF	Liga Brasileira de Higiene Mental	Henrique Roxo (presidiu a referida entidade); Adauto Botelho, Pedro Pernambucano Filho, Plínio Olinto, Heitor Carrilho, Raul Bittencourt, Neves Mauta, Júlio Paternostro (psiquiatras e psicologistas que fizeram parte de sua direção)			LF(71) 310
1950 (final da década)	SP e RS	USP, PUC-SP e Universidade do Rio Grande do Sul		Criados os primeiros cursos superiores exclusivamente para a formação de psicólogos		SP(81) 260
1951	DF	IPUC-SP		Criação do *Boletim do Instituto de Psicologia*		LF(71b) 147 LF(71) 331
1951	DF	Ministério da Marinha		Criação do Serviço de Seleção Psicotécnica Naval		LF(71b) 147
1951	Amsterdan – Holanda	Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo	Durval Marcondes (líder do grupo)	Em congresso em Amsterdam – Holanda, a referida sociedade é reconhecida		EB(89) 81
1951	DF	Inep – RBEP	Rui C. da Costa	Artigo: "Subsídios para a história do movimento da orientação profissional"		VG(96) 133

DATA	LOCAL	INSTITUIÇÃO	PERSONAGEM	OBRA/REALIZAÇÃO	COMENTÁRIOS	REFERÊNCIAS
1951	DF	Inep – RBEP	José Maltart	Artigo: "Aplicações da Psicologia: orientação escolar, orientação profissional, seleção escolar e formação profissional"		VG(96) 133
1951	DF	Inep – RBEP	Acrésio Cruz	Artigo: "Carência lúdica e escolarização"		VG(96) 133
1951	DF	Inep – RBEP	Lucia M. Pinheiro	Artigo: "Aplicações da Psicologia à educação"		VG(96) 133
1951	DF	Inep – RBEP	Mauricio Medeiros	Artigo: "O mundo imaginário das crianças"		VG(96) 133
1951	DF	Inep – RBEP	Rui C. da Costa	Artigo: "Da orientação profissional à orientação educacional"		VG(96) 133
1951	DF	Inep – RBEP	Murilo Braga	Artigo: "Seleção de pessoal; seus objetivos e seus problemas"		VG(96) 133
1951	DF	Inep – RBEP	Hilda Lozier	Artigo: "O problema da seleção de alunos para as escolas de enfermeiras"		VG(96) 133
1951	DF	Inep – RBEP	José Machado e Jason Ribeiro	Artigo: "Seleção e formação profissional de operadores de transporte coletivo"		VG(96) 133
1951	DF	Instituto de Psicologia	Nilton Campos	Monografia: *Fundamentals of the phenomenological attitude in Modern Psychology*	Monografia no. 1, Instituto de Psicologia, 1951	AG(92) 133
1951	DF	Instituto de Psicologia	Nilton Campos	Artigo: "O modelo mecanicista do behaviorismo de Watson"	Publicado no Anuário do Instituto de Psicologia da Universidade do Brasil	AG(92) 133
1951	DF	Instituto de Psicologia	Nilton Campos	Monografia: *La infinité de la méthode introspective dans la psychologie Moderne*	Monografia do Instituto de Psicologia, no. 8, 1951	AG(92) 133
1951	DF	Instituto de Psicologia	Nilton Campos	Artigo: "A teoria das estruturas isomórficas na Psicologia Fisiológica gestaltista"	Publicado no Anuário do Instituto de Psicologia	AG(92) 133
1951	DF	Instituto de Psicologia	Nilton Campos	Artigo: "A teoria binária da percepção"	Publicado no Anuário do Instituto de Psicologia	AG(92) 133
1951	DF	Instituto de Psicologia	Nilton Campos	Artigo: "A influência do pensamento de Dilthey na evolução da Psicologia como ciência autônoma"	Publicado no Anuário do Instituto de Psicologia	AG(92) 133
1951	DF	Instituto de Psicologia	Nilton Campos	Artigo: "O problema das relações entre a Neurologia e a Psicologia"	Publicado no Anuário do Instituto de Psicologia	AG(92) 133
1951			Mira y Lopez	Obra: *Problemas Atuais da Psicologia*		PR(95) 162
1951	SP – Piracicaba		João R. Arruda	Obra: *Compêndio de Psicologia*	Saraiva, 1951	SP(81) 273
1952		Centro Editor de Psicologia Aplicada – Cepa		Criação do referido centro	Similar a entidades do mesmo gênero nos EUA	LF(71b) 147
1952	SP	Centro Coordenador das Atividades de Orientação	Silvia Berquó Alambert (diretora)	Criação do referido centro, ao qual cabia a coordenação de diversas instituições de orientação profissional, dentre as quais, a CMTC		IP(75) 11
1952	DF	Inep – RBEP	Lourenço Filho	Artigo: "Estudo e avaliação dos níveis de maturação"		VG(96) 133
1952	DF	Instituto de Psicologia	Nilton Campos	Artigo: "O problema da existência da realidade transfenomenal"	Publicado no *Boletim do Instituto de Psicologia*, nos. 7 e 8, 1952; 11 e 12, 1953	AG(92) 133

DATA	LOCAL	INSTITUIÇÃO	PERSONAGEM	OBRA/REALIZAÇÃO	COMENTÁRIOS	REFERÊNCIAS
1952	BR	Conselho Nacional de Pesquisas		Concedeu a primeira bolsa para investigação no campo da Psicologia		LF(71) 306
1952	SP	IPUC-SP		Edição de um Boletim trimestral		LF(71) 331 SP(81) 269
1952			Maurício de Medeiros	Obra: *Aspectos da Psicologia Infantil*		LF(71) 334
1952			Iraci Doyle	Obra: *Introdução à Medicina Psicológica*	Médico, realiza estudos psicológicos	LF(71) 335 SP(81) 260
1952	SP	Sociedade de Rorscharch de São Paulo		Fundação da referida sociedade		LF(71) 339
1952			Arthur Ramos	Obra: *Introdução à Psicologia Social*		LF(71) 340 IP(75) 6
1953	PR		Gabriel Munhoz da Rocha (presidente)	I Congresso Brasileiro de Psicologia	Do Paraná, são citados também: Eny Caldeira e Erasmo Piloto, da Escola Normal do Paraná	LF(71b) 147 LF(71) 330, 331 SP(81) 263
1953	DF	Associação Brasileira de Psicotécnica		Entregou ao Ministério da Educação um memorial e um esboço de anteprojeto de lei relativo à formação de psicologistas e à regulamentação da profissão		LF(71b) 147 LF(71) 331
1953	DF	Universidade do Brasil	Antonio Gomes Penna	Artigo no *Boletim de Psicologia*, no. 22, criticando o operacionismo		IP(75) 6
1953	SP		Joel Martins	Escreve a primeira tese experimental, behaviorista, no campo da neurose experimental		IP(75) 12
1953	SP	Faculdade de Filosofia Sedes Sapientiae – Clínica Psicológica da PUC-SP	Célia Sodré Dória (Madre Cristina / catedrática de Psicologia Educacional) e Haim Grunspun	Criação do Curso de Psicologia Clínica e da Clínica Psicológica; o curso tinha duração de 3 anos e destinava-se a alunos formados em Filosofia e Pedagogia	Madre Cristina e Haim Grunspun orientavam o trabalho desenvolvido na referida clínica	IP(75) 13 LF(71) 329
1953	SP	Sociedade Pestalozzi de São Paulo	Ana Maria Poppovic	Organizou e fundou a referida sociedade, junto com outros educadores	Também colaboraram: Madre Cristina Sodré Dória, Helena Antipoff e Enzo Azzi	AP(97) 49 nr
1953	DF	Inep – RBEP	Esther L. Jones	Artigo: "A orientação como ensino em profundidade"		VG(96) 133
1953	DF	Instituto de Psicologia	Nilton Campos	Artigo: "Natureza dos constructos hipotéticos neurológicos utilizados na Psicologia Científica"	Publicado no *Boletim do Instituto de Psicologia*, nos. 7 e 8, 1953	AG(92) 133
1953	DF	Instituto de Psicologia	Nilton Campos	Artigo: "Diferença entre descrição e explicação no estudo da Psicologia"	Publicado no *Boletim de Psicologia*, nos. 11 e 12, 1953	AG(92) 133
1953			Mira y Lopez (org.)	Obra: *Manual de Psicotécnica*		PR(95) 149
1953	SP	Ed. Melhoramentos	Lourenço Filho	Traduz: *Psicologia do Trabalho Industrial*, de Léon Walther		AB(71) 154
1953	SP	USP	Arrigo Leonardo Angelini	Padronizou listas de palavras sem sentido; conduziu e publicou pesquisas experimentais sobre aprendizagem verbal		SP(81) 256
1953	DF	Instituto de Psicologia e Aeronáutica	Antonio Gomes Penna	Criação da cadeira de Psicologia	Nilton Campos deveria assumir a cadeira, mas estando doente, Penna assumiu as aulas; relacionado a esse trabalho, é publicado o *Manual de Psicologia Aplicada*	AG(92) 112, 113, 114

DATA	LOCAL	INSTITUIÇÃO	PERSONAGEM	OBRA/REALIZAÇÃO	COMENTÁRIOS	REFERÊNCIAS
1953			Mira y Lopez	Obra: *Um ensaio de orto-psiquiatria no Brasil*		LF(71) 337
1953	SP			Simpósio das Faculdades de Filosofia do país	Proposição de criação, nestas faculdades, de cursos específicos de bacharelado, licenciatura e pós-graduação em Psicologia	LF(71) 338
1953			Cícero Cristiano de Souza	Obra: *O método de Rorscharch*	O autor selecionou 15 títulos de obras publicadas no Brasil sobre o assunto	LF(71) 339
1953			Leão Bruno	Indicou, nesse ano, 25 estudos sobre Rorscharch publicados no Brasil		LF(71) 339
1953			Otto Klineberg (coord.), Anita Cabral, Frank Philips, Anibal Silveira, Paulo Sawaia, Cícero Cristiano de Souza, Durval Marcondes, Aniela Ginsberg, Maria de Lourdes Viegas, Osvaldo de Barros Santos, J. B. Sales e Silva, J. Machado de Melo Junior, Lourenço Filho, Betti Katzenstein, Virgínia L. Bicudo, Almeida Jr., Herbert Baldus, Mario Wagner Vieira da Cunha e Raquel Vieira da Cunha	Obra: *Psicologia Moderna*	A obra oferece panorama do nível que a Psicologia atingiu no país; demonstra a passagem da influência européia para a norte-americana	LF(71) 339, 330 SP(81) 267
1953	SP		Joel Martins	Início de pesquisa sobre comportamento animal, sendo o mais extenso um trabalho do referido autor	Data referente à publicação da obra que faz a referência: Klineberg, O. *Psicologia Moderna*, R.J., Agir, 1953	LF(71) 329, 339
1954	SP	Associação Brasileira de Psicólogos		Fundação da referida associação		LF(71b) 147 IP(88) 27 PR(95) 105
1954	PE	Senac – Pernambuco	Paulo Rosas	Personagem foi psicotécnico da referida instituição		PR(95) 8
1954	DF	Faculdade Nacional de Medicina	Mauricio de Medeiros	Assumiu a cátedra de Psicologia		IP(75) 6
1954	SP	USP	Arrigo Angelini	Assumiu a cátedra de Psicologia no curso de Pedagogia, sucedendo Noemi Silveira		IP(75) 11
1954	DF	Arquivo Brasileiro de Psicotécnica		Publicou um anteprojeto de lei sobre formação e regulamentação da profissão de psicologista		IP(75) 12 IP(88) 27
1954	DF	Associação Brasileira de Psicologia		Fundação da referida associação		IP(75) 12

DATA	LOCAL	INSTITUIÇÃO	PERSONAGEM	OBRA/REALIZAÇÃO	COMENTÁRIOS	REFERÊNCIAS
1954	SP	Abrigo Social de Menores da Secretaria de Bem Estar Social do Município de São Paulo	Ana Maria Poppovic	Trabalhou com "crianças abandonadas"	Formou-se aí uma equipe de técnicos, cabendo aos psicólogos fazer psicodiagnóstico e colaborar no planejamento educacional	AP(97) 50
1954	SP	Clínica Psicológica da Sociedade Pestalozzi de São Paulo	Ana Maria Poppovic (fundadora e diretora por 4 anos)	Criação da referida clínica		AP(97) 49, 50
1954	RS	PUC de Porto Alegre		Início de curso de Psicologia		PR(95) 105
1954	DF	Inep – RBEP	Lúcia M. Pinheiro	Artigo: "Contribuições do cinema à Psicologia e, em particular, a Psicologia da criança"		VG(96) 134
1954	DF	Instituto de Psicologia	Nilton Campos	Artigo: "Antecedentes filosóficos do isomorfismo gestaltista"	Publicado no *Boletim do Instituto de Psicologia*, nos. 3 e 4, 1954	AG(92) 133
1954	SP			Cisão entre psicologistas e educadores sanitários	Debate que foi até 1956, envolvendo a Assembléia Legislativa	EB(89) 66, 67
1954	SP	USP	Arrigo Leonardo Angelini	Produziu pesquisas em Psicologia da Educação		SP(81) 256
1954	SP – Lorena	Faculdade de Filosofia de Lorena	Pe. João Modesto (diretor do laboratório)	Inauguração de um laboratório de Psicologia Experimental		LF(71) 322
1955	SP		Cícero Cristiano de Souza	Trabalho sobre resultados da aplicação do psicodiagnóstico de Rorscharch em gêmeos		IP(75) 11
1955	SP	USP	José Severo de Camargo Pereira	Escreve a segunda tese expererimental na USP	Estudo realiza uma replicação, com ratos brancos, do famoso estudo de Köhler sobre percepção de relações entre estímulos visuais	IP(75) 11, 12
1955	DF	Inep – RBEP	Otávio Martins	Artigo: "Sobre a apresentação de informações técnicas referentes à precisão e validade dos instrumentos de medida psicológicos"		VG(96) 134
1955	DF	Inep – RBEP	Ofelia Boisson Cardoso	Artigo: "Alguns problemas do ensino da linguagem"		VG(96) 134
1955	DF	Instituto de Psicologia	Nilton Campos	Artigo: "Limitações das teorias naturalistas da personalidade humana"	Publicado no *Boletim do Instituto de Psicologia*, nos. 1 e 2, 1955	AG(92) 133
1955	DF	Instituto de Psicologia	Nilton Campos	Artigo: "Algumas considerações sobre a psicologia científica do pensamento"	Publicado no *Boletim do Instituto de Psicologia*, nos. 9 e 10, 1955	AG(92) 133
1955			Mira y Lopez	Obra: *Psicologia Experimental*		PR(95) 148
1955	DF			I Seminário Latino-Americano de Psicotécnica		LF(71b) LF(71) 330,331 PR(95) 105
1955	SP	USP	Arrigo Leonardo Angelini	Produziu pesquisas sobre motivação humana		SP(81) 256
1956	BR	Centros Regionais de Pesquisas Educacionais – CRPE	Fernando de Azevedo	Criação dos referidos centros		AP(97) 20

DATA	LOCAL	INSTITUIÇÃO	PERSONAGEM	OBRA/REALIZAÇÃO	COMENTÁRIOS	REFERÊNCIAS
1956	SP	Prefeitura do Município de São Paulo		Criação de Clínicas Psicológicas	Ligadas inicialmente à seção técnico-educacional do Departamento de Educação, Assistência e Recreio da Secretaria Municipal de Educação; a partir de 1967 ao Departamento de Assistência ao Escolar – DAE	MP(84) 75
1956	DF	Inep – RBEP	Riva Bauzer	Artigo: "Caminhos que levam à aprendizagem"		VG(96) 134
1956	DF	Instituto de Psicologia	Nilton Campos	Artigo: "Sigmund Freud"	Publicado no *Boletim do Instituto de Psicologia*, nos. 5 e 6, 1956	AG(92) 133
1956			Mira y Lopez	Obra: *Roteiro de Saúde Mental*		PR(95) 160
1957		Associação Brasileira de Psicotécnica		Renovação do memorial de 1953 junto ao Ministério da Educação	Nesse mesmo ano, o Conselho Nacional de Educação apreciou o documento e deu parecer favorável	LF(71b) 147
1957	SP	IPUC-SP	N. C. Pires, S. Letaif, M.. Queiroz, A.M. Poppovic, T. Van Kolck, Y. Galeotti, M. Neder, L. C. Bonilha, M. F. F. S. Beirão, M. I. L. Siqueira, L. Bretones, J. Martins, J. A. Gaiarsa, M. Farkas, R. M. S. Macedo, S. T. M. Lane, N. A. Solitto (colaboradores)	Publicadoção do primeiro número da *Revista de Psicologia Normal e Patológica*	O artigo em referência [LF] comete um erro ao referir-se ao Instituto como pertencente à USP	LF(71b) 147 LF(71) 331 SP(81) 268, 269
1957	MG	Universidade Católica de Minas Gerais	Pedro Parafita Bessa	Organizou o Curso de Orientação Educacional		IP(75) 12
1957	SP		Ana Maria Poppovic	Publicou seus dois primeiros artigos: "Considerações sobre a Ludoterapia: evolução de dois casos" e "Subsídios para um plano nacional de combate à deficiência mental"		AP(97) 50
1957	SP	Faculdade de Filosofia Sedes Sapientiae	Ana Maria Poppovic	Obteve título de especialista em Psicologia Clínica por essa instituição		AP(97) 50
1957	SP	Polícia Militar de São Paulo		Criação do Serviço de Psicotécnica		PR(95) 102
1957	DF	Inep – RBEP	André Rey	Artigo: "Da seleção psicológica dos candidatos ao ensino primário"		VG(96) 134
1957	DF	Inep – RBEP	Rui C. da Costa	Artigo: "Pode a mensuração fazer-se por meio de testes psicológicos?"		VG(96) 135
1957	DF	Inep – RBEP	Anisio Teixeira	Artigo: "Ciência e arte de educar"		VG(96) 135

DATA	LOCAL	INSTITUIÇÃO	PERSONAGEM	OBRA/REALIZAÇÃO	COMENTÁRIOS	REFERÊNCIAS
1958	BR			Poder Executivo envia ao Congresso Nacional a mensagem n. 47, relativa ao anteprojeto de lei de formação de psicologistas e regulamentação profissional		LF(71b) 147
1958	SP e RS	Universidades de São Paulo e do Rio Grande do Sul		Ensaiam cursos básicos de formação em Psicologia		LF(71b) 147
1958	MG	Universidade Católica de Minas Gerais	Pedro Parafita Bessa (organizador)	Instituído o Curso de Psicologia		IP(75) 12
1958	SP	Idort	Ana Maria Poppovic	Psicóloga na Seção de Orientação Vocacional do referido instituto		AP(97) 50
1958	SP	IPUC-SP	Ana Maria Poppovic	Convidada por Enzo Azzi para instalar a Clínica Psicológica do referido instituto e assumir sua direção	Poppovic cuidou da organização da clínica, desde a reforma do prédio até a obtenção e construção de aparelhos	AP(97) 50
1958	SP	USP	Anita Cabral, Cícero Cristiano de Souza, Aníbal Silveira e Durval Marcondes	Criação do Curso de Especialização em Psicologia Clínica da cadeira de Psicologia da FFCL		EB(89) 62
1958		Inep – Escola Guatemala		Criação do Serviço de Orientação Psicopedagógica da referida escola	A referida escola foi criada como escola primária experimental do Inep	MP(84) 75
1958	SP	USP	Anita Cabral	Montou o Curso de Especialização em Psicologia Clínica na cadeira de Psicologia		EB(89) 102
1958	DF	Inep – RBEP	Juraci Silveira	Artigo: "Considerações em torno do ensino da linguagem na escola primária"		VG(96) 135
1958	DF	Inep – RBEP	Elisa Dias Veloso	Artigo: "Problemas de ajustamento à escola"		VG(96) 135
1958	DF	Instituto de Psicologia	Nilton Campos	Aula Inaugural: Humanismo e Economia	Publicado no *Boletim do Instituto de Psicologia*, nos. 3 e 4, 1958	AG(92) 133
1958	DF	Instituto de Psicologia	Nilton Campos	Artigo: "Importância e significado da análise fenomenológica no estudo das ciências"	Publicado no *Boletim do Instituto de Psicologia*, nos. 7 e 8, 1958	AG(92) 133, 134
1959		Seção de Psicotécnica do Senac		Publicado o volume *Pesquisa sobre nível mental da população brasileira*		LF(71b) 148
1959	DF	Sociedade Interamericana de Psicologia	Mira y Lopez (secretário geral)	VI Congresso Interamericano de Psicologia	Evento realizado com a colaboração da Associação Brasileira de Psicologia Aplicada	LF(71b) 147 PR(95) 105
1959	SP	IPUC-SP	Ana Maria Poppovic (diretora)	Inaugurada a Clínica Psicológica do Instituto de Psicologia da PUC-SP	A clínica foi pioneira no atendimento aberto ao público e primeiro centro especializado no diagnóstico e tratamento da Disfunção Cerebral Mínima.	AP(97) 50
1959	SP	Faculdade São Bento	Enzo Azzi, Aniela Ginsberg, Ana Maria Poppovic e Aidyl Ramos	Organizaram os cursos de especialização em Psicologia Clínica, Psicologia da Educação e Psicologia do Trabalho	Os cursos tinham 2 anos de duração e 1 semestre de estágio supervisionado	AP(97) 51
1959	SP	IPUC-SP – Clínica Psicológica	Ana Maria Poppovic e Rosa Macedo	Planejaram o uso de espelho na clínica como recurso de ensino, até então só existente nos EUA		AP(97) 50, 51
1959	BA	Idov	Mira y Lopez (colaborador)	Criação da referida instituição		PR(95) 102
1959	RS	Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul		Criação da referida instituição		PR(95) 105

DATA	LOCAL	INSTITUIÇÃO	PERSONAGEM	OBRA/REALIZAÇÃO	COMENTÁRIOS	REFERÊNCIAS
1959	SP		Paulo Fraletti	Um dos psiquiatras do movimento contra a criação do Curso de Psicologia		EB(89) 121
1959	DF	Inep – RBEP	Osvaldo de Barros Santos	Artigo: "Da orientação educacional e profissional à 'counseling psychology'"		VG(96) 135
1959	DF	Inep – RBEP	Heloísa Marinho	Artigo: "Da influência do jardim de infância na promoção da 1ª série"		VG(96) 135
1959	DF	Inep – RBEP	Pierrre Weil	Artigo: "A educação em face da pesquisa nacional sobre o nível mental"		VG(96) 135
1959	DF	Inep – RBEP	Lourenço Filho	Artigo: "Aspectos da educação pré-primária"		VG(96) 135
1959	DF	Instituto de Psicologia	Nilton Campos	Artigo: "Filosofia e Ciência Positiva"	Publicado no *Boletim do Instituto de Psicologia*, nos. 1 e 2, 1959	AG(92) 134
1960	BR	Associação Brasileira de Psicologia Aplicada, Sociedade de Psicologia de São Paulo e Associação Brasileira de Psicólogos		Comissões das referidas associações reúnem-se para exame de um substitutivo ao projeto em tramitação sobre formação de psicólogos na Câmara dos Deputados		LF(71b) 148
1960		FGV (editora) e Sociedade Interamericana de Psicologia		Publicação dos Anais do VI Congresso Interamericano de Psicologia	Volume de 812 páginas	LF(71b) 148
1960 (década)	SP	USP	Fred Keller	Lecionou no Curso de Psicologia	Introduziu a Análise Experimental do Comportamento	IP(75) 13 IP(88) 28
1960 (década)	SP	USP	Durval Marcondes	Lecionou Psicanálise		IP(75) 13 IP(88) 28
1960 (década)	SP	USP	Anibal Silveira	Lecionou Psicodiagnóstico de Rorscharch		IP(75) 13 IP(88) 28
1960	SP	Faculdade São Bento – Curso de Especialização em Psicologia Clínica	Ana Maria Poppovic	Até 1964, Poppovic foi responsável pelas disciplinas: Técnicas do Exame Psicológico e Estudo de Casos		AP(97) 51
1960 (década)			Líderes católicos como Alceu de Amoroso Lima, ou educadores católicos como Everardo Backheuser e Teobaldo Miranda Santos	Escreveram sobre Psicologia Educacional ou compilaram obras para sua divulgação	(considerada a data em que o artigo-referência foi publicado, devido à expressão "...têm versado...")	LF(71) 322
1960 (década)	SP – Campinas	Faculdade Católica de Filosofia de Campinas	Marie Joseph Peters (belga; doutorada em Louvain – Bélgica)	Dirigiu o ensino de Psicologia nessa instituição		LF(71) 325
1960 (até esta década)	BR			RBEP, Arquivos Brasileiros de Higiene Mental, Idort, Imprensa Médica, Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria, Anais da Colônia, *Revista do Ensino*, *Revista do Senac*	Periódicos que não são especificamente de Psicologia e que publicaram artigos sobre a área	LF(71) 331
1961	RJ	Inep – RBEP	José F. G. Sobrinho	Artigo: "A dinâmica da aprendizagem"		VG(96) 135
1961			Mira y Lopez	Obra: *Psicologia do Planejamento*		PR(95) 150
1961			Mira y Lopez	Obra: *Factores psicologicos de la productividad*	Publicada em Buenos Aires	PR(95) 150
1961	SP	Sociedade de Psicologia de São Paulo	Samuel Pfromm Netto	Foi membro da diretoria da referida sociedade (1961-1962)		SP(81) 256

DATA	LOCAL	INSTITUIÇÃO	PERSONAGEM	OBRA/REALIZAÇÃO	COMENTÁRIOS	REFERÊNCIAS
1962	BR	Conselho Federal de Educação		Publicação da lei 4119 de 27 de agosto deste ano, com a emenda: "dispõe sobre os cursos de formação em Psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo"; fixa o currículo mínimo do curso	Na lei foram previstas três modalidades de cursos nas Faculdades de Filosofia: bacharel, licenciado em Psicologia e psicólogo, com a duração de 3, 4 e 5 anos; é fixado o currículo mínimo	LF(71b) 148,149, 150 IP(75) 13
1962	BR			Foram criados 3 cursos de formação em Psicologia		LF(71b) 151
1962	SP	IPUC-SP	Ana Maria Poppovic	Passou a diretora do Departamento de Psicologia Aplicada à Educação, no qual funcionavam as seguintes seções: provas objetivas e medidas escolares, orientação psicopedagógica, pedagogia terapêutica, ginástica terapêutica e terapia ocupacional	Permaneceu nessa função até 1971, quando se desvinculou da universidade	AP(97) 51-nr
1962	BR	Ministério da Educação	Lourenço Filho (presidente), Pe. Antonio Benko, Carolina M. Bori, Enzo Azzi (depois substituído por Arrigo Angelini), Pedro Parafita Bessa (membros designados)	Portaria n. 227; designou comissão de professores de Psicologia e de especialistas em Psicologia Aplicada para apreciação de documentos dos candidatos ao registro profissional	A comissão não iniciou seus trabalhos, pois faltavam atos complementares da lei	LF(71b) 150
1962	SP	USP – Congregação da Faculdade de Filosofia		Estabeleceu o currículo pleno do Curso de Psicologia, incluindo disciplinas para as quais autorizava-se a contratação de professores estrangeiros		IP(75) 13
1962	SP – Rio Claro	Faculdade de Rio Claro		Realizada a primeira experiência brasileira de ensino programado e um dos primeiros experimentos em Análise Comportamental no país, sobre aprendizagem de discriminação em abelhas	Trabalho apresentado da Reunião Anual da SBPC, em Curitiba, 1962	IP(75) 13
1962	PR	SBPC	Dora Fix Ventura	Apresentação de trabalho sobre esquemas de reforçamento na Reunião Anual da referida associação		IP(75) 13
1962	SP	Faculdade São Bento	Ana Maria Poppovic (participa do referido processo)	Com a regulamentação da profissão de psicólogo, a referida instituição elabora seu curso de graduação em Psicologia		AP(97) 51 nr
1962	RJ	Inep – RBEP	Lourenço Filho	Artigo: "Os jardins de infância e a organização escolar"		VG(96) 136
1962			Mira y Lopez	Obra: *La mente enferma*	Publicada em Buenos Aires	PR(95) 162
1963	SP – Campinas	Associação Brasileira de Psicólogos e Sociedade de Psicologia de São Paulo		Simpósio que apreciou as funções do psicólogo e do currículo adotado; também foi discutida a situação da pesquisa na área e a existência de professores brasileiros para os cursos de formação	Este material está publicado em *Boletim de Psicologia*, números de 1964 e 1965, reunidos num só volume de 1966	LF(71b) 150
1963	BR	Comissão – registro profissional		Recebeu 1511 pedidos de registro profissional		LF(71b) 151

DATA	LOCAL	INSTITUIÇÃO	PERSONAGEM	OBRA/REALIZAÇÃO	COMENTÁRIOS	REFERÊNCIAS
1963	BR	Ministério da Educação	Lourenço Filho (presidente), Pe. Antonio Benko, Carolina M. Bori, Pedro Parafita Bessa e Arrigo Leonardo Angelini	Nova portaria, que satisfez necessidades legais para início dos trabalhos da comissão para exame de documentos dos candidatos ao registro profissional	Enzo Azzi foi substituído por Arrigo Leonardo Angelini; a comissão encerrou seus trabalhos 3 anos depois	LF(71b) 150
1963	MG	Universidade Federal de Minas Gerais	Pedro Parafita Bessa	Criado o Curso de Psicologia	Desde 1961, Bessa lutara para a criação do referido curso	IP(75) 12
1964	BR	Comissão – registro profissional		Recebeu mais de 500 pedidos		LF(71b) 151
1964	DF	Universidade de Brasília	Fred Keller, Carolina Bori (coordenadora do curso de 1963 a 1965), Rodolfo Azzi e J. G. Sherman	Instalado o Departamento de Psicologia, com um currículo avançado e com bom treinamento experimental	O Curso de Psicologia fazia parte do Instituto Central de Biologia. Em 1965, o departamento dissolveu-se e mais de 200 docentes da universidadde pediram demissão no mesmo dia	IP(75) 13
1965	SP	Sociedade de Psicologia de São Paulo		Publicação de coletânea de estudos e pesquisas sobre o desenvolvimento da Psicologia no Brasil (vol. XXVI, no. 69)		SP(81) 270
1969	BR			Reaberto por mais 60 dias o prazo para novas petições de registro profissional		LF(71b) 151
1969 (até este ano, data do artigo-referência)	BR	Isop – FGV; Sosp – SENAC; Serviço de Seleção e Orientação do Senac; Serviço de Orientação do Instituto de Educação de Belo Horizonte; Inep; CRPE de São Paulo; Instituto de Pesquisas Educacionais do Distrito Federal; CRPE do Rio Grande do Sul; Setor de Orientação Pré-Vocacional e Encaminhamento ao Trabalho do Departamento de Educação Primária do Distrito Federal; Centro de Orientação Maternal da Pró-Matre da Bahia; Instituto de Preservação e Reforma da Bahia; Setor de Ortofrenia do Instituto de Pesquisas Pedagógicas do Distrito Federal; Centro de Orientação Infantil do Departamento Nacional da Criança; Cruzada Pró-Infância de São Paulo; Clínica Infantil do Serviço de Inspeção Médica de São Paulo		Instituições não-universitárias que realizaram pesquisas em Psicologia		LF(71) 338, 339

Desenvolvimento emocional primitivo. Uma metáfora para a construção da clínica winnicottiana

Maria Laurinda Ribeiro de Souza*

RESUMO. Este texto descreve os processos iniciais do desenvolvimento infantil e sua inter-relação necessária com o meio ambiente, segundo a teoria Winnicottiana. É feita uma transposição desses processos para a situação analítica, considerando-se sua manifestação na transferência e o *timing* das interpretações. Dá-se um destaque especial para o uso do objeto, para os objetos e fenômenos transicionais e para as situações de jogo.

Palavras-chave: desenvolvimento emocional primitivo, transferência, interpretação, objetos transicionais.

ABSTRACT. This article describes the initial processes of infant development and their necessary interdependency on environment, according to the Winnicott Theory. Analysing their manifestations in the transference and the timing of the interpretations, a transportation of these processes to the analytical situation is done. A special emphasis is place on the use of the object, on the objects and the transitional phenomena, and on playing situations.

Key-words: primitive emotional development, transference, interpretation, transitional objects.

Uma criança de 7 anos passeava com sua mãe quando lhe perguntou: "Mãe, se eu morrer, o mundo desaparece?". A mãe a olhou intrigada e antes que pudesse responder qualquer coisa a criança continuou: "Não, acho que não, o mundo continua". A mãe identificou um sofrimento nessas indagações... E a criança acrescentou: "Ah! Mas enquanto eu viver o mundo existe e eu quero viver junto com o mundo".

Este diálogo nos aproxima daquilo que Winnicott descreve com relação ao desenvolvimento emocional primitivo – uma caminhada, como a que faz esta criança, da ilusão para a desilusão. Ilusão que faz com que o bebê, se tudo correr bem, possa acreditar que o mundo existe porque ele o criou e que, portanto, sua existência e a do mundo são uma coisa só. Ilusão possibilitada por um cuidado materno suficientemente bom, pelo atendimento às necessidades que, gradativamente, deixa de ser total para poder incluir a frustração e, progressivamente, a desilusão: o mundo existe independentemente da criação que o bebê faz dele e – experiência nada fácil de ser assimilada – o bebê perde sobre ele seu controle onipotente.

É verdade que este processo que em termos cronológicos é curto tem uma enorme complexidade e muito tem que ser constituído até que a desilusão possa ter significado.

* Psicanalista. Professora do Curso de Psicanálise do Instituto "Sedes Sapientiae". E-mail: mlrsouza@uol.com.br

Quando Winnicott, apoiado em sua experiência de pediatra, afirma que não existe tal coisa como um bebê, o que ele coloca em relevo é a dependência absoluta que marca os momentos iniciais da vida em que, sem o ambiente, sem a mãe, ou qualquer pessoa que possa cumprir essa função, o bebê não sobrevive. Paradoxalmente, dirá que este é também o momento de maior independência. Independência absoluta porque o bebê não tem o menor registro desta dependência e porque, se o mundo é efeito de sua criação, o bebê tem sobre ele absoluto controle. Neste momento, qualquer fracasso repetido do meio ambiente pode ter sérias conseqüências. Não se trata de experiências de frustração mas algo muito mais severo – trata-se de privações. A origem de distúrbios psíquicos graves e da psicose será pensada a partir dessas privações precoces.

Da dependência absoluta o bebê caminha para a independência relativa. Relativa, porque, em verdade, nunca somos totalmente independentes. É neste momento que ele, já agora apoiado nas avaliações do próprio ego, nas experiências do *self*, pode vislumbrar a intensidade de sua dependência no estágio anterior – quando sua possibilidade de sobrevivência estava nas mãos de um outro. São os restos dessas experiências que deixam, em todos nós, um certo temor à dependência. Agora, o bebê já é capaz de suportar frustrações, de esperar, por um certo tempo, a aproximação do objeto desejado.

Esses momentos iniciais da vida humana podem ser descritos de várias formas, privilegiando um ou outro aspecto da teoria psicanalítica. Em Freud, podemos, por exemplo, falar em termos do desenvolvimento da libido (fase oral, anal, fálica, genital) ou em termos objetais (auto-erotismo, narcisismo, escolha de objeto). Em Melanie Klein podemos falar em termos da organização das defesas contra a angústia (posição esquizo-paranóide ou posição depressiva). Winnicott não desconsidera essas abordagens, mas privilegiará, com bastante ênfase, a importância do meio ambiente como condição necessária para a existência psíquica.

Processos iniciais

No início, diz-nos Winnicott, a unidade é o indivíduo e o seu meio ambiente. Imerso nesse meio ambiente do qual não se diferencia, o bebê, logo nas primeiras horas, inicia os processos de integração, personalização e realização. Aos poucos, com a continuidade dos cuidados que recebe e como resultado das experiências pulsionais, se não ocorrerem muitas invasões, seu *self* ganha existência, o bebê se constitui como um ser, a mente se localiza no corpo e os objetos ganham dimensão de realidade externa.

Com relação ao objeto, há também um percurso: do objeto subjetivo ao objeto objetivamente percebido, ou objeto compartilhado. Compartilhado, porque é sempre de uma realidade partilhada que se trata, já que os aspectos singula-

res, subjetivos, continuam presentes. Quando o objeto é subjetivo, não há discriminação entre o bebê e o mundo. Neste momento, a comunicação é silenciosa. Pode-se dizer que o lactente se comunica simplesmente por continuar a existir e por se desenvolver de acordo com suas características pessoais. Quando o objeto se torna objetivo, a comunicação tem um sentido mais ativo podendo ser explícita ou muda. Em verdade, é neste momento que Winnicot considera como mais apropriado que se fale de comunicação ou de seu oposto – a não-comunicação.

Para Winnicott embora haja uma modificação na forma de apreensão dos objetos e uma conseqüente alteração na relação que se estabelece com eles, há um núcleo do *self* – que ele denomina verdadeiro *self* – que permanece isolado. Isto o leva à afirmação de que a comunicação e o relacionamento significativos são silenciosos.

> Embora as pessoas normais se comuniquem e apreciem se comunicar, o outro fato é igualmente verdadeiro, que cada indivíduo é isolado, permanentemente sem se comunicar, permanentemente desconhecido, na realidade nunca encontrado. (Winnicott, 1963, p. 170)

Falhas no ambiente podem acentuar a cisão no *self* e a instalação de um padrão dissociado na comunicação com os objetos. De um lado uma comunicação submissa em que o falso *self* responde "normoticamente"[1] (Bollas, 1987, p. 169) às solicitações que lhe são endereçadas e, de outro, uma comunicação silenciosa que permanece oculta e dificilmente influenciável pelo mundo objetivamente percebido.

> As pessoas podem estar vivendo satisfatoriamente e realizando trabalhos que sejam até de valor excepcional e, no entanto, podem ser esquizóides ou esquizofrênicas. Podem ser doentes quanto ao aspecto psiquiátrico, devido ao seu fraco sentido da realidade. Para equilibrar essa situação deveria ser dito que existem outros que estão ancorados tão firmemente na realidade, percebida objetivamente, que são doentes na razão inversa, isto é, quanto a se acharem alienados do mundo subjetivo e da abordagem criativa do fato. (Winnicott, 1971b, p.97).

Esta construção a respeito do objeto e do tipo de comunicação que se estabelece nas relações com ele, aproxima-nos da compreensão da transferência na situação analítica e do uso que o analisando pode fazer do objeto-analista. Cada analisando usa o analista de uma forma diferente. Alguns podem fazer surgir sua capacidade crítica já que se apresentam muito confusos, enquanto outros podem não se interessar por ela. Alguns criam "(...) pontos de identificação empática, possibilitando ao analista estabelecer-se dentro deles por um tempo, enquanto outros mantêm uma distância afetiva rigorosa que empobrece

1 Este termo refere-se ao que Cristopher Bollas identificou como "personalidades normóticas" – indivíduos para quem os elementos subjetivos da vida são considerados como inexistentes. Por não serem acometidos pela variação dos afetos, podem apresentar-se como excepcionalmente estáveis e fortes.

a vida emocional do analista" (Bollas, 1987, p. 336). Desta forma, o silêncio pode, por exemplo, ser entendido como uma comunicação muito mais significativa do que a comunicação que é explícita e está sendo feita ao mesmo tempo. O isolamento pessoal é parte da procura de uma identidade e do estabelecimento de uma técnica pessoal de comunicação que não permita a violação do verdadeiro *self*.

O reconhecimento, por parte do analista, dessa comunicação silenciosa, e a sua apreensão da forma pela qual está sendo usada, não implica, necessariamente, que um trabalho interpretativo seja feito. Nos adolescentes em especial, há uma resistência acentuada contra o fato de serem descobertos, isto é, serem encontrados antes de estarem lá para serem encontrados. Winnicott ressaltará, em vários momentos de sua obra, o quanto é perigoso que o analista interprete em vez de esperar que o paciente descubra criativamente. Para ele, uma das funções da interpretação é o estabelecimento dos limites da compreensão do analista, ou seja, sua impossibilidade de saber acerca do outro. Entre estas duas formas de comunicação, que correspondem a duas formas diferentes de apreensão dos objetos, há uma outra forma intermediária, que marca a transição de uma para a outra e onde se estabelecem os objetos e fenômenos transicionais. Este espaço intermediário, cuja raiz está na ilusão primária do bebê, é também denominado espaço potencial, pois nele se constituirão os objetos transicionais que depois se expandirão nas atividades do brincar na criança e nas experiências culturais de vários tipos. Segundo Winnicott (1971b),

> Essa área de desenvolvimento e experiência individuais parece ter sido desprezada, enquanto a atenção se focalizava na realidade psíquica, pessoal e interna, e sua relação com a realidade externa ou compartilhada. A experiência cultural não encontrou seu verdadeiro lugar na teoria utilizada pelos analistas em seu trabalho e em seu pensamento. Coube a mim ser um psicanalista que, talvez por ter sido pediatra, sentiu a importância desse fator universal na vida dos bebês e das crianças. (pp. 9-10)

Os objetos transicionais

Apesar das afirmações reticentes de Winnicott acerca do reconhecimento, por parte dos analistas, dos objetos e fenômenos transicionais, este parece ser o aspecto de sua teoria que menos restrições encontrou dentro da Psicanálise. A própria Psicanálise pode ser entendida como um significativo objeto transicional de nossa época. O que importa com relação aos objetos transicionais não é tanto a descrição que se pode fazer de tais objetos, mas, antes, o uso que se faz deles. Eles representam a primeira possessão não-eu do bebê; são e não-são um objeto subjetivo ou um objeto objetivamente percebido e isto constitui um paradoxo que não deve ser questionado. Na relação com o objeto transicio-

nal, o bebê passa do controle onipotente para o controle pela manipulação que envolve o erotismo muscular e o prazer da coordenação motora. Ele não está sob controle mágico, como o objeto interno, mas tampouco está fora de controle como a mãe real.

> Introduzi os termos "objetos transicionais" e "fenômenos transicionais" para designar a área intermediária de experiência, entre o polegar e o ursinho, entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto, entre a atividade criativa primária e a percepção objetiva baseada no teste da realidade....
> Por essa definição, o balbucio de um bebê e o modo como uma criança mais velha entoa um repertório de canções e melodias enquanto se prepara para dormir, incidem na área intermediária enquanto fenômenos transicionais, juntamente com o uso que é dado a objetos que não fazem parte do corpo do bebê, embora ainda não sejam plenamente reconhecidos como pertencentes à realidade externa. (Winnicott, 1971b, p. 14)

O padrão dos fenômenos e objetos transicionais surge, com amplas variações, por volta dos 4 aos 8 meses de idade e pode persistir por toda a infância, continuando a ser necessário na hora de dormir, em momentos de solidão ou em certas situações de depressão e angústia. Pode também reaparecer mais tarde, em situações psíquicas semelhantes. Às vezes, o bebê pode ser tão perturbado em seu desenvolvimento que o estado de transição não se estabelece, ou a seqüência pode ser interrompida ou, ainda, não se dá a passagem da mãe para um outro objeto – é o corpo da mãe ou do próprio bebê que é utilizado. Nestas situações, algum grau de patologia pode ser evidenciado. Há crianças que só conseguem dormir enrolando o cabelo da própria mãe – esta é uma forma de não permitir que a mãe se afaste e que um outro objeto, o ursinho, um boneco, a fraldinha..., possa, simbolicamente, ocupar o seu lugar. Seria necessário considerar, também, nestas situações, a possibilidade de essas mães separarem-se de seus bebês.

No atendimento clínico de crianças pequenas, podemos observar como, às vezes, elas vêm para a sessão acompanhadas de seu objeto tranqüilizador, como durante o trabalho se desprendem dele e como o retomam ao final da sessão. Também durante certas experiências mais angustiantes da vida, elas se ressentem de sua ausência. Os pais sabiamente não costumam viajar ou levar a criança para dormir em outros lugares sem se lembrar de levar junto esses objetos escolhidos pela criança. Durante as internações hospitalares este é um aspecto que deveria ser sempre considerado. Uma criança que possa ficar no hospital com seu objeto transicional terá maiores possibilidades de enfrentar a separação de seu ambiente familiar e de suportar as invasões que sempre são necessárias. Com o passar do tempo o objeto perde o significado e se espalha por todo o espaço intermediário entre a "realidade psíquica interna" e "o mundo externo partilhado", ampliando-se para o brincar, o sonhar, as produções culturais e para todo o viver simbólico e criativo. O objeto transicional e os fenômenos transicionais iniciam todos os seres humanos com o que sempre será

importante para eles, isto é, uma área neutra de experiência, de repouso, de prazer, que não deverá ser contestada.

A experiência criativa começa com o viver criativo, manifestado primeiramente nas brincadeiras. Isto é possível se, como já foi assinalado, o bebê encontrar confiança na figura da mãe e nos elementos do ambiente que o cercam. Depois de uma adaptação plena às necessidades do bebê, ocorre um fracasso gradativo nessa adaptação e esboçam-se as primeiras experiências de separação e autonomia. Neste momento, é importante que a mãe possa responder à nova necessidade do bebê – a de tornar-se autônomo; passando da dependência absoluta para a dependência relativa. O bebê elabora, então, suas primeiras brincadeiras imaginativas. Esta é a origem do espaço potencial – espaço entre o bebê e a mãe que é preenchido por objetos de sua (do bebê) própria criação. Tudo o que vier a preencher essa área e não for criação do bebê, ou se se tratar de uma análise, não for criação do analisando, poderá facilmente transformar-se em material persecutório sem que o bebê (ou o paciente) tenha condições de rejeitá-lo.

> Os analistas precisam estar atentos para evitar a criação de um sentimento de confiança e uma área intermediária em que a brincadeira possa se efetuar, e, depois, injetar nessa área ou inflá-la com interpretações que, com efeito, provêm de suas próprias imaginações criativas. (Winnicott, 1971b, p. 141)

O uso do objeto

Para Winnicott, a capacidade de usar o objeto vincula-se à entrada no psiquismo do Princípio da Realidade – a passagem do objeto subjetivo para o objeto na realidade existindo como tal. Para que isso ocorra, há um momento anterior que é o da destruição do objeto. Se ele sobrevive à destruição, então pode ser reconhecido como tendo existência própria. É, portanto, a destruição do objeto que o coloca fora da área do controle onipotente do sujeito.

> Se for numa análise que isso esteja se realizando, então, o analista, a técnica analítica e o cenário analítico, todos entram como sobrevivendo ou não aos ataques destrutivos do paciente. Essa atividade destrutiva constitui a tentativa, empreendida pelo paciente de colocar o analista fora da área do controle onipotente, isto é, para fora, no mundo. Sem a experiência da destrutividade máxima (objeto não protegido), o sujeito jamais coloca o analista para fora e, portanto, não pode mais do que experimentar uma espécie de auto-análise, usando o analista como projeção de uma parte do eu (self). Em termos de alimentação, então, o paciente pode alimentar-se unicamente do eu (self), e não pode usar o seio para nutrir-se. O paciente pode, inclusive, ter prazer na experiência analítica, mas, fundamentalmente, não sofrerá qualquer mudança...
>
> Na prática psicanalítica, as modificações positivas que se efetuam nessa área podem ser profundas. Tais modificações não dependem do trabalho interpretativo, mas da sobrevivência do analista aos ataques, que envolve e inclui a idéia da ausência de retaliação. Pode ser difícil ao analista suportar esses ataques especialmente quando se expressam em termos de delírio, ou através de uma manipulação que o induz a determinados procedimentos, tecnicamente infelizes.

> ...O analista preferiria interpretar, mas isso poderia prejudicar o processo e, para o paciente, poderia assemelhar-se a uma espécie de autodefesa, com o analista desviando o ataque do paciente. Nesse caso, é melhor esperar que a fase passe e, então, examinar com o paciente o que aconteceu... O aspecto essencial é a sobrevivência do analista... (Winnicott, 1971b, pp. 127-128)

Embora Winnicott fale da destruição do objeto pelo bebê ou da destruição do analista pelo paciente, é importante frisar que a destruição real seria o fracasso do objeto em sobreviver a esses ataques.

As situações de jogo

Para terminar, gostaria de tomar as situações de jogo descritas por Winnicott em sua experiência clínica e, através delas, processar o que ocorre em termos de comunicação e do brincar criativo, seja na relação com o bebê, seja na relação analítica.

O primeiro jogo, conhecido como "jogo da espátula", foi descrito por Winnicott em 1941 e provém de uma padronização – "situação estabelecida" – criada por ele em seu trabalho de atendimento psicopediátrico. (Winnicott, 1941). Este jogo, em sua seqüência completa, realiza-se entre os 5 e os 13 meses de idade. Depois dessa idade, o interesse pelos objetos torna-se tão amplo que a espátula, enquanto objeto que excita o desejo do bebê, pode simplesmente ser ignorada.

A mãe senta-se com a criança no colo, do lado oposto ao de Winnicott, com o ângulo da mesa entre os dois. Uma espátula brilhante é colocada sobre a mesa de forma que se a criança quiser, ela pode se apoderar dela. A mãe é orientada a não interferir na situação, a fim de que a espontaneidade da criança possa ser respeitada.

A seqüência normal dos eventos é a seguinte:

1º estágio – Chamado por Winnicott de "período de hesitação" – o bebê estende a mão para a espátula, mas descobre que a situação merece ser considerada. Fica num dilema. Ou, com a mão na espátula e o corpo imóvel, olha para Winnicott e para a mãe com olhos bem abertos, observa e espera ou, em alguns casos, retira completamente seu interesse e enterra a cabeça na blusa da mãe. É muito interessante observar o retorno gradual e espontâneo do interesse da criança pela espátula.

Neste estágio, é impossível para o observador levar a espátula à boca da criança, a menos que isso seja feito à força, o que acabaria interrompendo o jogo.

2º estágio – Gradualmente, a criança toma coragem suficiente para deixar que seus sentimentos cresçam e, então, o quadro se modifica rapidamente. A aceitação da realidade do seu desejo pela espátula é anunciada por uma transformação no interior da boca da criança e a saliva flui copiosamente. Logo, põe

a espátula na boca e mastiga-a com as gengivas ou segura-a com os lábios. A mudança no seu comportamento é marcante. O bebê parece sentir que agora está de posse da espátula e ela está à sua disposição. Bate com ela na mesa ou numa tigela que está próxima, ou brinca de comidinha com quem estiver ao seu lado.

Se os adultos imprimem realidade a essa brincadeira, metendo a espátula na boca – como se de fato tivesse comida, a criança fica aborrecida e o jogo se estraga como possibilidade lúdica e criativa. Já podemos antever aqui aquilo que Winnicott, mais tarde, em 1950, iria teorizar a respeito dos objetos transicionais – eles são e não são uma realidade objetiva.

3º estágio – O bebê deixa cair a espátula como por engano. Se ela lhe é devolvida fica contente e brinca de novo de deixá-la cair para que o jogo se repita. (Há aqui uma aproximação com o jogo do carretel descrito por Freud.) O final deste estágio tem lugar quando o bebê deseja ir para o chão junto da espátula e começa a colocá-la na boca e brincar com ela novamente, ou então quando se cansa dela e busca outros objetos para brincar. Se o atendimento pára antes desta fase, a criança terá dificuldade em separar-se da espátula e deixar a sala.

Esta "situação estabelecida" era utilizada por Winnicott também com finalidades diagnósticas e terapêuticas. Dessa seqüência que o jogo completo apresenta, pode-se deduzir, por exemplo, a importância do tempo das sessões no trabalho com crianças, não como um tempo de relógio, mas um tempo que respeita o término que se depreende do jogo feito pela criança. As interpretações podem também ser pensadas como um objeto cintilante que excita a curiosidade do paciente; se o momento é de "hesitação", elas não podem ser enfiadas à força na mente do analisando, pois, então, ele dificilmente "brincará" com elas.

O jogo da espátula, do qual foi possível depreender uma seqüência no desenvolvimento das crianças pequenas, difere essencialmente do jogo do rabisco, incluído mais tarde na clínica Winnicottiana. Neste, a mutualidade, a experiência criativa e a flexibilidade do *setting* são as marcas fundamentais do encontro entre os dois parceiros da situação analítica.

Sua apresentação é bastante simples: sobre uma mesa colocam-se lápis e papel, e o analista ou o paciente, um de cada vez, iniciam o jogo com um rabisco que o outro completa. Brincando com os rabiscos, o paciente pode chegar à comunicação de suas dificuldades, seus conflitos, seus sonhos e projetos. No entanto, o importante deste jogo não é o conteúdo que pode ser encontrado, mas, antes, o valor que a experiência adquire por ser vivida e partilhada.

O jogo do rabisco foi desenvolvido por Winnicott especialmente para as consultas terapêuticas – situações pontuais de atendimento em que não havia possibilidade de um trabalho contínuo e prolongado e para momentos em que era importante criar um facilitador da comunicação. O jogo funcionava, então, como uma espécie de objeto transicional dentro da cura analítica. Ele nasceu

também do interesse que Winnicott tinha por desenhos. Clare Winnicott conta que todos os dias ele a presenteava com um dos seus desenhos e que quando ela viajava ele os mandava pelo correio. É interessante pensar o quanto a criatividade própria de cada analista pode encontrar um lugar de realização na experiência com seus pacientes.

Foi na apresentação do seu livro *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil* que Winnicott assinalou, também, o lugar especial que os primeiros encontros adquiriram em sua prática clínica:

> Fiquei surpreso com a freqüência com que as crianças sonhavam comigo na noite anterior à consulta. Esse sonho com a pessoa que elas iriam ver obviamente refletia o preparo mental imaginativo delas mesmas em relação a médicos, dentistas e outras pessoas que se supõem sejam auxiliadoras. Também refletiam, em graus variados, a atitude dos pais e a preparação que fora feita para a visita. Contudo lá estava eu quando, para minha surpresa, descobri-me ajustando-me a uma noção preconcebida. As crianças que tiveram esse sonho me diziam que era comigo que haviam sonhado. Numa linguagem que uso atualmente, mas que não estava preparado para usar naquela época, encontrava-me na posição de objeto subjetivo. O que sinto agora é que nesse papel de objeto subjetivo, que raramente sobrevive à primeira ou às poucas primeiras entrevistas, o médico tem uma maior oportunidade de estar em contato com a criança. (Winnicott, 1971b, p. 12)

Revela-se, nessa afirmação, a semelhança entre o cuidado materno que responde ao gesto espontâneo do bebê e o lugar do analista que instala um clima de mutualidade, de confiança e de atendimento às necessidades de seus pacientes.

Referências bibliográficas

BOLLAS, C. (1987). *The shadow of the object: psychoanalysis of the Unthought known.* Edição consultada: *A sombra do objeto.* Rio de Janeiro, Imago, 1992.

WINNICOTT, D. W. (1941). *Collected papers (Through paediatrics to Psychoanalysis)* (1958). Edição consultada: *Textos selecionados: da pedidatria Psicanálise.* 3. ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988.

____ (1963). *The maturational processes and the facilitating environment (1979).* Edição consultada: *O ambiente e os processos de maturação.* 3. ed., Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.

____ (1971a). *Playing and reality.* Edição consultada: *O brincar & a realidade.* Rio de Janeiro, Imago, 1975.

____ (1971b). *Therapeutic consultations in child psychiatry.* Edição consultada: *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil.* Rio de Janeiro, Imago, 1984.

A metodologia de análise na proposta da Psicologia Sócio-Histórica para a produção de conhecimento*

Elisa Zaneratto Rosa**

RESUMO. Este trabalho procura sistematizar a proposta metodológica de análise da Psicologia Sócio-Histórica. Esta concebe o homem como constituído pelas relações que estabelece com o meio social e histórico, nas quais a linguagem é um instrumento fundamental, possibilitando a apropriação de significações socialmente produzidas, construindo novas significações e sentidos subjetivos perante as atividades e experiências, constituindo-se assim a consciência. Verificou-se que a metodologia é guiada pelo princípio da pesquisa qualitativa, priorizando-se o conhecimento profundo da singularidade. O conhecimento, acompanhando o movimento da realidade, deve considerar a processualidade e a transformação dos fenômenos. A análise deve buscar as determinações histórico-sociais constitutivas da consciência, bem como suas contradições, com o intuito de atingir sua essência. O acesso à consciência é possível a partir da apreensão das significações e dos sentidos expressos pelo indivíduo, os quais, enquanto dados empíricos recolhidos, devem ser organizados e relacionados com os pressupostos e conhecimentos teóricos, através de um esforço abstrato/reflexivo. Considerando a articulação entre pesquisa e intervenção, faz-se necessário levar em consideração a atuação do pesquisador e da proposta de pesquisa como elementos constitutivos do espaço intersubjetivo.

Palavras-chave: psicologia sócio-histórica, princípios metodológicos, análise de dados, pesquisa qualitativa, consciência, práxis.

ABSTRACT. This work attempts to systemitize and organize the methodological proposal for data analysis of the Socio-historic Psychology. The later conceives man as constituted by the relations he establishes with the social and historic environment, and language as a fundamental instrument, permitting the appropriation of socially produced significations, constructing new significations and subjective senses based on the activities and experiences lived, thus constituting conscience. That methodology of analysis is guided by the qualitative research principle, prioritizing the deep knowledge of singularity. The knowledge, following the movement of reality, has to consider the process and the transformation of the phenomena. The analysis must search for socio-historic determinations regarding conscience, as well as their contradictions, with the intention of achieving its essence. This access to conscience is possible from the apprehension of the significations and senses expressed by the individual which, as empirical data are collected, must be organized and related to the presuppositions and the theoretical knowledge, through an abstract/reflective effort. Considering the articulation between research and intervention, it is necessary to take into account the researcher's actions and the research proposal as elements pertaining to the inter-subjective space.

Key-words: socio-historic psychology, methodology principles, data analysis, qualitative research, conscience, praxis.

* Este trabalho foi desenvolvido junto ao núcleo de pesquisa *Adolescência: concepções e questões emergentes*, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, coordenado pelo professor Sérgio Ozella, como parte da integração entre PET e Pós-Graduação. Agradeço a oportunidade e orientação recebida dos professores Wanda Junqueira e Sérgio Ozella.

** Aluna da Faculdade de Psicologia da PUC-SP e participante do Programa PET-CAPES/PUC-SP. E-mail: psicopuc@pucsp.br

Introdução

A Psicologia Sócio-Histórica é uma vertente teórica que começa a se desenvolver no campo da Psicologia Social durante a segunda metade do século XX, mais especificamente entre as décadas de 70 e 80. O surgimento desta abordagem teórica está articulado ao contexto social da América Latina neste período, marcado pela exploração, pelas injustiças e opressões, pelas repressões e pelas ditaduras militares. Perante isto, o conjunto teórico de caráter fortemente pragmático e positivista começa a se mostrar ineficiente em termos de fornecer subsídios teóricos e práticos capazes de responder às necessidades desta realidade e do próprio desenvolvimento da ciência psicológica. Segundo Neves (1997, p. 8) "o papel da psicologia social, a concepção de homem que a fundamenta, a compreensão da relação homem/sociedade e a constituição da consciência" se colocam como questões centrais que orientam a construção de "uma nova psicologia social numa perspectiva sócio-histórica".

Suas proposições e construções teóricas e metodológicas estão fundamentadas em uma concepção materialista dialética de homem e mundo, até porque as pessoas que vêm construindo esta leitura partiram da obra de Vygotsky e de seus seguidores (principalmente Luria e Leontiev). Este autor construiu uma Psicologia na União Soviética, durante a primeira metade do século XX, com o intuito de oferecer uma reconstrução à ciência psicológica a partir do referencial marxista. A obra de Vygotsky é trazida para o Brasil e para a América Latina no final da década de 70 e início da década de 80, fornecendo subsídios teóricos para esta nova perspectiva que se desenvolvia na Psicologia Social.

Segundo o materialismo histórico dialético de Karl Marx, o homem se constrói na relação que estabelece com a realidade, a partir da qual atua na natureza e junto aos outros homens com o intuito de garantir seus meios de existência. É esta infra-estrutura que determina a organização da sociedade e, portanto, a própria consciência dos homens que dela fazem parte: "Aquilo que os indivíduos são depende portanto das condições materiais de sua produção" (Marx e Engels, 1980, p. 19). Assim, a superestrutura, ou seja, o conjunto de pensamentos e idéias que correspondem à instância política e ideológica da sociedade, é determinada pela infra-estrutura, a expressa e serve à sua manutenção e reprodução. Segundo Marx (1982, in Andery *et alii*, 1994, p. 408)

> na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual. *Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência.* (O grifo é meu)

A realidade, estruturada em torno da organização e das relações materiais nela estabelecidas, encontra-se em constante processo de transformação e complexificação dialética: há um momento em que as forças produtivas entram em contradição com a forma como os homens estão organizados em suas relações, de tal modo que a própria organização do sistema vai se alterando com uma nova configuração destas forças produtivas. É assim que a organização da sociedade gera sua contradição e, portanto, sua transformação. A partir disso, concebe-se que a essência de cada fenômeno, constituído e determinado pela totalidade de relações materiais em que se insere e do qual é parte, é a contradição dialética, a transformação.

O conhecimento desta realidade e destes fenômenos é possível na medida em que se supera a sua aparência, em busca da essência, o que é garantido através da apreensão de suas determinações e de seu movimento de contradição interna. Este conhecimento parte da realidade e, nesta medida, exige e implica a transformação da mesma, de modo que, para Marx (1974, in Andery *et alii*, 1994), o conhecimento científico implica uma práxis.

Insatisfeito com a produção psicológica de sua época, marcada por modelos elementaristas e subjetivistas que opunham objetividade x subjetividade, mundo interno x mundo externo, colocando-os em posição de dualidade, Vygotsky constrói uma psicologia guiada pelos princípios e métodos do materialismo dialético e, portanto, pelo princípio da gênese social da consciência. Propõe-se a descrever e explicar o desenvolvimento do psiquismo e comportamento humanos a partir das funções psicológicas superiores – pensamento, linguagem e consciência. Pode-se citar como princípio essencial colocado pelo autor a crítica à concepção de desenvolvimento natural do ser humano, assim como à concepção da existência de uma natureza humana universal e imutável. Vygotsky defende que o humano se constitui pela relação do homem com a realidade, não só enquanto meio social imediato, mas enquanto processo cultural historicamente produzido. A condição humana é, portanto, construída sócio-historicamente, nas relações sociais e na ação dos homens sobre a realidade.

Cabe ressaltar, ainda, as seguintes contribuições deste autor ao desenvolvimento de uma estrutura teórica marxista para a Psicologia: a compreensão dos fenômenos como processos em movimento e mudança; a concepção de homem como um ser que atua sobre a realidade por intermédio de instrumentos, transformando, assim, esta realidade e si próprio; o pressuposto de que o conhecimento deve apreender, a partir do aparente, as determinações constitutivas do objeto e de que a origem e a base do movimento individual estão nas condições sociais de vida historicamente formadas.

A Psicologia Sócio-Histórica, desenvolvida a partir dos preceitos da obra de Vygotsky e do materialismo dialético de Marx, discute a construção do psiquismo e da subjetividade a partir da concepção de homem como um ser histórico, ativo e social. Ele é determinado pelas relações que estabelece com o

meio social e pela apropriação da história da humanidade, ao mesmo tempo em que, pela sua ação nesta realidade, constrói este meio social e esta história. Portanto, ele é construído pela dimensão histórico-social e é construtor desta dimensão.

Dizer que o homem é um ser inscrito e determinado pela dimensão social e histórica não significa negar sua singularidade, sua subjetividade e concebê-lo como um puro reflexo imediato deste mundo objetivo e concreto. Entende-se que homem e sociedade vivem uma relação dialética, denominada como uma relação de *mediação*: o indivíduo, como parte constitutiva do social, o contém e não existe sem ele, porém é mais do que este social, é diferente dele; do mesmo modo, o social não é idêntico aos indivíduos. Assim, homem e sociedade não existem um sem o outro, mas não se diluem um no outro, não são idênticos. O homem se constrói a partir de suas relações com a realidade social e neste processo apropria-se de forma subjetiva e particular do social, transforma-o ao interiorizá-lo e, assim, se transforma. É por isso que sua relação com a realidade é uma relação de mediação e não de influência: ele se constitui não por uma absorção imediata do meio, mas por um processo constante de subjetivação da realidade que o torna único. Neste processo, o mundo objetivo é convertido para o subjetivo, no qual se configura algo novo. Ao mesmo tempo em que se constrói na relação com um contexto social que encarna o processo histórico, o homem constrói esta realidade através de sua atuação sobre ela. Portanto, o individual e o social contêm um ao outro sem se diluírem, o que implica dizer que não há uma relação de identidade entre indivíduo e sociedade.

Ao atuar na realidade, o homem utiliza instrumentos. Segundo Vygotsky (1984), estes instrumentos cristalizam a história da humanidade e, ao utilizá-los na relação com os outros num espaço intersubjetivo, o homem se apropria desta história e internaliza a construção cultural humana, reconstruindo-a. A linguagem é o instrumento fundamental na constituição do psiquismo humano; produzida social e historicamente, ela corresponde aos signos que medeiam o contato do indivíduo com o mundo exterior e consigo mesmo, com sua consciência. Para Vygotsky, a atividade é semioticamente mediada, isto é, ela é preenchida por significações construídas no processo social e histórico: o homem significa suas vivências através da linguagem, apropriando-se de significações construídas socialmente e oferecendo sentidos pessoais e subjetivos construídos por sua história de vida, também social e historicamente, de forma que cada indivíduo constitui uma singularidade, mediada pela totalidade.

A consciência, principal categoria estudada pela Psicologia Sócio-Histórica, está diretamente relacionada à linguagem. Ela se caracteriza por ser uma processualidade constante, na qual, a partir de uma relação dialética com a realidade, o sujeito se constitui em suas formas de sentir, pensar e agir. O movimento do pensar, sentir e agir do sujeito, determinado pelas relações mate-

riais vividas, define o movimento de sua consciência. Toda transformação da consciência envolve a integração e a superação dos movimentos de contradição entre estes processos.

A consciência

> é semioticamente estruturada, resultado dos próprios signos, ou seja, de instrumentos construídos pela cultura e pelos outros que, quando internalizados, tornam-se instrumentos internos e subjetivos da relação do indivíduo consigo mesmo. (Neves, s/d, p. 9)

Por conta disso, a palavra/signos é o elemento mediador através do qual são possíveis a compreensão e a apreensão da consciência dos indivíduos. Segundo Vygotsky (1979, p. 200), "As palavras desempenham um papel fundamental não só no desenvolvimento do pensamento mas também no desenvolvimento histórico da consciência como um todo. Cada palavra é um microcosmos da consciência humana".

A Psicologia Sócio-Histórica está bastante direcionada ao estudo da consciência. Sendo a consciência humana constituída pela linguagem, conhecê-la implica conhecer os signos que medeiam a relação deste indivíduo com a realidade, ou seja, a maneira como ele significa suas vivências e o sentido que atribui a elas. Desta maneira, a produção de conhecimento na abordagem procura, em última instância, apreender o movimento da consciência dos indivíduos, o processo pelo qual as formas de pensar, sentir e agir se constroem na relação com a realidade e se transformam dialeticamente nesta totalidade.

Este trabalho objetiva oferecer uma *sistematização da metodologia de análise* que orienta as produções científicas realizadas nesta abordagem teórica, explicitando a coerência destes pressupostos metodológicos com os pressupostos teóricos acima apresentados e com a concepção de mundo, de homem e de relação sujeito-objeto que fundamenta a Psicologia Sócio-Histórica – o materialismo dialético.

Já que serão desenvolvidas algumas idéias acerca da metodologia de análise de dados na pesquisa em Sócio-Histórica, cabe colocar algo acerca da maneira como é entendida a produção de conhecimento científico na abordagem e de qual o papel ocupado por esta produção. Conforme foi anunciado anteriormente, Marx propõe que o conhecimento parta do real e se refira a ele, de modo a exigir e implicar a possibilidade de transformação desta realidade. É por isso que ele envolve teoria e prática e depende de um método que explique as formações ideológicas sobre a base da prática material, procurando desvendar as múltiplas determinações materiais em que o fenômeno se insere e que o constituem. Desta forma, toda a produção do conhecimento em Psicologia Sócio-Histórica está atravessada por um compromisso ético-político com a realidade e os seres humanos que estão sendo estudados. Muitas vezes são realizadas Pesquisas-Ação e Pesquisas-Participante, assim como projetos de intervenção que se tornam instrumentos de estudo em pesquisas; enfim, o

conhecimento envolve sempre uma práxis. Segundo Lane (1984:18) "Pesquisador e pesquisado se definem por relações sociais que tanto podem ser reprodutoras como podem ser transformadoras das condições sociais onde ambos se inserem; desta forma, consciente ou não, sempre a pesquisa implica intervenção, ação de uns sobre os outros".

Os princípios metodológicos da Psicologia Sócio-Histórica: considerações sobre a análise dos dados

A compreensão da metodologia de análise de dados na proposta da Psicologia Sócio-Histórica para a produção do conhecimento está articulada à compreensão de alguns princípios básicos que orientam o desenvolvimento das pesquisas nesta linha teórica da Psicologia.

Fundamentada na concepção materialista dialética, a colocação da possibilidade de conhecer a essência dos fenômenos é um dos princípios centrais referentes à relação sujeito-objeto. Assim, pressupõe-se que o conhecimento da essência do objeto por parte do sujeito pesquisador é possível. Para tanto, a análise realizada neste processo de produção de conhecimento deve partir da aparência do objeto/fenômeno estudado e atingir sua essência. Isto quer dizer que o conhecimento da aparência é importante, mas não oferece toda a compreensão necessária, não permite a apreensão do fenômeno em sua totalidade. A aparência diz respeito aos dados empíricos e, portanto, se faz necessário ir além destes dados, realizando um pensamento teórico e abstrato que encaminhe para a compreensão das determinações materiais deste fenômeno, bem como de suas transformações, seu processo e suas contradições. A aparência é uma manifestação da essência, mas não expressa sua totalidade. Portanto, é necessário um aprofundamento teórico que busque atingir a totalidade histórico-social, situar o objeto de estudo, identificando as determinações a que está sujeito e desvendando sua dinâmica. Se a essência do fenômeno está em suas determinações histórico-sociais e em sua transformação dialética, é isto que deve ser buscado, o que só se atinge avançando a partir do dado empírico, através de um esforço e de uma compreensão teórica. Assim, cada dado coletado e analisado é compreendido a partir de uma ponte com o referencial teórico já produzido, no intuito de compreender este dado em sua totalidade e em sua essência e de oferecer um desenvolvimento e uma evolução nas proposições teóricas disponíveis.

A análise fornece, portanto, um conhecimento que ao mesmo tempo é absoluto e relativo. Absoluto porque corresponde à essência do fenômeno estudado, mas relativo porque diz respeito a um momento específico, uma vez que a proposição fundamental da dialética é a mudança, a transformação, de maneira que "a análise psicológica deve sempre incidir sobre os processos, nunca com-

preendidos como objetos fixos e estáveis" (Neves, 1997, p. 65). Se a realidade, o indivíduo e a consciência estão em constante processo de transformação, o conhecimento também deve estar.

Outro princípio fundamental que orienta o processo de análise nas pesquisas sócio-históricas está articulado à concepção de homem como construído pelo meio e pelas relações histórico-sociais, de modo a estabelecer uma relação de mediação com a sociedade. Assim, todo indivíduo deve ser visto como uma mediação da totalidade social em que se insere, de tal modo que, ao apreendermos uma particularidade, estamos apreendendo também a totalidade que a constitui, da qual é parte e, portanto, a qual expressa. A compreensão de um sujeito, de uma subjetividade, de uma consciência individual expressa uma compreensão da dimensão histórico-social que os determina. A partir deste princípio, o processo de análise não se preocupa em buscar, garantir e fornecer generalizações, nem tampouco há uma preocupação em analisar amostras estatisticamente significativas. O que importa é compreender as particularidades estudadas em sua essência e, na medida em que esta contém a totalidade histórico-social, isto nos permite pensar algo a respeito desta totalidade. Portanto, um indivíduo, uma subjetividade, uma consciência expressam as subjetividades de sua época, porque contém em si a totalidade que os determina. Neste sentido, Rey[1] defende que a análise da subjetividade individual possibilita a compreensão da subjetividade coletiva; por outro lado, a análise da subjetividade coletiva oferece elementos abrangentes, que podem ser profundos e relevantes, mas que não garantem uma apreensão completa da singularidade e de seu movimento.

Estes princípios caracterizam uma metodologia qualitativa preferencialmente aos procedimentos e orientações quantitativas. É fundamental a realização de um pensamento que busque o significado e o sentido dos dados através das reflexões teóricas, das relações com a totalidade, da compreensão de sua processualidade.

Rey[2] caracteriza os processos qualitativos de produção de conhecimento destacando três pontos:

1. para além de constatar fatos, constroem-se idéias, de modo que o empírico é um momento na construção destas. Além disso, a verificação do conhecimento é histórica, uma vez que as teorias não são verificáveis.

2. A singularidade é legitimada na construção do conhecimento e a qualidade está na profundidade e não na magnitude numérica: o ato do pensamento humano tem produzido mais conhecimentos significativos do que a relação es-

1 Rey, F.G. Debate realizado junto ao Núcleo de Estudos *Adolescência: concepções e questões emergentes* do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da PUC-SP, em 12/5/98.

2 Rey, F.G. *Epistemologia Qualitativa: uma proposta para a produção de conhecimento em Psicologia Social.* Curso ministrado na Faculdade de Psicologia da PUC-SP, em 11 e 12/5/98.

tatística. A construção teórica é essencial neste processo, uma vez que a subjetividade não expressa processos regulares e lineares, inviabilizando medições. Deste modo, os dados que surgem na relação são tão ou mais importantes que aqueles fornecidos por instrumentos.

3. Os processos de produção de conhecimento nas ciências humanas são processos de relacionamento, em que um constrói o outro. O instrumento deve ser uma ferramenta de interação e não uma ferramenta de se obter resposta; ele não produz resultados finais, mas pontos parciais a serem inseridos na construção teórica. Rey (1997) afirma que dentro da epistemologia qualitativa os métodos são considerados momentos constitutivos em uma relação humana, entre o investigador e o investigado, relação esta que é essencial no que se refere à qualidade do conhecimento produzido.

Cabe ainda uma remissão à questão da construção do conhecimento enquanto produção de uma ação refletida na realidade. Segundo Frigotto (1989, p. 81)

> A teoria materialista histórica sustenta que o conhecimento efetivamente se dá *na* e *pela* práxis. A práxis expressa, justamente, a unidade indissolúvel de duas dimensões distintas, diversas no processo de conhecimento: a teoria e a ação. A reflexão teórica sobre a realidade não é uma reflexão diletante, mas uma reflexão em função da ação para transformar.

Trata-se, portanto, de um processo de produção de conhecimento que realiza uma reflexão *a partir*, *junto a* e *em função de* uma ação comprometida com a realidade na qual se está trabalhando. Assim, os processo qualitativos estão vinculados à construção de conhecimentos que não se constituem como abstrações a respeito de um objeto de estudo, mas sim como uma reflexão vinculada à ação na realidade.

Se a pesquisa Sócio-Histórica assume este compromisso ético e político com a realidade e os indivíduos no sentido de uma transformação (seja através de Pesquisas-Ação, Pesquisas-Participante e de pesquisas desenvolvidas a partir de projetos de intervenção, seja através de outras que, ainda por procedimentos mais indiretos, se comprometem com esta transformação), é essencial e fundamental que a análise dos dados considere a ação da pesquisa e do pesquisador no momento de compreender a realidade, o sujeito estudado e o movimento de contradição e transformação de sua consciência, isto é, de seus pensamentos, de seus sentimentos e de suas ações. A investigação terá, de algum modo, uma articulação com uma intervenção, ainda que este não seja seu objetivo direto, e isto pode se dar de diversas maneiras: seja no sentido de propiciar re-significações, seja no de gerar contradições no campo em que se está atuando, ou no de trazer elementos novos para reflexão, etc. Ao conceber-se os indivíduos como multideterminados, pensa-se que o pesquisador, na medida em que passa a fazer parte do campo de relações e vivências destas pessoas, constitui-se como mais uma de suas determinações. Cabe-lhe o papel de, ao

analisar o movimento das falas destas pessoas e, portanto, da consciência das mesmas, refletir sobre a sua determinação neste processo.

Ainda em relação a este aspecto, é importante destacar que, pelo fato de o pesquisador interagir na realidade no momento de produzir os dados, é interessante que ele inicie a análise durante o próprio processo de ação/pesquisa/intervenção, o que pode permitir tanto uma coleta de dados mais rica, refletida e eficaz, quanto uma análise e uma compreensão mais profundas do fenômeno estudado, da consciência dos sujeitos com os quais se está interagindo.

Foi dito anteriormente que são o objetivo maior das pesquisas na abordagem Sócio-Histórica a apreensão e a compreensão da consciência dos indivíduos e do movimento da mesma. Colocou-se que interessa conhecer esta consciência inserida em uma totalidade histórico-social, desvendando suas determinações, sua processualidade e sua contradição dialética, garantindo assim o alcance de sua essência. Contudo, a consciência é uma categoria, um constructo hipotético e, como tal, procura explicitar uma zona da realidade (a organização do pensar, sentir e agir do indivíduo) que não se apreende diretamente, mas através de suas mediações. Sendo a consciência constituída enquanto linguagem, a fala é a sua mediação maior, capaz de expressá-la. Portanto, é principalmente através da fala dos sujeitos que a análise pode alcançar a consciência e seu movimento.

Resgatando algumas formulações teóricas, foi apontado que para Vygotsky é através da palavra que se tem a maior possibilidade de entender a consciência. Na relação com o mundo, nas experiências vividas pelo homem, este se constrói singularmente, significando e configurando em sua subjetividade cada experiência de forma particular. Nesta atividade do homem sobre a realidade, a linguagem é um dos seus grandes instrumentos: é o instrumento psicológico, por meio do qual ele significa a sua atividade, permitindo o contato com o mundo exterior e ao mesmo tempo com a própria consciência. A linguagem é o instrumento utilizado nas relações entre os homens, transformando diretamente as subjetividades aí envolvidas. Os signos podem, assim, ser concebidos como instrumentos voltados para a criação e a transformação do plano subjetivo do sujeito. O signo permite operar no plano psicológico, sendo constitutivo da consciência: é através da palavra que se operam o pensamento e o sentimento; ela é, pois, o "microcosmos" da consciência.

A linguagem tem, portanto, um papel central no movimento da consciência. Por conta disso, a compreensão deste movimento, ou seja, das formas de pensar, sentir e agir do indivíduo, torna-se possível essencialmente através de suas falas. Estas expressam as significações e o sentido que atribui a suas vivências e experiências. Na análise dos dados, é essencial que estas significações e sentidos subjetivos sejam apreendidos o máximo possível em sua totalidade, a fim de que se possa desvendar o movimento de constituição e transformação do pensar, sentir e agir dos indivíduos.

As falas e significações expressas pelo sujeito podem ser organizadas de diferentes maneiras, de modo a facilitar o processo de entendimento e reflexão abstrata que garante a construção de um conhecimento qualitativo e valioso. Uma dessas formas é o agrupamento em núcleos de significação. Estes núcleos reúnem as significações expressas pelo indivíduo em torno de temas específicos, os quais são selecionados por se mostrarem mais relevantes e apresentarem maior força no contexto (seja pela freqüência com a qual aparecem, seja pelas emoções, contradições e conflitos neles articulados), ou mesmo pelo fato de alguns temas serem considerados, pelo próprio pesquisador, como fundamentais no processo que está sendo investigado.

Colocando o exemplo da pesquisa *As formas de significação como mediação da consciência: um estudo sobre o movimento da consciência de um grupo de professores* (Neves, 1997), foram levantados núcleos como os referentes às significações sobre o ser professora e às significações sobre o próprio grupo de professoras que realizavam um trabalho junto com a pesquisadora, pelo papel central que ocupavam nas discussões realizadas. Contudo, outros núcleos de significação, como aqueles referentes aos temas escola, educação e aluno, apesar de não agruparem significações em relação às quais as professoras mostravam-se muito envolvidas, foram considerados essenciais para a compreensão da realidade que se buscava apreender.

A análise das significações assim organizadas realiza-se na medida em que estes núcleos são reinseridos em seu movimento e em sua totalidade. Eles envolvem processos que se multideterminam e se inter-relacionam constantemente, por conta do quê as descrições destes temas somente podem ser explicadas na medida em que as significações referentes a cada um deles forem sendo reintegradas, a partir das relações que estabelecem entre si e da totalidade social e histórica na qual estão inscritas. Desta maneira, é possível apreender a maneira como estas falas expressam significações socialmente produzidas, processos de contradição, sentidos subjetivos não apreendidos em sua totalidade. A articulação com os princípios e conhecimentos teóricos disponíveis é essencial para que se construam formulações que permitam conhecer a consciência e seu movimento.

Assim, o importante para que se garanta a apreensão das formas de sentir, pensar e agir dos sujeitos estudados é a realização de um trabalho a partir de suas mediações, as quais se referem aos signos. Tendo como ponto de partida esse material empírico é que se constrói um pensamento abstrato, recorrendo-se às formulações teóricas e permitindo-se, com isto, a construção de um conhecimento relevante e, paralelamente, uma ampliação deste campo de conhecimentos.

Considerações finais

O grande pressuposto teórico-metodológico da Psicologia Sócio-Histórica é o materialismo dialético. Esta concepção representa um avanço para o campo do conhecimento científico, no que diz respeito ao problema da relação sujeito-objeto e à questão da possibilidade ou não da construção do conhecimento. Ela permite a construção de um modelo e um pressuposto que rompe com a dicotomia subjetivo x objetivo, mundo interno x mundo externo, defendendo que o sujeito constitui-se pela totalidade de determinações em que se insere e que são princípio de todos os fenômenos e de toda a realidade a contradição e a transformação. Neste sentido, é coerente afirmar a possibilidade de conhecimento, dentro dos parâmetros aqui colocados: o compromisso com um avanço em relação à aparência, no intuito de buscar as determinações constitutivas dos fenômenos e seu processo de transformação e a possibilidade de compreender o todo a partir da parte, da singularidade por ele constituída, já que esta medeia e expressa a totalidade. Assim, é possível oferecer um conhecimento absoluto em relação ao momento específico ao qual se refere. Ou seja, trata-se de um conhecimento cuja análise é comprometida com o momento e a inscrição em um contexto histórico-social. Por conta disso, o material a partir do qual se realiza uma análise expressa um recorte da realidade, de maneira que este deve constituir um momento a ser sempre relacionado com outros momentos.

O modelo adotado é o paradigma da pesquisa qualitativa. Há uma preocupação em partir de dados empíricos e analisar estes de tal modo que se possa chegar à compreensão de um caso singular, apreendendo-se a partir daí a totalidade que ele contém. Ou seja, o objetivo não é a generalização dos dados, mas a possibilidade que eles fornecem à articulação com uma teoria, à ampliação desta e à melhor compreensão do mundo e do homem dos quais, como parte, são mediações.

Para alcançar tal objetivo, faz-se necessário, no entanto, ir além da aparência, do dado empírico colhido, para a abstração, que diz respeito à sua compreensão. Assim, considera-se que o fato científico tem duas naturezas: a natureza empírica e a abstrata. O empírico contém o abstrato, mas não o evidencia; portanto, parte-se dele, mas procura-se ir além, com o intuito de investigar as propriedades abstratas que ele carrega: o movimento que nele se expressa, suas contradições e ainda sua articulação com a realidade mais ampla, ou seja, o que carrega do social e do histórico, que sentido subjetivo contém, que idéia de homem e realidade nos permite construir. É assim que se pode atingir, para além da aparência do fenômeno (o dado empírico), sua essência e é assim que se pode enriquecer a teoria de que se dispõe.

É a partir destes princípios que se constitui a metodologia de análise na perspectiva Sócio-Histórica. Cabe destacar o papel fundamental atribuído à lin-

guagem como mediadora da consciência e, portanto, a importância de trabalhar com as significações socialmente oferecidas e atribuídas pelo sujeito, bem como com seus sentidos subjetivos enquanto elementos constitutivos e expressão dos modos de pensar, sentir e agir dos indivíduos.

Um outro aspecto importante de se colocar em discussão neste trabalho é a aproximação entre teoria e prática na abordagem, a qual pode remeter à questão da aproximação entre o pesquisar e o prestar serviços, tema tão polêmico e gerador de controvérsias no campo científico. Luna (1997) defende que o compromisso com uma ação social relevante não é suficiente para caracterizar uma pesquisa e procura diferenciar estes dois campos de trabalho. Sem apresentar as duas modalidades como incompatíveis, este autor coloca que elas implicam compromissos e objetivos diferentes, cuja especificidade não pode se perder:

> Por mais verdadeiro que seja o fato de que teoria e prática precisam interagir continuamente e por mais indiscutível que seja a necessidade do compromisso do pesquisador com a realidade, permanece o fato de que ambas – prestação de serviços e pesquisa – têm objetivos e interlocutores diferentes, que desempenham funções diferentes no processo de desenvolvimento do conhecimento. (Luna, 1997, p. 26)

Sob este prisma, parece que do ponto de vista do trabalho de intervenção/prestação de serviços quando articulado a uma pesquisa, deve-se manter um compromisso com a demanda apresentada e com as necessidades e objetivos da população e da proposta em questão. No que se refere à pesquisa realizada a partir desta ação, é de suma importância que o pesquisador não se perca no que diz respeito ao seu problema e ao seu compromisso com a comunidade científica, garantindo no processo de análise de dados uma reflexão a respeito de sua ação e do espaço de relação criado pela sua intervenção como elementos determinantes, constitutivos e transformadores (ou não) desta realidade e da consciência dos indivíduos. Fica, portanto, esta atenção especial às reflexões e implicações referentes à interação entre pesquisa e intervenção/atuação, com o intuito de garantir a especificidade e a qualidade de ambas as atividades.

Cabe, também, pensar a questão da possibilidade de uma postura capaz de oferecer uma análise que não seja universalizante e, portanto, vazia e reducionista, mas que consiga definir e manter parâmetros que lhe garantam um distanciamento em relação ao perigo do relativismo e de uma produção pouco valiosa e contribuidora. Talvez o compromisso com o caminho da articulação aos pressupostos teóricos através da reflexão abstrata seja promissor neste sentido, na medida em que ele permite avançar em relação às particularidades com as quais se trabalha.

Referências bibliográficas

ANDERY, M. A. A, *et alii.* (1994). *Para compreender a ciência.* Rio de Janeiro, Espaço e Tempo/São Paulo, Educ.

FRIGOTTO, G. (1989). "O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional". In: FAZENDA, I. *Metodologia da pesquisa educacional.* São Paulo, Cortez.

LANE, S. T. M. (1984). A Psicologia Social e uma nova concepção de homem para a Psicologia. In: LANE, S. T. M. e CODO, W. *Psicologia Social – O homem em movimento.* São Paulo, Brasiliense.

LUNA, S. V. de. (1997). *Planejamento de pesquisa – Uma introdução.* São Paulo, Educ.

MARX, K. e ENGELS, F. (1980). *A ideologia alemã I.* Lisboa, Editorial Presença.

NEVES, W. M. J. (1997). *As formas de significação como mediação da consciência: um estudo sobre o movimento da consciência de um grupo de professores.* São Paulo, PUC-SP. Tese de Doutorado.

____ (s/d). *A categoria consciência: algumas reflexões a partir da Psicologia Sócio-Histórica.* (Mimeo.)

REY, F. G. (1997). *Epistemología cualitativa y subjetividad.* São Paulo, Educ.

VYGOTSKY, L. S. (1979). *Pensamento e linguagem.* Lisboa, Antídoto.

____ (1984). *A formação social da mente.* São Paulo, Martins Fontes.

Normas para apresentação e publicação

A *Psicologia Revista* é um periódico indexado pelo LILACS que publica artigos originais tanto de autores nacionais quanto estrangeiros. Os trabalhos enviados devem se inserir em uma das categorias abaixo:

- Relatos de pesquisa
- Artigos teóricos
- Revisões de literatura
- Resenhas críticas
- Entrevistas
- Comunicações sobre pesquisas em andamento

Apresentação e envio de proposta para publicação

As propostas de trabalho devem ser enviadas para a secretaria da Faculdade de Psicologia da PUC-SP, Rua Monte Alegre, 984, sala T 53, Perdizes, São Paulo-SP, CEP 05014-001. Em caso de dúvida ou informações complementares, pode-se entrar em contato com as editores pelo telefone (11) 3670-8155 ou por e-mail: rosane@pucsp.br e noely@teknobank.com.br

Os originais devem ser apresentados em duas vias, acompanhados de cópia em disquete em qualquer versão Word (a partir de 2.0).

Além do texto propriamente dito, solicita-se que o autor apresente uma página de rosto com informações completas de endereço, forma preferencial de contato e indicações breves sobre o texto:

- foi apresentado em encontro científico?
- foi reelaborado a partir de dissertação ou tese?
- é um artigo revisto?
- foi financiado por alguma agência?

Normas de redação

O trabalho completo deve ter um mínimo de 10 e um máximo de 30 laudas. Deve estar digitado em texto corrido (teclando ENTER apenas para mudança de parágrafo), em letra Arial 12, espaço duplo. Em caso de apresentação de figuras e tabelas, estas devem ser enviadas em arquivo separado. Notas de rodapé também devem ser enviadas em arquivo separado.

O texto deve conter:

1. Título completo em português e inglês.

2. Nome(s) do(s) autor(es), titulação, filiação institucional, endereço eletrônico e outras informações que considere(m) relevantes.

3. Resumos em português e inglês com o máximo de 200 palavras ou 15 linhas.

4. Palavras-chave em português e inglês: no mínimo três, no máximo cinco.

5. Informações bibliográficas conforme instruções abaixo.

5.1. As citações no corpo do texto devem conter:

a. sobrenome do autor da obra mencionada ou da obra de onde foi extraída a citação;

b. data da publicação original (primeira publicação) da obra mencionada ou da obra de onde foi extraída a citação;

c. no caso de citação, número da(s) página(s) de onde foi extraída a citação, na edição consultada (não necessariamente a edição original).

Exemplo: (Mcneill, 1970, p. 132); ou Assis (1992)

5.2. As referências bibliográficas (enviadas em arquivo separado) devem conter:

a. sobrenome e nome do autor da obra referida;

b. data da publicação;

c. nome da obra referida;

d. dados da obra referida: local da publicação e editora e número da edição, no caso de livros. Nome do periódico, volume, número e página(s), no caso de periódico.

Exemplos:

LANE, Silvia T. (1985). Linguagem, pensamento e representações sociais. In: LANE, Silvia T. M. e CODO, Wanderley (orgs.). *Psicologia so- cial – O homem em movimento.* 3. ed., São Paulo, Brasiliense.

MARTURANO, Edna M. (1976). Interação criança-mãe: características do componente verbal em três situações. *Psicologia*, vol. 2, n. 3, pp. 43-59.

Procedimento de análise

O procedimento adotado para aceitação definitiva para publicação será o seguinte:

– Primeira etapa: seleção dos artigos segundo critério de relevância e adequação às diretrizes editoriais.

– Segunda etapa: parecer de qualidade a ser elaborado por consultores científicos.

Os pareceres comportam três possibilidades:

a. aceitação integral;

b. aceitação com alterações;

c. recusa integral.

Em qualquer dos casos o autor receberá informações sobre o parecer do consultor.

Após selecionados, os artigos ainda passarão por um processo de preparação editorial especializada e serão enviados aos autores, caso sejam necessárias correções finais.



Impressão de miolo e acabamento:

Gráfica da PUC-SP

Rua Ministro Godói, 965 – Perdizes – SP

Tel.: 3670-8366